



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

CRISTIANE CAVALCANTI MOREIRA

OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ESTUDANTES
DE FISIOTERAPIA: INFLUÊNCIA FAMILIAR E A
EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO



Salvador

2019

CRISTIANE CAVALCANTI MOREIRA

**OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ESTUDANTES
DE FISIOTERAPIA: INFLUÊNCIA FAMILIAR E A
EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador em cumprimento obrigatório dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea.

Linha de Pesquisa: Contextos Familiares e Subjetividade

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Livia Alessandra Fialho da Costa

Co-Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Helena Fraga Maia

Salvador

2019

Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

M838 Moreira, Cristiane Cavalcanti
Os sentidos atribuídos ao estágio supervisionado pelos estudantes
de Fisioterapia: influência familiar e a experiência no estágio supervisona- do/Cristiane
Cavalcanti Moreira. – Salvador, 2019.
105 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa
e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Livia Alessandra Fialho da Costa.
Coorientadora: Prof^ª. Dra. Helena Fraga-Maia.

1. Estágio supervisionado obrigatório 2. Fisioterapia 3. Resoluções
I. Leis I. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação II. Costa, Livia Alessandra Fialho da – Orientadora
III. Fraga-Maia, Helena - Coorientadora IV. Título.

CDU 316.356.2:378.046.2

CRISTIANE CAVALCANTI MOREIRA

**OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ESTUDANTES
DE FISIOTERAPIA: INFLUÊNCIA FAMILIAR E A
EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora em Família na Sociedade
Contemporânea da Universidade Católica do Salvador

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Livia Alessandra Fialho da Costa (Orientadora)

Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*
Universidade Católica do Salvador

Prof.^a Dr.^a Helena Maria Silveira Fraga Maia (co-orientadora)

Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia
Universidade do Estado da Bahia

Prof.^a Dr.^a Sumaia Mildlej Pimentel Sá

Doutora em Família na Sociedade Contemporânea
Universidade Católica do Salvador

Prof.^a Dr.^a Ana Sueli Teixeira de Pinho

Doutora em Educação pela Universidade do Estado da Bahia
GRAFHO – Grupo de Pesquisa (Auto)Biografia, Formação e História Oral
Universidade do Estado da Bahia

Prof.^a Dr. Elizeu Clementino de Souza

Universidade do Estado da Bahia
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Pós-Doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2012), Pós-
doutorado/Estágio Sênior na Universidade de Paris 13-França

TERMO DE APROVAÇÃO

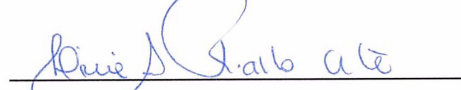
Cristiane Cavalcanti Moreira

**“OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ESTUDANTES DE
FISIOTERAPIA: INFLUÊNCIA FAMILIAR E A EXPERIÊNCIA NO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO.”**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em
Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

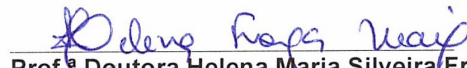
Salvador, 06 de setembro de 2019.

Banca Examinadora:



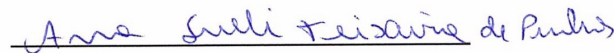
Prof.^a Doutora Livia Alessandra Fialho da Costa

Orientador(a) - UCSAL

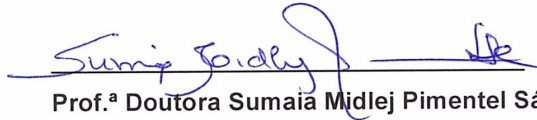


Prof.^a Doutora Helena Maria Silveira Fraga Maia

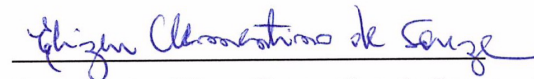
Coorientador(a) – UNEB



Prof.^a Doutora Ana Sueli Teixeira de Pinho - UNEB



Prof.^a Doutora Sumaia Midlej Pimentel Sá - UCSAL



Prof. Doutor Elizeu Clementino de Souza – UNEB

*“Quando o modelo de sua vida leva a um esgotamento,
é fundamental questionar se vale a pena continuar no mesmo caminho.”*

Mário Sérgio Cortela

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser minha bússola e meu norte em todos os momentos da minha vida. E, nesse período em especial, coloquei em prática a minha fé;

A meu marido, Humberto Moreira, pela paciência nesse processo difícil para mim, não só pela construção da tese, mas pela minha transformação pessoal e o encontro comigo mesma. Foram anos de ausência, tristeza e reflexões, onde ele esteve sempre de mãos dadas comigo. Sem ele não conseguiria. Te amo meu amor;

A Vivi por ter compreendido minha ausência, minha impaciência e minha forma de amar;

A parceria de minha filha Bia, por me ajudar quando sempre precisei, por me ouvir e por sempre acreditar em mim;

A meus pais, que sempre me auxiliaram no caminho do bem, da dignidade e do estudo, mostrando o melhor caminho para servir aos outros. A vocês devo o exemplo e a vontade de prosseguir;

A Góia, que sempre me deu força para superar os obstáculos e sempre me escutou com muita sabedoria e amor;

A minha irmã, pela ausência compreendida num momento tão importante da sua vida;

A Selma, minha secretária, irmã, braço direito, que segurou todas as pontas na minha casa e cuidou da minha família, quando eu não conseguia;

Aos meus amigos e anjos que tive durante esse percurso, pois, sem eles, com certeza não teria conseguido. Agradeço especialmente à Lena, por me recolocar no caminho e me permitir enxergar um novo horizonte. Agradeço também a Sumaia Midlej e Ana Sueli Pinho, como membros da banca e um suporte acolhedor e sensível, em todos os momentos que precisei.

A minha orientadora por acreditar nesse projeto, quando nem mesmo eu acreditava;

Aos amigos irmãos, Rosana Novais, Juliana Freitas, Alcina Teles, que me foram uma escuta ativa nesse processo;

Ao CREFITO7 por disponibilizar os dados sempre que necessário;

E a todos os estudantes, a quem dedico minha vida acadêmica e vocacional, por serem eles que dão sentidos a vivência docente no percurso de formação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	16
3 OBJETIVOS DO ESTUDO.....	27
4 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....	28
4.1 PERCURSO METODOLÓGICO	28
4.2 CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO.....	30
4.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	30
4.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS.....	32
4.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	32
5 APLICABILIDADE DO ESTUDO.....	34
6 VANTAGENS E LIMITAÇÕES	35
7. ARTIGOS PROPOSTOS PARA COMPOR A TESE	36
7.1 Artigo - PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DISTANCIAMENTOS NOS DOCUMENTOS QUE NORTEIAM OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS OBRIGATÓRIOS EM FISIOTERAPIA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	367
7.1.1 Introdução	38
7.1.2 Estratégia Metodológica.....	39
7.1.3 Resultados.....	40
7.1.4 Discussão.....	42
7.1.5 Considerações Finais	52
7.1.6 Referências	53
7.2 Artigo 2 - OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ESTUDANTES DE FISIOTERAPIA: INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	60
7.2.1 Introdução	61
7.2.2 Percurso Metodológico	63
7.2.2.1 Abordagem Metodológica	63
7.2.2.2 Contexto de Investigação.....	65
7.2.2.3 Procedimento de coleta de dados.....	65
7.2.2.4 Procedimentos para análise de dados	67
7.2.2.5 Considerações éticas.....	67
7.2.3 Resultados e Discussão	68

7.2.4 Considerações Finais	77
7.2.5 Referências	80
7.3 Artigo 3 - RELAÇÃO ENTRE A INFLUÊNCIA FAMILIAR E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NOS ESTUDANTES DE FISIOTERAPIA NO ÚLTIMO ANO DO SEU PERCURSO PROFISSIONAL .	82
7.3.1 Introdução	83
7.3.2 Percurso Metodológico	86
7.3.2.1 Abordagem metodológica.....	86
7.3.2.2 Contexto de Investigação.....	86
7.3.2.3 Procedimento de coleta de dados.....	86
7.3.2.4 Procedimentos para análise de dados	88
7.3.2.5 Considerações éticas	89
7.3.3 Resultados e Discussão	89
7.3.4 Considerações Finais	95
7.3.5 Referências	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS	98
REFERÊNCIAS FINAIS DA TESE	101

1 INTRODUÇÃO

A família é a primeira instituição que conduz e solidifica a formação da criança, do adolescente e, por consequência, do adulto, que deixará seu legado no mundo, através de um trabalho, inclusive como condição de sobrevivência sua e até mesmo da família. Com esta responsabilidade, não só de viabilizar a própria sobrevivência e de sua família, a escolha por uma profissão, ainda na adolescência ou adultez, é um fato que pode alterar por completo o futuro do indivíduo, uma vez que a escolha da profissão passa a ser um projeto de vida, passando a família a ter um papel fundamental nesta fase. É fato que o grupo familiar representa as bases de orientação do adolescente e do adulto; portanto, a escolha profissional faz parte do processo evolutivo da família (SILVA, 2006).

Este estudo decorreu de uma necessidade de compreender os estudantes no seu percurso profissional, especialmente no momento do estágio supervisionado obrigatório, e a influência da família neste tempo da experiência social. Após muitos anos de docência, eu me inquietei com esse momento da vida acadêmica, e com as transformações advindas da vida dos estudantes com a prática clínica.

Meu primeiro emprego na universidade foi no estágio supervisionado em Neurologia, e pude perceber, ao longo desse caminho, que muitas vezes as demandas dos estudantes eram muito maiores do que a demanda técnica. Desta forma, vi-me, muitas vezes, pensando sobre minha contribuição para aqueles seres que em pouco tempo estariam no mundo do trabalho. Não foi apenas uma vez que encontrei alunos chorando dentro dos boxes, sem saber ao certo o que sentiam. Não sabiam explicar esses sentimentos, quando perguntava sobre o que estavam sentindo e de que forma poderia ajudá-los. Muitos diziam que não sabiam ao certo se queriam ser fisioterapeutas, mas os pais os obrigavam a terminar o curso. Outros falavam que determinadas situações faziam com que relembassem algumas vivências familiares. E outros, por sua vez, relembavam dos seus pais que já haviam partido. Ou, ainda, não lidavam muito bem com as situações de doença ali encontradas, como graves sequelas de Acidente Vascular Encefálico (AVE) e lesões medulares (LM) em pacientes jovens com doenças neurodegenerativas, além da dificuldade em lidar com a sombra da morte!

Desde essa época já fazia uma reflexão sobre o nosso preparo técnico dentro da universidade, onde sempre houve uma preponderância das questões tecnicistas em detrimento das questões mais filosóficas e humanistas. Outra coisa que percebi, e talvez por isso tenha optado por fazer mestrado e doutorado em Família, foi o foco voltado apenas para o paciente,

enquanto todos no seu entorno sofriam conjuntamente – e sofriam rupturas e modificações importantes –, mas isso em muitos momentos não era levado em consideração. Em especial, nas patologias neurológicas, havia uma mudança grande na dinâmica familiar, na estrutura de gastos, de cuidado e de estrutura de vida.

Foi assim que, percebendo algumas lacunas na minha formação, resolvi pensar de que forma poderia contribuir com as pessoas com as quais eu ainda encontraria pelo caminho, não só sob o ponto de vista técnico e humano, mas, principalmente, o de uma boa formação enquanto pessoa e sob o aspecto de SER fisioterapeuta. Afinal de contas, essas demandas não se esgotavam na formação universitária.

No mestrado, aprendi muito sobre cuidado e cuidador, e sobre o papel da mulher nesse contexto. Mas faltava algo para completar meu desejo de tornar meu propósito algo maior e mais profundo, e que, de fato, pudesse contribuir com as pessoas, fossem elas os alunos, os pacientes, os professores ou as famílias que estariam comigo nesse percurso profissional. E, assim, resolvi me debruçar nos estudos sobre os estudantes de fisioterapia, a sua relação com os estágios supervisionados e a influência da família nessa fase da vida, que se configura num final de ciclo profissionalizante.

Foram difíceis esses anos do doutoramento, pois me defrontei com as minhas próprias questões e vivências familiares, ainda não trabalhadas em mim. Adoecei. Por um tempo fiquei inerte, reclusa, sem entender o que estava acontecendo. Não queria sair da cama, trabalhar e não tinha ânimo em nada que fazia. Chorava sem saber o motivo e sempre me encontrava triste sem explicações. Ia procrastinando minhas tarefas com bateria quase a zero. Comia para satisfazer um vazio por mim não explicado e de difícil compreensão. Acredito que, como os alunos, lidamos com a doença diariamente, na sala de aula, nos consultórios ou nos domicílios, e nos sentimos imunes. Ouvimos muitas histórias durante a dinâmica do nosso trabalho em saúde: de histórias duras, de doenças inesperadas, de mortes precoces em uma conjuntura social desfavorável. Mas eu havia sido fisgada por uma doença, a qual eu não admitia, pois, como alguém como eu, que tinha TUDO, literalmente TUDO, poderia ADOECER?

Nesses anos, além da minha própria vida, havia, também, a da minha família. Nessa época, meu marido, servidor público, foi transferido algumas vezes para fora da capital baiana. E, durante esse período, um questionamento sobre a “saúde” da minha filha estava sempre me rondando. Ele nunca deixou de me apoiar, pois sempre se fez muito presente nas nossas vidas, mesmo que distante fisicamente. Mas o dia a dia sem ele pesava com as tarefas domiciliares, como levar à escola, ao curso de inglês, ao médico, ir ao mercado ou conferir a lição de casa, pois ele sempre foi muito parceiro.

Aprendemos na faculdade a não misturar tais sentimentos – vida pessoal não combina com vida profissional –, e assim o fiz, como qualquer boa aluna. Afinal de contas, parecia tão simples fechar a porta do coração e entrar para trabalhar, como se nada estivesse acontecendo. Até que a alma não aguentou e gritou. Foram muitos chamados à escola de minha filha, muitas terapias: fonoaudiologia, terapia ocupacional, neurologista, professores e muitos recados na agenda me chamando para comparecer à escola. Não entendia aquelas demandas e a falta de habilidade de MUITOS profissionais de saúde. “Sua filha é diferente! Não percebe? Não se comunica, não se socializa, não fica nos grupos.”. E os “amigos”, muitos queriam me alertar sobre tudo o que eu via tranquilamente. Sofria calada, pois também ainda não compreendia o processo dela e, para mim, não estava claro! Nunca escondi as peculiaridades da minha filha, mas também sempre entendi que cada um tem seu tempo, que cada um é cada um, e assim é. Simples assim, com habilidades e competências diferentes, mas únicas.

Depois de percorrer parte do caminho do doutoramento, meu marido sempre esteve perto de mim, com amor e clareza das questões (mais do que eu! Claro!), sempre paciente comigo e com meus choros, angústias e medos. Nesse turbilhão em que minha vida se encontrava, tinha que frequentar as aulas do doutorado e escrever a tese, corrigir tarefa, ir à reunião da escola, ser mãe, mulher, trabalhar, frequentar reunião de trabalho, entre outras demandas da vida adulta. Mas, como tudo nunca está perdido, encontrei uma alma (BOA e AMIGA), que me chamou para um café na livraria e, com muito tato, conversou comigo. Com muita delicadeza e amor, me abraçou-me e disse que me ajudaria nessa caminhada, pois tinha visto que eu estava um “pouco” confusa. Tirou-me do fundo do poço e me estendeu a mão. Devagar, respeitou meu tempo e me apoiou. Respeitou minha DOR, me acolheu, me abraçou e me fez ver a beleza do percurso. Esperou que eu conseguisse falar e desabafar. Ela não estava interessada no tempo que teria para escrever a tese, nem no fato em si, mas em mim, na minha história. Sou extremamente grata a ela, e não teria conseguido sem o seu apoio. Devo ser justa e dizer que tive outros anjos durante esse processo, mas foi com ela que refleti sobre a minha vida e sobre a tese. Elas estavam entrelaçadas, foram tecidas conjuntamente, como uma tessitura feita de pedaços e que, no final, com todas as costuras se transformaram em uma linda colcha.

Sem a ajuda dela, seria mais uma profissional frustrada por não cumprir as demandas da academia, e não conseguiria ser doutora e nem defender essa tese. Mas as dificuldades do caminho me fizeram compreender minha (auto)biografia, e escrever minha história, e parte dela será contada nessa tese. A outra permanecerá oculta, na minha memória, que talvez, um dia, tenha coragem e se transforme em um livro.

Sendo assim, a partir da minha vivência profissional e de uma necessidade real da área, este estudo se propôs a apreender os sentidos atribuídos pelos estudantes quanto à influência da família no seu percurso de formação profissional, a partir da análise das cartas escritas por eles, no decorrer do estágio supervisionado obrigatório, exigência para a conclusão do curso. A pesquisa foi desenvolvida com estudantes na faixa etária de 17 a 33 anos, do último ano do curso de Fisioterapia da Universidade do Estado da Bahia.

Hodiernamente, a discussão sobre a escolha da profissão vem acompanhada de uma série de mudanças relacionadas à forma de ingresso na universidade e nos cursos de formação em geral. Numa sociedade em que se define muitas vezes o “valor” e o destino da pessoa pelo título acadêmico, a escolha da profissão passa a ser uma das decisões mais sérias da vida de um jovem que transita para a fase adulta ou de um adulto que só naquele momento estaria tendo a oportunidade de fazer seu primeiro curso superior, ou até mesmo, já detentor de nível superior, gostaria de mudar ou de ter uma nova profissão.

Na atualidade, temos na Bahia cerca de 65 cursos de Fisioterapia (dados obtidos no Sistema de Tramitação Eletrônica dos Processos de Regulação (e-MEC) em 28 de maio de 2018), sendo quatro cursos na modalidade à distância. Os dados apontam que, em média, cerca de 1039 estudantes pediram sua cédula profissional no ano de 2019 e, atualmente, com base nos dados de maio de 2018, haviam 14.579 profissionais fisioterapeutas inscritos, sendo que 1.291 pediram baixa no Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Seção Bahia (CREFITO7).

A despeito dos inúmeros cursos de Fisioterapia existentes no país, e do grande quantitativo de alunos que se encontram em processo de formação em Fisioterapia, esse estudo se justificou, pois não foram localizados trabalhos que abordassem o percurso profissional sob a ótica discente. De modo semelhante, também não foram localizados estudos sobre as inseguranças pessoais, o amadurecimento ao longo do tempo, o percurso de formação, a possível falta de afinidade com o curso de Fisioterapia por ora escolhido, a vontade de desistir. Não houve também achados sobre questões relativas à saudade dos familiares, à presença da família sob diversos ângulos, tais como suporte emocional, operacional e financeiro, ou como sobrecarga e adoecimento, e ainda sobre a influência da família na escolha profissional, na formação e na carreira, assim como questões relacionadas ao processo do estágio supervisionado obrigatório no curso de Fisioterapia.

De posse dessas questões, reconheço que minha história pessoal se mistura a essas histórias de muito estudantes que desejaram ingressar em uma universidade e concluir um curso de nível superior. Sou filha de Cilene Luiza da Costa e José Olímpio Holanda Cavalcanti.

Ambos não fizeram faculdade, mas acreditavam na educação como uma possibilidade de mudança de vida para melhor. Sempre foi meta de meus pais me manterem numa escola particular para que eu conseguisse realizar os meus sonhos. Eles acreditavam no poder da leitura e da transformação da vida através da educação. E sempre me incentivavam a ser uma pessoa de bem, mesmo sendo separados. A busca por um ensino de qualidade e a visão da educação trazida pela convivência com minha mãe, professora primária apaixonada, somados à minha paixão pelo estudo e pela busca de conhecimento me fizeram ter a certeza, desde os tempos de estudante, do desejo de contribuir de alguma forma com a transformação social, mas ainda não sabia como. Minha mãe era uma professora muito dedicada, a ponto das crianças ligarem para minha casa (a cobrar) quando ela faltava ou se atrasava. Minha mãe foi um exemplo para mim em todos os aspectos.

Na minha trajetória como estudante, sempre fui boa aluna e tinha em mim uma grande vontade de ter uma formação, para conseguir galgar um lugar no mundo. Meu primeiro desejo foi cursar medicina. Acho que muito em função do exemplo do meu pediatra, que sempre foi muito acolhedor e humano. Lembro que nunca deixei de ser atendida. Mesmo quando minha mãe não podia pagar a consulta, tinha em Dr. Décio um médico muito sensível e um exemplo a ser seguido. Não logrei êxito no primeiro vestibular, quando, no meio do semestre seguinte, resolvi prestar o exame vestibular para Fisioterapia e passei. Para minha surpresa, fui me identificando com o curso e adaptando-me ao fato de ser e ter uma vida universitária.

Aos 18 anos, em 1993, ingressei na Faculdade de Fisioterapia da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Naquela época só existiam duas faculdades que ofereciam esta graduação na Bahia, e a concorrência era acirrada. Tinha aulas na Federação e no novo campus da universidade, o de Pituaçu. Na turma de cinquenta alunos, quarenta e cinco (45) eram mulheres. Foi um período muito importante da minha vida, pois era um sonho conquistado a muitas mãos. A dificuldade começou desde o pagamento da primeira matrícula e se estendeu por todo o curso. Não podia participar dos congressos, cursos, viagens, encontros de estudantes, assim como comprar livros, e muitas vezes não tinha dinheiro para lanche, chegando à faculdade apenas com o dinheiro do transporte. Nesse tempo fazia de tudo: vendia biquíni, brigadeiro, sanduíche natural, participava de feiras de final de semana, trabalhava no shopping nas férias, só não podia interromper minha formação. Via naquele ambiente uma grande possibilidade de crescer. Amava aquele lugar. Os professores me encantavam, as aulas práticas eram muito interessantes. Queria fazer parte daquele universo. Não sabia que mais tarde trabalharia também como docente daquela instituição, que tanto amava, e estaria contribuindo com a profissão que escolhi e com tantas vidas. Na faculdade fiz grandes amigos, em especial Paloma Lima de Araújo e

Acácia Pinheiro da Silva. Apesar de manter contato com quase toda a turma, essas são muito especiais. No dia 23 do mês de julho deste ano (2019), completei 20 anos de formação, e sou muito feliz com essa escolha.

Identifiquei-me com o curso desde o início, apesar de perceber que todas as disciplinas eram voltadas para a área de Ortopedia, e eu queria mais. Tal impressão perdurou, até realizar a disciplina Clínica Neurológica e conseguir um estágio supervisionado não obrigatório na Clínica São Marcos. Não sabia ao certo que horizontes a Fisioterapia poderia me abrir, mas fui vivendo e buscando oportunidades. Nesse estágio, conheci duas pessoas maravilhosas, Vitória Sampaio e Marcos Falcão, que me ensinaram muito. A partir daquele instante fiquei fascinada com as diversas possibilidades que a fisioterapia poderia me proporcionar. Nela poderia aplicar todos os conceitos apreendidos. Dei início ao estágio nas áreas de Respiratória, Semi-Intensiva e, posteriormente, nas áreas de Neurologia e Ambulatório Geral. Continuei na clínica até me formar. Era uma formação generalista e humanizada, muito importante para meu desempenho futuro. Esse interesse me direcionou precocemente à busca de vivências em estágio curricular não obrigatório, para que pudesse correlacionar melhor a teoria à prática. Tal atividade me proporcionou um grande aprendizado. Nesse período resolvi fazer também o Curso de Fisioterapia na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), com o professor Thelso de Jesus Silva, e, posteriormente, o de *home care*, com ele também. Tenho muita gratidão pelos aprendizados dessa época. Foi uma experiência excelente durante seis meses, que envolveu muitas trocas de plantões, discussões sobre caso clínico e também sobre a presença da morte e do sofrimento em muitas famílias. Hoje percebo que a consciência sobre a importância da prática, da problematização e da visualização de situações contribuiu para a construção de um conhecimento mais abrangente. Tal postura acabou sendo determinante para, no futuro, o meu ingresso na carreira docente. Nesse ambiente, ainda atuei como monitora por mais dois semestres, mas descobri que meu coração não estava ali. Foi um tempo de muito aprendizado e reflexões. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação foi direcionado à utilização de órteses em pacientes com hemiplegia. Na época, embora existisse uma extensa discussão acerca do tema na área de Neurologia, essa discussão dentro das faculdades de Fisioterapia ainda era incipiente, pois muitos dispositivos auxiliares ainda não haviam chegado ao Brasil, e também existiam poucos artigos a respeito do tema.

Ao graduar-me em Fisioterapia, em 23 de julho de 1999, estava com 23 anos, e o grande desejo de continuar estudando me levou a participar da seleção para trabalhar no Hospital São Rafael. Foi uma época mágica, pois conseguíamos colocar em prática o que havíamos aprendido na faculdade. Tinha tempo para me dedicar e atender os pacientes e, a partir dessa

experiência, fui traçando meu futuro profissional e fazendo investimento em minha carreira, que, logo depois, seria universitária.

Foi assim que meu percurso profissional, aos poucos, foi sendo traçado. Junto com essa vivência universitária, havia o desejo de colaborar com outras pessoas, que, assim como eu, tinham inseguranças e dúvidas sobre seu futuro. Desta forma, após fazer o mestrado em Família, prestei um concurso para ingressar como docente na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sendo aprovada na Área de Conhecimento/Matéria/Componente Curricular: Fisioterapia/Semiologia Fisioterapêutica/ Estágio Supervisionado, começando a realizar este sonho no dia 15.05 de 2015 (data da publicação do resultado no Diário Oficial da União). Após dar início a minha vida profissional na Uneb e iniciar essa vivência acadêmica, percebi novamente, no estágio supervisionado obrigatório, que, apesar de terem se passado dezesseis anos desde a conclusão de minha formação (1999-2015), os estudantes, nessa fase do percurso profissional, ainda tinham dúvidas e inseguranças a respeito do seu futuro. E, assim, nasceu o objeto dessa pesquisa: a influência da família sobre os estudantes de fisioterapia e sua relação com os estágios supervisionados obrigatórios.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A família deve oportunizar uma vivência mediada por relações afetivas, capazes de propiciar a seus membros o espaço mental necessário para o desenvolvimento do pensamento, a capacidade para delimitar fronteiras adequadas, entre a falta e o excesso, de forma que exista a possibilidade de manter forças afetivas que contenham funções de ouvir, discernir e acompanhar, sem ceder à ânsia de eliminar conflitos (BRANDÃO, 2011). É o espaço familiar o local da primeira e de continuadas aprendizagens, da construção do conhecimento e da formação de valores. É onde a educação começa, seguindo até a escola e depois à sociedade.

A família não só pode promover uma assistência material, mas também deveria fornecer a imaterial, concernente ao afeto, ao cuidado e ao amor. Esta assistência adquire uma amplitude de participação dos pais, porque destes espera-se, normalmente, o apoio, o carinho, a atenção, o cuidado e a proteção. É na convivência familiar que são tecidas as relações, ao tempo em que são construídos os valores, as crenças, o conhecimento e a singularidade da pessoa e sua respectiva dignidade, durante a infância e a adolescência – momento em que se promove o ensaio para viver em sociedade/comunidade quando adulto. É a partir da família que ocorrem a formação e a transformação individual e, por conseguinte, a coletiva. A família é fundamento da sociedade, e é justamente no interior da família que as pessoas são educadas para aceitar e realizar aquelas virtudes sociais, que são a alma do desenvolvimento de uma sociedade (VIOLANI, 2003).

A família possui suas próprias tradições e valores, e estabelece seus próprios padrões para a interação dentro e fora do grupo para favorecer a socialização da criança e dos jovens, apesar da família encontrar-se, “especialmente nestas últimas décadas, em constante mudança, por participar dos dinamismos próprios das relações sociais”, segundo Donati (2008, p.18). De fato, por consequência das transformações sociais e com a revolução de valores ocorridos nas últimas décadas, a família tenta reorganizar aspectos da realidade que o ambiente sociocultural vem alterando.

Atualmente, a família apresenta outras estruturas, diferentes da tradicional (como as famílias homoafetivas, as monoparentais, extensas, etc), união entre um homem e uma mulher que torna estáveis, previsíveis e socialmente tuteladas as trocas entre si e a realização das tarefas comuns, como a procriação e a educação dos filhos, mas não está desintegrada, conforme assevera Donati (2008, p. 35). “O símbolo da família é dos mais fortes, estáveis e relevantes no tempo da vida social, desde o início da história humana até hoje” (DONATI, 2008, p. 19-20).

De qualquer forma, a família apresenta-se como base da sociedade, sendo um fenômeno social total, que está sujeita a um processo de crise de grande transformação que a faz se reorganizar incessantemente, com força cada vez maior, propiciando que cada um busque, por meio dela, sua autorrealização e seu próprio bem-estar (SILVA, 2006; DONATI, 2008). Portanto, cada família oferece as experiências que as crianças deverão vivenciar, aquelas que não deverão, e como cada uma dessas experiências influenciará nas necessidades dos membros de família. Quando os laços são fortes, o controle social é altamente eficiente, e a maioria dos membros cumpre seus papéis com boa vontade e comprometimento, promovendo a manutenção física e os cuidados dos membros do grupo familiar (BRANDÃO, 2011).

Num texto elaborado por Soifer (apud Bazon et al., 2004, p. 92), a autora define ser a família:

Um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas ou não por laços consanguíneos. Este núcleo se acha relacionado com a sociedade, que lhe impõe uma cultura e ideologias particulares, bem como recebe dele influências específicas.

Neste caso, a família deve ser entendida como um “núcleo central” de vivência e de convivência de pessoas entre si, em um lugar e por um período de tempo, sendo que este núcleo se relaciona com todos outros “núcleos centrais” que compõem a sociedade. Como bem mencionada por Donati (2008, p. 51), “a família é aquele sistema social vivente que preside a reprodução primária da sociedade”.

Soifer (1983 apud Silva, 2006, p. 2) amplia ainda este entendimento e define família como sendo uma:

Estrutura social básica com entrelaçamento diferenciado de papéis, integrada por pessoas que convivem por tempo prolongado, em uma inter-relação recíproca com a cultura e a sociedade, dentro da qual se vai desenvolvendo a criatura humana, [...] e, assim, transformar-se em um adulto capaz, podendo postular que a defesa da vida é seu objetivo primordial.

As expectativas das pessoas quanto ao seu futuro estão carregadas de afetos, esperanças, medos e inseguranças. Tais expectativas não são somente suas, mas também de seus familiares mais próximos. Geralmente, estão ligadas a uma ideia de felicidade que a profissão possa vir a trazer (SOARES, 1987). Entretanto Silva (2006, p. 15) menciona que, partindo do pressuposto de que o trabalho é a condição de sobrevivência para o indivíduo:

[...] grande parte da escolha profissional é feita na adolescência, seja por pressões econômicas, quando a inserção no mercado de trabalho se inicia nesse período, seja pela obrigação de uma formação técnica ou superior, exigindo que o adolescente opte por um caminho, o qual, não raro, será seu projeto de vida.

Fica claro que, ao escolher uma profissão, o indivíduo fica às voltas com as visões e pressões da família, principalmente estando na adolescência. E, talvez pela globalização da

economia e pela ideia do homem tornando-se *homo economicus*, desvalorizado em sua ação cívica e política em detrimento do seu valor econômico de mercado, ocorra a tendência a se escolher as profissões que contam com um maior prestígio social, e não mais pela vocação, já que o valor do ser humano é considerado a partir do seu dinheiro, prestígio e poder (OLIVEIRA; SANTOS, 2017, p. 25).

O fato é que a adolescência é um momento de transformação e, nesse período, são vivenciados a magia de vir a ser adulto e o luto pela perda da infância. É um misto de sensações e descobertas. Cabe registrar que há, de fato, uma mistura de atitudes entre o mundo adulto e o infantil. E, nessa fase, a escolha profissional é uma parte decisiva, que norteará os caminhos futuros a serem percorridos, tanto pelo adolescente como pela própria família. A história familiar é o ponto de partida para a constituição dos conceitos que o jovem tem de si mesmo, assim como para a compreensão das suas próprias aptidões (PINEAU, 2006). A forma como são tecidas as relações familiares é decisiva para a vida dos indivíduos, segundo Donati (2008).

O momento da escolha da futura profissão por parte do jovem adulto pode ser encarado como uma possibilidade de reparação das próprias escolhas dos pais, o que dificultará a escolha do jovem, sendo ele um depositário das fantasias inconscientes da família, na medida em que terá que realizar o que não foi realizado ou dar continuidade a tarefas já desenvolvidas por eles (NEPOMUCENO; WITTER, 2010). “Muitas vezes, os jovens carregam o ‘peso’ de realizar o sonho dos pais que, inconscientemente, incutem papéis que os filhos devem desempenhar”, como bem observado por Silva (2006).

Nesse processo de escolha, que envolve a família e os seus pares, as relações positivas com colegas e professores também viabilizam influências deles nas opções profissionais dos adolescentes (NEPOMUCENO; WITTER, 2010). Na prática, o adolescente recebe influências de toda ordem: dos amigos, professores, pais, entre outros que eles considerem exemplo.

Agora, cabe destacar que nem sempre o apoio dos pais facilita o processo de escolha. Às vezes, a liberdade de escolha dada pelos pais pode gerar ansiedade, em vez de segurança. Assim, à medida que as pessoas envolvidas na escolha do adolescente propiciem liberdade para ele decidir, podem gerar mais dúvida/incerteza durante o processo. Nesse sentido, o jovem procura apoio na sua família, no grupo social e nos especialistas, para que estes o ajudem a construir seu projeto de vida (SANTOS, 2005).

A família deve ser esta via de transformação, e não deve estabelecer papéis para seus membros, mas possibilitar que cada um crie condições de assumir livremente a sua identidade. Esta liberdade faz com que, por exemplo, o trabalho vivenciado durante o estágio obrigatório supervisionado, que poderá ser desempenhado após conclusão da formação acadêmica, tenha

sentido e corresponda à personalidade, aos dons e desejos do futuro fisioterapeuta (OLIVEIRA; SANTOS, 2017).

O trabalho ocupa grande parte do tempo da vida das pessoas, e é essencial, para que seja realizado eficientemente, que a sua escolha tenha sido consciente e coerente com os interesses e necessidades pessoais (SOARES, 1987). Isto porque uma grande fatia da existência humana é dedicada ao ato de trabalhar. Assim sendo, escolhida a profissão, o jovem é novamente conduzido a uma nova escolha ou a uma determinante: qual seria a faculdade e ou universidade que ofertaria o curso para a profissão desejada?

É sabido que atualmente a oferta de vagas nas instituições de ensino superior é muito maior do que em décadas passadas, até porque, num passado recente, só existiam duas faculdades na capital baiana, que eram a Universidade Católica de Salvador (UCSAL) e a Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. Nos dias de hoje, conta-se com uma oferta considerável de instituições de ensino superior em todo o Estado da Bahia, situação não diferente em outros estados da federação.

No estado da Bahia, em particular de 2000 a 2013, o número de instituições de ensino superior (IES) apresentou um crescimento de 145%, totalizando 120 (cento e vinte) IES, sendo 110 (cento e dez) privadas e 10 (dez) públicas em 2013, contra 49 (quarenta e nove) IES, sendo 43 (quarenta e três) privadas e seis (seis) públicas em 2000. Inclusive, cabe ressaltar que, no período de 2012 a 2013, o estado cresceu 1% (um por cento) em número de instituições na rede privada e 11% (onze por cento) na rede pública.

Quanto ao número de vagas, o ensino superior privado na Bahia, nos últimos 13 anos, obteve um crescimento de 405% em relação ao número de matrículas existentes anteriormente. Já o setor público apresentou um aumento de 83%. Entre 2012 a 2013, o aumento chegou a 2,2% no número total de matrículas em cursos presenciais (289 mil em 2013 contra 283 mil no ano anterior), somadas as IES privadas (198 mil contra 190 mil, ou crescimento de 4,5%) e públicas (91 mil contra 94 mil, ou queda de 2,3%). Em 2013, havia 198 mil alunos matriculados nas IES da rede privada (68%) e 91 mil alunos na pública (32%), totalizando 289 mil matrículas. Esses dados mostram o avanço das IES privadas. Das sete mesorregiões do estado, apenas uma delas contabilizou, em 2013, mais de 170 mil matrículas em cursos presenciais: a Metropolitana de Salvador. As mesorregiões Sul Baiano, Centro Norte Baiano e Centro Sul Baiano registraram mais de 27 mil matrículas. As três mesorregiões restantes somaram menos de 14 mil matrículas (SEMESP, 2016).

De acordo com os dados do MEC, houve um acréscimo de quase 60% no número de vagas oferecidas nas universidades federais entre 2003 e 2009, período do Governo Lula. Por meio do programa de expansão da rede federal de educação superior, foram criadas 14 novas

universidades federais desde 2003, sendo dez voltadas à interiorização do ensino superior público e outras quatro – da Fronteira Sul, do Oeste do Pará, da Integração Latinoamericana e da Integração Lusoafrobrasileira – planejadas para a integração regional e internacional. Com o programa de expansão, as universidades federais dobraram a oferta de vagas. (<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/16096-presidente-lula-entrega-campi-de-universidades-e-institutos-federais>)

Diante do aumento de instituições de ensino superior, seria lógico, como comentado anteriormente, o aumento de números de vagas para todos os tipos de cursos. E assim, de uma maneira geral, nos últimos 13 (treze) anos, o número de matrículas em cursos presenciais nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas no Brasil cresceu em torno de 129% (cento e vinte e nove por cento), sendo que, em 2013, período mais recente do levantamento, o aumento chegou a 3,8% (três vírgula oito por cento) (SEMESP, 2016).

Com a explosão de Instituições de Ensino Superior, torna-se evidente que o Brasil refletiu e reflete, atualmente, o avanço do neoliberalismo e da economia globalizada, contribuindo com a lógica da produtividade e da competitividade, com vistas à maximização do lucro. Isso impacta diretamente nas Universidades, que passam a atender diferentes formatos de ensino, no intuito de atender as exigências do mercado. A ampliação do número de instituições de iniciativa privada contribui com o que os autores chamam de “a mercantilização da educação superior”, caracterizada pela oferta de cursos com currículos, duração e qualidades diferenciadas, para atender a clientes de rendas diversas. Isso pode vir a prejudicar a formação do aluno, futuro profissional, caso não haja um comprometimento institucional em contratar mão de obra mais especializada e detentora de um maior cabedal de conhecimento e habilidades, ou que os cursos tenham uma formação mais aligeirada (TORRES; SOARES, 2014).

A Fisioterapia é uma Ciência nova, com apenas 49 anos de existência, aprovada no Decreto-Lei 13/10/1969, e, como a Medicina e a Enfermagem, tem como objeto de atuação o ser humano em todas as suas dimensões e todo o seu contexto. Assim, tornam-se preocupantes as transformações no ensino superior no Brasil, com a proliferação das IES, sobretudo, em instituições particulares, na última década do século XX. Com o aumento do número de vagas para este curso em particular, passa-se a necessitar de “professores universitários, porém, sem discussões sobre a formação desse profissional para a especificidade da docência universitária, e sem grandes preocupações a esse respeito” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2010 apud PEREIRA; RIOS, 2013, p. 171).

É claro que construir um fazer pedagógico sustentado na articulação entre teoria e prática não é uma tarefa fácil, sobretudo porque essa articulação se configura num processo que precisa acontecer ao longo do processo formativo. Todavia, tais atividades não são privilegiadas

nos cursos da área da saúde, diferentemente do que ocorre nos cursos de Pedagogia, que favorecem as atividades práticas ao longo de toda a formação docente, articulando ao lugar do fazer, não como uma prática que se resume em “dar e assistir aulas”, mas uma experiência que produz sentido a partir da reflexão (PEREIRA; RIOS, 2015).

A reflexão que é despertada, promovida no curso de Pedagogia, por exemplo, deverá ser também pensada no curso de Fisioterapia e, em particular, no estágio supervisionado, quando da realização das atividades práticas com os pacientes. Tanto a Fisioterapia, como a Enfermagem e a Medicina, profissões de saúde, visam ao cuidado do ser humano de forma integral. Urge desenvolver estratégias de formação, com a criação de espaços de convivência e de reflexão, expressando o que foi significativo na construção do cuidado consigo mesmo e com o outro. Dessa forma, a formação discente e a prática do cuidado profissional devem estar em harmonia. O ensino do profissional da área de saúde pressupõe o desenvolvimento de habilidades, como a capacidade de tomar conta de si e do outro (HORTA et al., 2012).

As habilidades e competências do fisioterapeuta podem ser desenvolvidas ao longo do curso, sob as mais diferentes formas da realização e aplicação das práticas funcionais, desde os semestres iniciais. Visita técnica, discussão de caso clínico e consumo de artigos científicos, aulas nos laboratórios e leitura de lâminas, reprodução de modelos anatômicos configurando laboratórios de inovação em saúde, que envolve as novas tecnologias e aplicativos, assim como estágios curriculares não obrigatórios e as mais diversas formas de aula dialogada configuram uma prática curricular. Segundo Larossa Bondia (2012), nomear o que fazemos em educação ou em qualquer outro lugar, como técnica aplicada, como práxis reflexiva ou como experiência dotada de sentido, não é somente uma questão terminológica. As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. São experiências, e experiência é tudo o que nos toca, o que nos acontece. Sendo assim, a prática vai ser vivida por cada um, à medida que o discente se entregar a essa experiência.

Essa nova experiência será sentida de maneira diferente por cada estudante. Segundo Larossa Bondia (2002), a experiência tem relação com o sentido e cada pessoa sente/experimenta de uma forma. A experiência precisa ser vivida. A experiência é aquilo que passa por nós, que nos toca, ou que nos acontece, e ao passarmos por ela, nos forma, e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.

Uma das formas de viver a experiência do curso de Fisioterapia é realizar os estágios supervisionados obrigatórios. Para cursá-los, o estudante deverá ter se apropriado da teoria e, naquele momento, ser capaz de se permitir realizar correlações clínicas. No ambiente de estágio também se vivenciam trocas interpessoais, no convívio com a equipe, com os colegas e com as

pessoas que serão alvo do cuidar. No entanto, mesmo com a prática fisioterapêutica presente ao longo do curso, o estudante, ao iniciar o estágio supervisionado, poderá se sentir inseguro.

Ao abordar o estágio supervisionado obrigatório, Zabalza (2014, pág. 235) refere que cada estudante vivencia-o de forma particular e complementa ser o estágio uma experiência pessoal, sendo possível vivenciá-lo com os recursos intelectuais que se possui, ou poder entregar a ele tudo o que se é. Tal atitude dependerá da própria organização do período de estágio e da vontade e disposição com que cada estudante enfrentará e se envolverá na experiência. E complementa que ao estudante é permitido viver e aproveitar a vida universitária com intensidade ou deixar que os anos e as tarefas passem e tudo chegue ao termo, ou seja, que esteja apto a exercer a profissão escolhida.

Esse espaço, que é sugerido criar, se remete também ao estágio curricular supervisionado. É nesse lugar que o estagiário em Fisioterapia mergulharia no cotidiano de carências diversas, nos problemas e riquezas do dia a dia de cada paciente. É aqui que os estagiários devem também procurar perceber os currículos como práticas de saberes e fazeres, e não como prescrição, de forma a consolidar sua formação.

Para o devido esclarecimento, o estágio curricular é obrigatório, sendo previsto no Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC) como carga horária do curso de Fisioterapia, compreendendo cerca de, no mínimo, vinte por cento (20%) da carga horária total (MEC, 2012). É uma atividade educativa supervisionada e tem como principal objetivo preparar o discente para o mundo do trabalho, servindo como um laboratório prático da vida real, com circunstâncias e vivências que variam desde atendimento de pacientes, até discussões de caso clínico e de questões éticas. Sendo assim, considerando que a carga horária mínima prevista para os cursos de Fisioterapia é de 4000 horas, 800 horas, no mínimo, deverão ser dedicadas aos estágios obrigatórios nas múltiplas áreas de atuação.

O estágio obrigatório segue as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), Resolução CNE/CES 04 de 19 de fevereiro de 2002, a Lei de estágio nº 11.788 de 2008 e as Resoluções do Conselho Federal de Fisioterapia (COFFITO), nº 431. Esses documentos instrumentalizam a atuação do futuro fisioterapeuta. As atividades de estágio foram regulamentadas em 2008, pela Lei supracitada, pertencente ao Ministério do Trabalho e Emprego, e foi sancionada pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva (LEI nº. 11.788/08). Esse documento reconhece o estágio como um vínculo educativo-profissionalizante, que precisa de um fisioterapeuta supervisor com vinculação com a IES e deverá ser desenvolvido como parte integrante do Projeto Pedagógico do curso e do itinerário formativo do graduando⁷.

Inclusive, esta legislação⁷ (Resolução 431) define o estágio curricular obrigatório como aquele desenvolvido como requisito para aprovação e obtenção de diploma. Os estágios

poderão ser realizados em clínicas-escolas da própria IES ou em instituições conveniadas, tais como hospitais, centros de saúde, centros de convivência de idosos, escolas, creches, empresas, clubes esportivos, centros de pesquisas, comunidades e em organizações públicas e privadas. Todas estas instituições podem permitir condições de proporcionar experiência prática nas diversas áreas pertinentes à formação profissional, desde que respaldadas por instrumento legal, celebrado entre a unidade concedente, o estudante e a instituição de ensino.

O estagiário é supervisionado por um docente da instituição de ensino, devidamente registrado como especialista na área de atuação, no CREFITO e, no caso da Bahia, na 7ª região. O docente supervisor de estágio é o profissional representante da IES nas instituições conveniadas, responsável diretamente pelo aluno e pelas condutas realizadas durante o estágio por esse discente. O empenho e esforço dos protagonistas – supervisor e estagiário – são fundamentais para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, sendo o professor o facilitador na construção do conhecimento.

Compreender o estágio curricular como um tempo destinado a um processo de construção de ensino e aprendizagem é reconhecer que, apesar da formação oferecida em sala de aula ser fundamental, não é suficiente para formar e preparar os alunos para o pleno exercício de sua profissão (SUSSEKIND, 2011). Faz-se necessária a sua inserção na realidade do cotidiano profissional, na prática do fisioterapeuta.

O espaço do estágio oportuniza ao acadêmico de Fisioterapia exercitar as práticas de avaliação do paciente, a utilizar os instrumentos necessários à elaboração do diagnóstico cinético-funcional, a interpretar os exames, a discutir os casos em reuniões clínicas e passagens de plantão, a estabelecer metas e objetivos terapêuticos e eleger os procedimentos fisioterapêuticos adequados a cada caso. Neste cenário, o estudante aprende a comparar os resultados de sua intervenção e a identificar a possibilidade da alta fisioterapêutica.

O estágio será a oportunidade de ampliar a experiência e realizar a escuta, já que a maioria dos grupos de estudantes se compõe de uma grande diversidade de pessoas, oriundas de diferentes lugares, que trazem diversos saberes. Habilita também o estudante, por meio da aproximação com a comunidade, para o conhecimento da sua realidade e de suas condições de vida. O ambiente laboral do estágio supervisionado deve ser altamente propício ao autodesenvolvimento. Nele haverá a oportunidade de manifestação das motivações pessoais. Através das tarefas a serem desempenhadas, o ser humano poderá transformar-se e transformar o que está em sua volta e também perceber o próprio valor (OLIVEIRA; SANTOS, 2017).

De fato, o estágio supervisionado oportunizará aos alunos, que trazem consigo as suas próprias histórias, os aprendizados da escuta e de se fazer entender, da adoção de uma atitude de compreensão e respeito, da valorização dos saberes e das diferentes experiências dos

pacientes, muitos dos quais possuem uma condição diferente da sua, viabilizando uma grande troca de conhecimentos, que, se o professor souber aproveitar, trará discussões importantes, inclusive acerca da cidadania, não só sobre os doentes e as doenças. É neste momento que se possibilita mostrar, de alguma forma, as itinerâncias formativas, evidenciando o imbricamento do eu pessoal e com o futuro profissional que se forma (PEREIRA; RIOS, 2013).

A junção do lado pessoal do discente com o profissional no qual se transformará nos projeta para a questão importante da identidade individual de cada aluno, como resultante também das pressões sofridas pelo ambiente social, bem como dos conflitos – importantes para garantir as relações no cotidiano, que envolvem a dinâmica da sua própria história e as outras pessoas da sociedade (ARAÚJO; MORAIS, 2013). É fato que a construção social do sujeito é fundamental para a sua história profissional. O que se pode pensar é que a trajetória pessoal e profissional se faz na vivência acadêmica e que essa pode ser o ponto chave para o surgimento de um profissional voltado às necessidades da sociedade, visto que é nesse momento que ele adquire conhecimentos e habilidades para executar suas práticas, desde que respeitando o ser humano em todos os domínios de saúde.

Quando se cita os domínios de saúde, concomitantemente, deve-se reportar ao ser humano em sua integralidade, compreendendo-o nas dimensões físico-somática, psicológica-psicossomática e social-espiritual; portanto, os domínios da saúde física, psicológica, social e espiritual para a ocorrência da qualidade de vida.

O domínio da saúde social, o qual envolve ter boas habilidades interpessoais, relacionamentos significativos com amigos e família, e apoio social em épocas de crise. Está também relacionado com fatores socioculturais em saúde, como o *status* socioeconômico, a educação, a etnicidade, a cultura e o gênero (STRANB, 2005). E o último domínio seria a saúde espiritual, que se caracteriza pelo sentimento de que a própria vida tem sentido (TIMBY, 2007).

Assim sendo, é a partir deste sentido de vida, mencionado como domínio de saúde, que deve haver o movimento do aluno de Fisioterapia em buscar uma razão para persistir e acreditar que pode se tornar um grande profissional, apesar de sua história, de suas vivências pessoais, de sua travessia durante o processo de formação na faculdade e, em particular, a passagem pelo estágio supervisionado, seja ele positivo ou negativo. Até porque, neste atravessar, o discente de Fisioterapia, no estágio supervisionado, já nos primeiros ensaios da prática, passa também a conviver de forma recorrente com o processo da morte, da dor, do sofrimento, do medo, da ansiedade e da angústia.

É nesse contexto tão diverso que o discente pode refletir sobre a visão integral do ser humano, entender o seu contexto biológico, psicológico, social e espiritual e, a partir disso, poderá aprender a direcionar o foco das ações de saúde para uma abordagem do indivíduo de

maneira humanizada, individualizada, considerando todas as vertentes da dinâmica do processo saúde-doença, com ênfase na prevenção, se for possível (SILVA, 2015). Por isso, é importante que, na prática do futuro profissional da saúde, no seu estágio supervisionado, haja estratégias de ensino que visem, além dos conhecimentos técnicos, à autonomia e à prática reflexiva sobre o cuidado para com o paciente de forma integral, conectado ao contexto sócio-histórico atual.

Essa é uma formação ampla, que exige compreensão crítica da atual tendência do sistema capitalista e de suas repercussões nas condições de vida e de atividades de atendimento a serem executadas pelos discentes durante o estágio supervisionado. Obriga-nos a pensar no processo de formação sobre a bagagem que o aluno traz, como conhecimentos prévios, experiências, desejos e expectativas, correlacionando-os com os referenciais teóricos e práticos, vivências e práticas cotidianas, ofertados pelas Instituições de Ensino Superior, por meio dos estágios curriculares obrigatórios, que são essenciais para a formação profissional (SIGNORELLI et al., 2010; VIANA et al., 2012).

Na atualidade, portanto, é imprescindível que todo o processo de produção do conhecimento acadêmico, articulando teoria e prática, efetive-se a partir da interação intencional, planejada com vistas a provocar o encontro entre aluno, professor e objeto do conhecimento através do estágio curricular. É uma das atividades fundamentais no processo de construção profissional, por ser elemento integrador do saber acadêmico com a prática propriamente dita, devendo favorecer o desenvolvimento de competências e habilidades indispensáveis ao exercício profissional. Mas, e se o estágio curricular obrigatório não vier a ser isto na realidade? Considerando que se tenha o devido conhecimento teórico, mas quase nada de prático, como se sentiria e que tipo de vivências teria este estagiário? Como este futuro profissional atuaria e atenderia um paciente que, tanto como ele, carrega diversas histórias e é também influenciado pelo contexto familiar e que, para seu processo de cura ou para mitigar a sua situação, precisa de todo o apoio e intervenção familiar?

O estágio curricular poderá favorecer o aluno com uma sólida base de formação, para que o futuro profissional enfrente os desafios promovidos pelas rápidas transformações da sociedade, do mercado de trabalho e das condições do exercício profissional. Mas, caso isso não ocorra, algo deverá ser feito, para que o discente compreenda e reflita sobre futuros percalços que poderão acontecer pela falta de vivência clínica (GAIAD; SANT'ANA, 2005)

O percurso e/ou processo de construção profissional do indivíduo perpassa por vários fatores que devem ser levados em consideração, desde a história familiar, os fatores motivacionais, o reconhecimento social e financeiro da profissão, além da vocação e do próprio contato com o docente, principalmente, na prática, durante o estágio supervisionado, para elaborar o conteúdo aprendido na teoria ou não apreendido, e o primeiro contato com os

pacientes, durante o estágio supervisionado. Repensar as práticas dos próprios professores em todas as áreas, na construção de uma nova profissionalidade para a docência universitária, na qual os professores são convidados a refletir acerca das questões sobre as quais diariamente são convidados a decidir, pode ser um dos caminhos. (PIMENTA; ANASTASIOU, 2010 apud PEREIRA; RIOS, 2013, p. 172)

Há que se ressaltar ainda que os estágios supervisionados obrigatórios podem ser realizados de formas muito distintas em cada IES e em cada micro e macrorregião do país. Isto porque as distâncias entre as cidades são relevantes, os salários e cidades polos onde ficam as faculdades nem sempre são atrativas e interessantes, a ponto do docente se deslocar do seu local de origem para esse local de trabalho. Talvez a falta de regulamentação da profissão ocorra pelo fato de ser uma ciência nova, com menos de cinquenta anos de existência (Decreto-Lei 13/10/1969) e por ser o Brasil um país continental de grandes dimensões, fato este que talvez possa justificar alguma dessas discrepâncias. Somado a este fato, os documentos não são muito claros em relação à configuração de estágio no país, deixando brechas para muitas interpretações, já que o documento (LEI, 11.788/08) é muito generalista e não pode caracterizar o fazer de cada profissão. Assim, em muitos cursos da cidade do Salvador, o que tem sido permitido em algumas instituições para a realização dos estágios supervisionados obrigatórios não o é em outras, o que modifica o ambiente, a supervisão das práticas e, assim, os percursos profissionais dos futuros fisioterapeutas.

As discrepâncias que podem ser evidenciadas no contexto da capital do estado podem ainda ser ampliadas para o interior e para as demais regiões do país. Falar, portanto, de percurso profissional que envolve a realização do estágio supervisionado obrigatório envolve contemplar a diversidade das práticas, mas também um esforço para compreender as distintas concepções e a revisão das formas de aplicação das distintas normas dispostas nos documentos específicos que regem a formação do fisioterapeuta.

Todas estas questões me desafiaram para a realização deste estudo, para a definição do problema, dos pressupostos e da elaboração dos objetivos a serem alcançados nesta investigação.

3 OBJETIVOS DO ESTUDO

Isto posto, iniciou-se a busca para estabelecer respostas à seguinte questão/problema:

Que relações podem ser estabelecidas entre a influência familiar e a experiência do estágio supervisionado obrigatório no percurso de formação do estudante do curso fisioterapia?

Foi adotado o seguinte pressuposto, a ser confirmado no decorrer desta pesquisa:

A família nem sempre apoia o adolescente a realizar seus desejos e sonhos, profissionais ou pessoais. Além disso, a adolescência é uma fase caracterizada por grandes mudanças: físicas, emocionais, sociais, entre outras. Desta forma, em alguns momentos, a família pode adicionar sofrimento e estresse ao não incentivar suas escolhas. Estas influências podem repercutir na forma do sujeito conduzir sua vida acadêmica e, conseqüentemente, no estágio supervisionado obrigatório.

Para responder à questão problema e confirmar este pressuposto, foi elaborado o seguinte objetivo geral:

Estabelecer relação entre a influência da família e o percurso de formação profissional, em especial o estágio obrigatório supervisionado, a partir da percepção do estudante de fisioterapia no seu último ano acadêmico.

Para o alcance do objetivo geral, o estudo propõe como objetivos específicos:

1. Identificar os conflitos existentes nos documentos que norteiam os estágios supervisionados obrigatórios em Fisioterapia, assim como pontos de convergência e distanciamento;
2. Aprender os sentidos atribuídos pelos estudantes durante o estágio supervisionado obrigatório em Fisioterapia no percurso profissional: influência familiar e construção de sentidos.
3. Estabelecer relações entre a influência familiar e a experiência vivenciada nos estágios supervisionados obrigatórios;

4 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

4.1 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa referida, do ponto de vista metodológico, adota uma abordagem (auto)biográfica, que reconhece quem são os Outros¹ da formação: suas histórias, expectativas, sonhos, seu percurso profissional, sua influência familiar, a partir da análise de cartas pessoais escritas durante os estágios supervisionados obrigatórios, em que os estudantes, reconhecidos como protagonistas da própria história, falam de si e de suas experiências sociais. Segundo Pinho (2012), corroborando Levinas (2019), a narrativa (auto)biográfica é uma síntese das interações sociais entre o entrevistado e o entrevistador, podendo-se assumir que, nesta relação, não temos um sujeito que conhece e um objeto que é conhecido. O observador encontra-se totalmente implicado no campo do seu objeto. Longe de ser passivo, o objeto modifica continuamente o seu comportamento, em função do comportamento do observador. Nesta perspectiva, o conhecimento não tem o outro como objeto e, sim, a interação recíproca entre o observador e o observado. O conhecimento, portanto, é fruto da intersubjetividade desta interação, valorizando e respeitando a alteridade do outro.

Para dar suporte ao objeto dessa pesquisa (auto)biográfica, foi realizada também uma análise documental através de uma revisão integrativa da literatura, a fim de identificar os conflitos existentes nos documentos que norteiam os estágios supervisionados obrigatórios em Fisioterapia, assim como pontos de convergência e distanciamento. Esse primeiro artigo visa a ampliar as compreensões do leitor acerca do momento atual dos estágios supervisionados obrigatórios em Fisioterapia e subsidiar os artigos subsequentes.

A pesquisa (auto)biográfica em educação fundamenta-se na relação estreita entre biografização e formação, entre biografia e aprendizagem (Delory-Momberger, 2011). Ainda que esta pesquisa seja desenvolvida com estudantes da área de saúde, a compreensão aqui assumida é a mesma. Por meio das narrativas auto(biográficas) dos estudantes, foi possível apreender os sentidos atribuídos por eles à influência familiar na sua formação e na escolha profissional. Seguindo uma orientação de abordagem qualitativa, o estudo está interessado nas representações dos estudantes no final do percurso de formação na universidade, ou seja, no último ano acadêmico.

¹ Outros aqui significa reconhecer que ele é o fator central nas relações intersubjetivas, incompreensível e irreduzível ao meu preconceito, por isso, deve-se olhar o outro com ética e responsabilidade pela alteridade que ele possui. (Levinas – Totalidade e infinito/edição 70/2019)

A escolha pelas narrativas auto(biográficas) dos discentes ganha relevo para desvelar percursos de vida-formação-profissão, cujos elementos são compreendidos como fundamentais no caminho percorrido pelo sujeito da narrativa, vez que elas possibilitam a emergência dos sentidos atribuídos ao vivido, a compreensão de si mesmo e a apropriação de sua história enquanto narra, num movimento de tomada de consciência. (PEREIRA; RIOS, 2015)

Segundo Delory-Momberger (2006), as formas de biografização nas escolas, enquanto lugar de relação com o saber, ilustram o mesmo propósito: os saberes ganham sentido no espaço, nas situações, nas relações consigo próprio, com os outros e com o mundo; eles se inscrevem em redes complexas de socialização. Inclusive, têm efeito sobre a história própria e coletiva, nas quais o período da escola aparece como um momento fundador da experiência de construção de si mesmo (Pinho et al., 2013).

Para Souza (2011), focalizar nos saberes biográficos a historicidade das aprendizagens e os dispositivos de formação, como férteis para o desenvolvimento do trabalho docente, consolida a pesquisa (auto)biográfica e as histórias de vida no campo da pesquisa educacional e da formação docente. Este princípio pode favorecer a construção de processos educativos emancipatórios na Universidade, na medida em que reconhece o Outro como ele é e reconhece suas experiências como constitutivas do seu processo formativo (Pinho e Martins/2016). O método (auto)biográfico valoriza a subjetividade, as histórias de vida, as trajetórias e a construção dos sujeitos em seus diferentes contextos (SILVA, 2015) e as narrativas (auto)biográficas assumem um caráter de investigação da prática educativa, na qual os estudantes enfrentam o desafio de colocar sua palavra de forma pública, escrevendo as suas opiniões, suas inquietações, suas experiências e suas memórias sobre o processo de formação.

Nesse caminho metodológico, foi preciso reconhecer a relevância das experiências sociais dos estudantes, reveladas por meio das cartas escritas, para poder “dialogar” com eles através das cartas. Optou-se, portanto, pelas narrativas (auto)biográficas, a partir da necessidade de apreender os sentidos atribuídos pelos estudantes de Fisioterapia sobre a influência da família no seu percurso de formação profissional.

Dentre os indícios que uma narrativa esconde, alguns se destacam e outros ficam (Pinho, 2012), por muito tempo, ocultos. Cada um dos indícios vislumbrados deve ser considerado a ponta aparente de um grande iceberg. Assim, ao interpretar esses indícios, faz-se necessário, inseri-los dentro do próprio contexto, do qual fazem parte, levando em consideração todas as suas especificidades, que podem, inclusive, contrastar com a cultura do pesquisador.

As cartas, aqui escolhidas, foram consideradas por serem uma forma de registro democrática, flexível, que admite transgressões, e por comportarem qualquer tipo de conteúdo,

inclusive, os resultados de uma pesquisa acadêmica ou a reflexão que fundamenta esta pesquisa. (Soligo, 2018)

4.2 CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO

Essa pesquisa foi ambientada em uma universidade pública estadual (UNEB), localizada na cidade do Salvador, Bahia, sendo colaboradores os estudantes do último ano do Curso de Fisioterapia. O critério adotado para a definição da amostra de pesquisa foi o momento da formação em que se encontravam. Neste caso, foi definido o período em que são oferecidas as disciplinas – nesta específica instituição – Estágio Curricular Supervisionado I (FIO040), Estágio Curricular Supervisionado II (FIO043), Pesquisa Orientada em Fisioterapia (FIO041) e Trabalho de Conclusão de Curso (FIO042), nos respectivos oitavo e nono semestres. A pesquisadora ainda reiterou que as respostas não teriam influência na avaliação final das disciplinas envolvidas. Assim, participaram do estudo estudantes matriculados no oitavo e nono semestres, de ambos os sexos, com idades variando entre 17 e 33 anos, residentes na cidade de Salvador e Região Metropolitana de Salvador (RMS). Em cada momento, tiveram cerca de 50 minutos para escrever as cartas endereçadas a si.

4.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Elegeu-se uma disciplina do oitavo e uma do nono semestre e, após contatar a professora responsável por estas e esclarecer o objetivo do estudo, foi dada a autorização pela docente para interagir com os estudantes, dar explicações sobre o trabalho, apontando seus objetivos e orientando-os sobre os procedimentos de coleta. Em seguida, foi solicitada a autorização para a leitura das cartas e posterior publicação de artigo científico, sistematizando as informações concedidas, após o término dessa pesquisa. Essa autorização foi sinalizada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os estudantes que optaram por participar da pesquisa foram convidados a escreverem cartas pessoais contendo narrativas sobre o seu percurso acadêmico. Foi disponibilizado um tempo de 50 minutos, utilizando uma das duas aulas pertencentes à disciplina escolhida para esta atividade. Nesse momento, os estudantes puderam narrar suas experiências sociais, destacando a relação com a família, o percurso de formação profissional e as possíveis influências da família no processo de construção de si. Ressalta-se que toda a pesquisa foi

realizada em três momentos de escrita das cartas, enfatizando as experiências que os estudantes viveram durante os estágios supervisionados obrigatórios, a saber: antes do estágio I, antes do estágio II e após o estágio II. Ressalta-se que, por motivos diversos, alguns estudantes não participaram dos três momentos. Entrevista 1 (19); entrevista 2 (11); entrevista 3 (32); todas as entrevistas (11). Uma pessoa foi excluída do estudo, por ser estudante do curso de nutrição.

Antes de iniciarem suas escritas, a pesquisadora informou que os textos seriam confidenciais, lidos apenas por ela, após todos os momentos da pesquisa, e que eles próprios, nos semestres seguintes, teriam acesso aos escritos. Após a última coleta de dados, a pesquisadora teria acesso e faria a leitura das cartas escritas por eles. A cada autor(a) foi atribuído um pseudônimo, de forma a proteger a identidade dos sujeitos. A pesquisadora forneceu também, neste momento, papéis, canetas e envelopes pardos com cola, para que as cartas para si fossem seladas ao final de cada momento da pesquisa e, posteriormente, reabertas por cada estudante, no momento seguinte à coleta de dados. As cartas foram lidas pela pesquisadora em local particular, fora da universidade, onde ela pôde manter a confidencialidade das mesmas e o anonimato dos estudantes, após os três momentos das coletas.

No primeiro momento da coleta, antes do Estágio Curricular Supervisionado I, os estudantes escreveram cartas sobre suas expectativas em relação às experiências sociais e as perspectivas sobre esse novo momento do percurso profissional e qual a possível influência da família nessa escolha profissional, e o que significava o início dos estágios supervisionados obrigatórios. Nesse momento, os estudantes se encontravam no oitavo semestre, na expectativa da primeira experiência de estágio supervisionado.

O segundo momento da coleta ocorreu no semestre seguinte, antes do início do Estágio Curricular Supervisionado II, realizado nas enfermarias, nas unidades semi-intensivas e nas UTI. Na sala de aula da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, os estudantes abriram seus respectivos envelopes, selados no semestre anterior, releeram seus depoimentos, entraram em contato consigo e responderam suas cartas, contando de que forma vivenciaram o estágio passado e quais as suas novas expectativas quanto ao próximo estágio. Este último questionamento requereu do estudante uma reflexão maior, já que o nível de complexidade da atenção havia aumentado, pois os problemas de saúde dos usuários que se encontravam internados eram de maior complexidade. Novamente, após este momento, os discentes colocaram suas narrativas/cartas nos mesmos envelopes e os lacraram. Nessa ocasião, os estudantes se encontravam no nono semestre.

O terceiro momento da escrita das cartas se deu após a conclusão de todos os estágios e também da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse momento, cada estudante reabriu

seus respectivos envelopes, releu seus escritos prévios e teve a última oportunidade de expressar como vivenciou suas experiências sociais, seus momentos de formação profissional, a influência da família e como se deu a construção de sua (auto)biografia no período do estágio supervisionado obrigatório. Nessa ocasião, os estudantes se encontravam no nono semestre. Os estudantes se sentiram acolhidos e escutados, num momento tão peculiar da vida acadêmica. Foi, para a maioria, o primeiro momento em que conseguiram falar/escrever sobre seus medos e expectativas sobre o porvir nesse momento de formação.

4.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Para análise dos dados, foram considerados todos aqueles que efetuaram suas narrativas, independentemente de terem participado dos três momentos da coleta. Todas as cartas foram analisadas, baseadas na técnica compreensiva-interpretativa do fenômeno estudado - o percurso de formação profissional dos estudantes-, tomando como referência questões teórico-metodológicas no campo da pesquisa (auto)biográfica. Tais cartas foram analisadas em três etapas: I) pré-análise – leitura cruzada, com agrupamento dos dados recorrentes; II) leitura temática – unidades de leituras descritivas, com identificação das diferenças vivenciadas e das experiências de cada narrativa; III) leitura interpretativa-compreensiva do corpus – extração dos eixos temáticos¹⁷.

4.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Essa pesquisa baseou-se nos princípios éticos para as pesquisas envolvendo seres humanos, dispostos na Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, que fornece diretrizes da pesquisa envolvendo seres humanos, garantindo-lhes a ausência de danos ou prejuízos, sendo aprovada no dia 22 de novembro de 2017, com o número do CAAE 78604417.0.0000.5628. Foram asseguradas a privacidade e a confidencialidade dos dados obtidos por meio de entrevistas. A participação não implicou riscos para os participantes.

Assim, considerou-se a importância de apreender os sentidos atribuídos pelos estudantes sobre a influência familiar durante o estágio supervisionado, sabendo-se que: a) o estudante ingressante no ensino superior da universidade pública pode ter uma história familiar na qual ele foi o primeiro a galgar o ensino superior; b) há um investimento de tempo e dinheiro na formação deles, por parte da família e de uma rede de apoio; c) há uma expectativa familiar e

da rede de apoio sobre a formação deles; d) há um ingresso no ensino superior no período da juventude, com todas as questões relacionadas a essa fase; e) há dificuldades de adaptação ao novo espaço, às relações interpessoais, à nova fase para repensar os estudos e aos novos gastos.

Realizou-se a referida pesquisa, cujo objetivo buscou apreender os sentidos atribuídos pelos estudantes à influência da família no estágio supervisionado obrigatório e no percurso de formação profissional.

5 APLICABILIDADE DO ESTUDO

Este estudo pode contribuir com a formação do aluno de Fisioterapia e também com a IES no planejamento e na reestruturação do estágio supervisionado obrigatório. Poderá colaborar com as lacunas que possam se tornar evidentes através das narrativas (auto)biográficas dos sujeitos do estudo, escritas em cartas para si. Assim, pode ser capaz de contribuir com a renovação do Projeto Pedagógico do Curso, com a matriz curricular e com o Projeto de Desenvolvimento Institucional, por meio da análise cuidadosa dos resultados e da devolutiva institucional, de palestras para o próprio colegiado do curso, direção e área afins. Poderá contribuir também para a escrita de uma nova biografia, a partir da reflexão sobre o que foi escrito.

Os resultados dessa pesquisa poderão embasar reflexões dos supervisores do estágio supervisionado obrigatório e potencializar valores para os próximos alunos que chegarão a este momento do curso, como também ao longo de toda a formação. Deste modo, poderão colaborar com o desenvolvimento profissional docente e também discente. Além desses pontos citados, vale destacar a importância da ampliação de políticas públicas que subsidiem os estudantes, que se sentem tão fragilizados. Embora a Universidade tenha um setor chamado Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAES), que promove o acolhimento, e já haja também na atualidade um plantão na clínica de psicologia para os casos de sofrimento mais agudos, há de se pensar na ampliação dessas políticas. Em relação ao programa de bolsa, a PRAES tem três modalidades: a bolsa emergencial, que são casos mais urgentes para subsídios financeiros; a bolsa mais futuro, que é uma bolsa constante dada ao estudante durante todo o ano (9 meses); e a bolsa permanente, que é dada ao estudante que irá habitar a residência universitária.

6 VANTAGENS E LIMITAÇÕES

Podem ser consideradas como vantagens desse estudo a experiência prévia da pesquisadora em atividades de coordenação de cursos e de colegiados em Núcleos Docentes Estruturantes (NDE), e a docência em Cursos de Fisioterapia. Pode também ser considerado como facilitador o fato da mesma atuar na IES que sediou a pesquisa. Salienta-se que a coleta dos dados foi realizada pela docente da disciplina, na sala de aula de TCC, de modo a minimizar a influência do pesquisador na coleta. De modo semelhante, o conhecimento e a expertise em estudos (auto)biográficos e narrativos podem ser apontados como um ponto forte do trabalho.

Considera-se como possíveis limitações o cansaço do estudante em um semestre sobrecarregado de atividades, que pode resultar numa narrativa enxuta. Pode haver também o receio do mesmo em se expor e ser julgado ou uma falta de conhecimento de si e do que aquele momento final de Curso representa para a vida dele. Assim sendo, cabe ressaltar aos participantes da pesquisa que serão garantidos o anonimato e a confidencialidade das escritas e dos sujeitos. Pode ser também elencada como limitação a dificuldade de encontrar outros artigos com essa temática, para discutir pontos mais recorrentes.

7. ARTIGOS PROPOSTOS PARA COMPOR A TESE

7.1 Artigo - PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DISTANCIAMENTOS NOS DOCUMENTOS QUE NORTEIAM OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS OBRIGATÓRIOS EM FISIOTERAPIA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

O estágio supervisionado obrigatório constitui-se em um componente curricular que integra o processo formativo do graduando em Fisioterapia com práticas educativas monitoradas previstas no Projeto Pedagógico do Curso e definido por Leis e Resoluções do Conselho de Classe. Assim, a despeito da sua relevância como construto legal e normativo, os documentos oficiais não dão suporte suficiente para a unificação dos critérios para sua realização, o que pode ocasionar a ocorrência de práticas irregulares. Dessa forma, esse artigo visa identificar os conflitos existentes nos estudos e documentos oficiais que norteiam os estágios supervisionados obrigatórios em Fisioterapia, apontando pontos de convergência e distanciamento entre eles. Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura e dos documentos oficiais que dispõem sobre estágio supervisionado. Foram analisados 13 artigos publicados entre os anos de 2002 e 2017, sendo sete em língua portuguesa e os demais em língua inglesa. Foram analisados também seis documentos oficiais e Resoluções que abordam os estágios, a práxis pedagógica, as normas legais no contexto da Fisioterapia e nas áreas correlatas no campo da saúde. Percebe-se, a partir da análise realizada, a ausência de consenso em relação ao número de estudantes por supervisor de estágio na graduação em Fisioterapia; sobre a exigência da presença do supervisor, bem como sobre a sua identidade profissional. Como pontos de convergência apontam-se o estágio como uma prática curricular obrigatória e didático-pedagógica e o momento em que o estudante deverá ser estimulado a desenvolver autonomia e responsabilidade profissional com interação com a equipe multiprofissional, manejo dos pacientes e raciocínio clínico.

Palavras-chave: Estágio supervisionado obrigatório; Fisioterapia; Leis; Resoluções.

EXISTING CONFLICTS BETWEEN DOCUMENTS ABOUT THE MANDATORY SUPERVISED PRACTICE IN PHYSIOTHERAPY: AN INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

Abstract: Mandatory supervised practice is a curricular component that is part of the formation process of the undergraduate students in Physiotherapy, with monitored educational practices foreseen in the educational project of the Course and defined through Laws and Resolutions of the Educational Board. Thus, despite its relevance as a legal and normative construct, the official documents do not offer sufficient support for the unification of the criteria for its realization, which can occasion irregular practices. Accordingly, this article aims to identify the existing conflicts in the official studies and documents that guide mandatory supervised practices in Physiotherapy, pinpointing common grounds and divergence among them. An integrative literature review and review of official documents dealing with supervised clinical practice. There were 13 articles analyzed which were published between 2002 and 2017, seven in the Portuguese language and the other in English. Another six official documents and Resolutions were analyzed that address the supervised practice, educational practice, legal standards in the context of Physiotherapy and correlate areas in the field of health. It is possible to perceive, from the analysis performed, that there is a lack of consensus in relation to the number of students per supervisor for the practice for undergraduate Physiotherapy students; on the requirement of the presence of a supervisor, or as to the professional identity of the supervisor. The common grounds indicate supervised practice as a mandatory curricular and didactical-pedagogical practice and as the moment in which the student should be stimulated towards developing autonomy and

professional responsibility through interaction with the multiprofessional team, dealing with patients and clinical reasoning.

Key-words: Mandatory supervised practice; Physiotherapy; Laws; Resolutions.

PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DISTANCIAMENTOS NOS DOCUMENTOS QUE NORTEIAM OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS OBRIGATÓRIOS EM FISIOTERAPIA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

7.1.1 Introdução

O estágio supervisionado obrigatório constitui-se como uma das principais atividades da profissionalização do graduando, com práticas educativas monitoradas previstas no Projeto Pedagógico do Curso (PPC)¹. Entendido como um componente curricular que integra o processo formativo, os estágios são desenvolvidos no ambiente de trabalho, visando à preparação para o ofício produtivo de estudantes que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior¹. Trata-se de um momento fundamental na formação profissional, a partir do qual se espera que os estudantes associem os conhecimentos apreendidos ao longo do curso, de modo a articular a teoria e a prática²⁻⁷. É um laboratório que tenta contextualizar, por meio de situações reais, em diferentes níveis de atenção e de complexidade e com diversos recursos terapêuticos, uma prática similar ao que acontece no mundo do trabalho^{2-4,6}.

De modo geral, os documentos que norteiam os estágios supervisionados obrigatórios, tais como a Lei nº 11.788/2008¹, as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2002^{6,8}, a Resolução do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO)⁷ nº 431, de setembro de 2013, a Resolução 569 do Conselho Nacional de Saúde⁹ nº 569, de 08 de dezembro de 2017, constituem-se em diretrizes que devem orientar a organização e a natureza dos estágios nos Cursos de Graduação em Fisioterapia. No entanto, quando os gestores, aqui denominados Coordenadores de Cursos, procuram seguir as exigências postas pelas referidas normas, enfrentam dificuldades diante da falta de consenso entre eles.

Dentre os aspectos que têm sido alvo de discussões em fóruns específicos do campo da Fisioterapia, como a Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia (ABENFISIO)¹⁰, distinguem-se a quantidade de alunos por turma de estágio; a figura do supervisor, sua identidade e sua presença constante durante a prática supervisionada; além da distância entre as disciplinas específicas e o estágio supervisionado obrigatório. Todos esses critérios normativos, portanto, são debatidos nas IES conveniadas em que são realizados os estágios supervisionados obrigatórios. Assim, a despeito da sua relevância como construtos legais e normativos, os documentos oficiais, por não apresentarem consenso em relação à definição de critérios unificados, acabam gerando a ocorrência de práticas irregulares. A emergência das

fragilidades existentes entre os referidos documentos pode aprofundar o debate e tornar o posicionamento do COFFITO mais consistente ante os novos cenários de práticas. O objetivo deste estudo foi identificar a falta de consenso entre os diferentes dispositivos legais que norteiam os estágios supervisionados obrigatórios em Fisioterapia, assim como pontos de convergência entre eles.

7.1.2 Estratégia Metodológica

A pesquisa que deu origem a este texto consiste em um estudo de revisão integrativa da literatura, a partir da análise de artigos científicos publicados em periódicos indexados a partir de 2001 e de documentos nacionais, como a Lei 11.788/2008¹, as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2002, assim como as regulamentações do Conselho Federal de Fisioterapia e da Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia, que dispõem sobre estágio supervisionado. Foram adotadas as seguintes etapas para constituição da revisão integrativa da literatura: definição da pergunta de pesquisa; definição de critérios de inclusão e exclusão; seleção das produções nas principais bases de dados de acordo com os critérios de elegibilidade; escolha dos artigos pertinentes; organização e classificação temática, considerando as características em comum; análise crítica dos achados, identificando diferenças e ausência de consenso; interpretação e exposição dos resultados e reflexões pertinentes¹¹.

As bases de dados consultadas foram a *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a *Medical Literature Analysis and Retrieval System* online (MEDLINE/PUBMED), o portal Periódicos Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e os endereços eletrônicos do Conselho Federal de Fisioterapia (COFFITO), Conselho Nacional de Educação (CNE), Portal do Ministério da Educação (e-MEC) e Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia (ABENFISIO). Foram utilizados os descritores (DeCS/MeSH): “*clinical clerkship*” OR “estágio clínico” AND “*physical therapy*” OR “fisioterapia”.

Além da legislação referida acima, foram analisados artigos científicos, nacionais ou internacionais, que abordam as temáticas estágios obrigatórios supervisionados e estágios não obrigatórios em Fisioterapia e na área da Saúde.

7.1.3 Resultados

Foram localizados dois artigos no SciELO, 47 na BVS, 28 artigos científicos no MEDLINE/PUBMED, 95 no Periódicos Capes e seis documentos nos sites oficiais do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO), do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e do Ministério da Educação (MEC). Após a exclusão de trabalhos repetidos e a aplicação dos critérios de elegibilidade, foram selecionados 19 artigos e documentos que foram publicados no período entre os anos 2002 e 2017. A figura 1 representa o processo de seleção dos mesmos.

Dos artigos, sete foram publicados em língua portuguesa e os demais em língua inglesa. Após análise, foi possível constatar que dois (02) abordavam o número de alunos por supervisor, seis (06) a identidade do supervisor, quatro (04) a presença do supervisor na prática supervisionada e um (01) a distância entre a teoria e a prática no currículo acadêmico. Alguns desses artigos abordavam os temas, porém não de maneira exclusiva.

Dos seis documentos oficiais, foram incluídos a Lei do Estágio 11.788/08¹, a Resolução do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional⁷ n° 431, de setembro de 2013, a Resolução 569 do Conselho Nacional de Saúde⁹ n° 569, de 08 de dezembro de 2017 – as quais abordam os estágios e a práxis pedagógica –, a Resolução n° 444¹¹, de 26 de abril de 2014, a Lei n° 4, de 19 de fevereiro de 2002 e a Resolução n° 569⁸, de 08 de dezembro de 2017 – que aborda o tema de Cursos da modalidade Educação a Distância na área da saúde, as normas legais no contexto da Fisioterapia e nas áreas correlatas à área de Saúde.

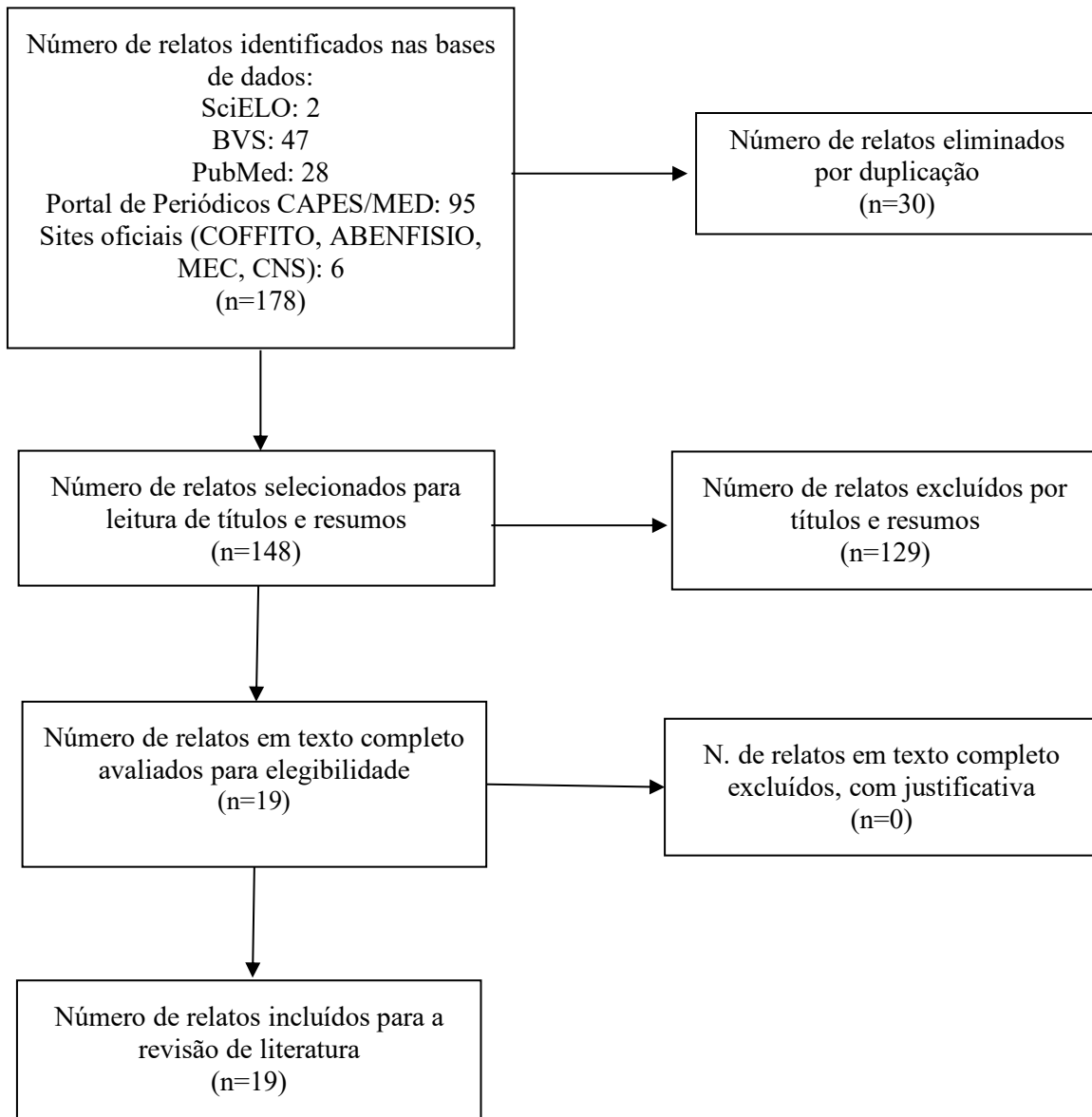


Figura 1: Fluxograma de identificação e seleção dos artigos para revisão integrativa da literatura, sobre Pontos de Convergência e Distanciamento nos Documentos que Norteiam os Estágios Supervisionados Obrigatórios em Fisioterapia.

Com relação à quantidade de alunos por supervisor, foram localizados documentos oficiais que apresentam divergências entre si. A Resolução 431 do COFFITO⁷, no seu artigo terceiro, define que, para o estágio curricular obrigatório, deverá ser respeitada a relação de um (01) docente supervisor fisioterapeuta contratado pela IES para até seis (06) estagiários, para orientá-los e supervisioná-los simultaneamente em todos os cenários de atuação, e de, no máximo, três (03) estagiários para cada docente supervisor fisioterapeuta em comunidade (domicílio), Unidades de Terapia Intensiva, Semi-Intensiva e Centro de Tratamento de Queimados^{7,10,12}. Tais

recomendações divergem do que está contido na Lei 11.788/08¹, que preconiza até 10 estagiários por supervisor. Ressalte-se que a presença de estagiários nos serviços de Fisioterapia, em qualquer nível de atenção à saúde, não modifica os parâmetros assistenciais dos profissionais lotados nos referidos serviços^{7,11}, conforme a Resolução 431⁷, artigo 8º, capítulo II, que define o número de pacientes por fisioterapeuta, não devendo este ser alterado em função da presença de estagiários nos serviços. Corroborando tais aspectos, a Resolução nº 444¹¹ preconiza que, nos diversos setores dos serviços, o número de pacientes por fisioterapeuta dependerá do local em que este estiver alocado.

Sobre a identidade do supervisor, foi verificada a importância de um *feedback* propositivo, de que, quanto mais ele estiver perto do estudante, a possibilidade da ocorrência de danos, tanto psicológicos, como técnicos¹⁸, é minimizada. Em relação à vinculação do supervisor que conduz a prática supervisionada, não há consenso, já que a Lei 11.788¹ permite que o profissional contratado pela instituição de saúde, não necessariamente docente da IES, atue como supervisor de estágio. Em contraponto, a Resolução 431⁷ do COFITTO, de setembro de 2013, reiterada pelas recomendações da ABENFISIO, define que o estágio curricular obrigatório deverá ter supervisão direta de um docente fisioterapeuta vinculado ao curso, devidamente contratado pela IES.

Quanto ao intervalo existente entre a oferta das disciplinas específicas e a oferta do estágio supervisionado obrigatório, observou-se que, de acordo com os artigos científicos analisados, há uma distância entre a oferta das disciplinas básicas, específicas e obrigatórias, respeitando a maturidade do discente, como sugere a DCN art. 13, incisos I e II, e também as resoluções da ABENFISIO de 2012, apesar de que, para os estudantes, a distância é maior do que deveria ser ou do que realmente desejam para sua formação.

7.1.4 Discussão

Após a análise dos artigos, Leis e Resoluções que compõem a temática sobre estágio supervisionado obrigatório em Fisioterapia, destaca-se a existência de pontos de convergência e de distanciamento, o que sugere a necessidade de estudos que abordem esse tema, de maneira a torná-lo mais claro, oferecendo um melhor subsídio para as Instituições de Ensino Superior (IES), para os fisioterapeutas e para a sociedade. Os documentos sobre os estágios obrigatórios supervisionados permitem a identificação de concepções distintas em alguns aspectos, que

podem ser utilizados de acordo com os interesses dos gestores das IES, que poderão ser mais comprometidos com as leis do mercado ou com a educação. Em alguns aspectos, as referências favorecem interpretações dúbias, facilitando a adoção de modelos mais simplificados. Pereira e Alves¹³ destacaram que existem diversas concepções teóricas atribuídas aos estágios, entre elas uma disciplina cheia de burocracias, que nem sempre aproxima o discente da sua prática clínica, acentuando-se essa realidade no ensino a distância (EAD), e na falta de explicitação sobre sua organização, o que faz com que esse componente curricular tenha pouco destaque ou seja pouco valorizado.

O estágio deve proporcionar aos futuros profissionais a compreensão da complexidade das práticas institucionais, superando a separação entre teoria e prática. Ou seja, não se pode colocar no estágio a única possibilidade de prática durante o curso. É necessário que, desde o início da formação, haja uma correlação da teoria com a prática nas diversas fases de amadurecimento do discente¹³, além de sua gradativa aproximação com a realidade em que atuará. Espera-se que as disciplinas acadêmicas possibilitem aos estudantes o desenvolvimento de competências e habilidades, como a construção de sentido de vocabulário próprio, o uso de recursos para análises, o conhecimento básico dos processos e dos recursos tecnológicos empregados, entre outros, que lhes permitirão entender melhor o que ocorre nas empresas e nas instituições onde farão seus estágios.

As Diretrizes Curriculares Nacionais⁸ (DCN), ao abordar as questões relativas à educação permanente, orientam que os profissionais de saúde devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática. Desta forma, estes devem aprender continuamente e ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e a formação das futuras gerações de profissionais, proporcionando condições para que haja benefício mútuo, inclusive estimulando e desenvolvendo a mobilidade acadêmico-profissional, a formação e a cooperação por meio de redes nacionais e internacionais¹³.

Número de alunos por supervisor

A despeito do contido na Resolução 431 do COFFITO⁷ e das recomendações da ABENFISIO¹⁰, que preconizam de três a seis alunos por supervisor, a depender do local em que ocorre o estágio, a Lei 11.788/08¹ sugere a possibilidade de até 10 estagiários simultaneamente por docente. Estas divergências têm implicações de cunho prático, que se relacionam com os custos da docência e com outras, de cunho didático, e tem inúmeras repercussões no processo ensino-aprendizagem.

Para Gribble et al.¹⁵, a opção de ter mais alunos se apoia no objetivo de conferir aos mesmos maior independência e preparo para a prática profissional. Mas a ausência de supervisão pode gerar resultados clínicos adversos, incluindo lesões, diagnósticos equivocados, assim como dificuldades para planejar e executar procedimentos, concorrendo para uma avaliação discente abaixo do esperado. De fato, o desafio é equilibrar a supervisão diariamente, visando à autonomia progressiva do estudante, uma vez que os supervisores estão a formar os futuros profissionais.

Gaida et al.¹⁶ enfatizaram estes aspectos, ao reportarem que o número de alunos por supervisor implica maior ou menor possibilidade de acompanhamento mais próximo, com concomitante impacto na preparação do estudante para vivenciar, com maior preparo, situações clínicas adversas. Ter menos alunos para acompanhar e estar mais atento aos atendimentos prestados pode possibilitar interferências prontas e rápidas no sentido de reduzir incidentes ou procedimentos iatrogênicos para o estudante ou cliente nos serviços que são cenários das práticas de ensino. A proximidade do supervisor pode estar relacionada com a menor ocorrência de incidentes. Na investigação conduzida por Gaida et al.¹⁶, cerca de 50% dos incidentes em estágios clínicos, que resultaram em lesões, ocorreram quando o supervisor estava ausente, enquanto, aproximadamente, 20% ocorreram quando estes estavam presentes. Apesar da diferença não ter sido estatisticamente significativa, sabe-se que o supervisor, estando mais perto, é capaz de corrigir e conduzir situações pontuais necessárias ao crescimento do aluno, especialmente em situações mais graves, que exigem mais rapidez de resolubilidade, como nos casos de atendimentos em UTI e emergências hospitalares.

A realização dos estágios hospitalares é, em geral, reportada como geradora de ansiedade, receio ou mesmo medo por parte dos estudantes que estão finalizando a graduação. Nestes espaços, os estágios são inevitavelmente estressantes, e os alunos em situações emocionalmente vulneráveis encontram-se em ambientes novos e desafiadores, onde se espera que promovam, sob pressão, assistência aos pacientes, além de fazer um contato adequado com a equipe de saúde. Gribble et al.¹⁵ estudaram as alterações emocionais de estudantes de Fisioterapia e afirmaram que a competência emocional destes pode ser ainda negativamente afetada por supervisão clínica deficiente, por conflito entre estudante e supervisor ou, ainda, por reprovação no estágio clínico.

Vale salientar que um supervisor que precisa acompanhar um grande número de estudantes pode se sentir mais estressado e, reagindo a muitos estímulos simultâneos, não só ofertar menos atenção, como também apresentar impaciência, que gera conflitos com seus alunos. Tais

comportamentos podem afetar os discentes no decorrer da formação e, para alguns alunos, pode haver redução importante da assertividade, da capacidade de resolução de problemas, de controle de impulsos, de autoatualização e de tolerância ao estresse. Gribble et al.¹⁵ afirmaram ainda que a inteligência emocional consiste num conjunto de competências que as IES devem desenvolver, assim como os próprios estudantes. Os supervisores devem ter a sensibilidade de perceber as dificuldades emocionais dos discentes e, para acompanhar os mais suscetíveis de forma mais acolhedora, pode ser necessário ter turmas reduzidas.

Outro fator que pode afetar emocionalmente os estudantes na fase dos estágios curriculares obrigatórios é a possível falta de unidade na forma como são avaliados por diferentes supervisores e, quanto maiores forem as turmas de estágios, mais facilmente estes acontecimentos poderão ocorrer. A definição de quais domínios da competência os alunos devem atingir pode também não estar claramente definida ou compreendida pelos supervisores. Domingues et al.⁵ salientaram que o fato de diferentes docentes avaliarem o mesmo aluno, com critérios muito diferentes, pode gerar consequências negativas, tanto para o docente, quanto para o discente. Para muitos supervisores, é mais fácil avaliar as competências técnicas do que as emocionais, no entanto não está claro ou unificado o critério sobre quanto o aluno deve conhecer para ser aprovado. Muitas vezes, nas fichas de avaliação, apenas um ou dois pontos abordam aspectos não técnicos, como a ética profissional, a frequência ou a forma de abordar o paciente¹⁸.

Além da falta de unidade nas avaliações realizadas pelos supervisores, também a expectativa que estes colocam sobre os alunos pode influenciar na avaliação dos mesmos. Alunos com maiores competências prévias podem ser mais cobrados do que alunos considerados como tendo fraco *background*. No estudo de Larin et al.¹⁸, os discentes relataram o quanto três aspectos afetaram seu autodesenvolvimento: o comportamento dos outros estudantes, a forma de realização do *feedback* dado pelo supervisor e a resposta clínica de seus pacientes. Demonstraram, ainda, que ganhavam mais confiança à medida que o estágio avançava, mas que um *feedback* mal direcionado do supervisor tinha um impacto negativo direto na sua autoconfiança.

Os estágios clínicos podem ser de fundamental importância, pois podem fornecer oportunidades para um aprendizado interprofissional continuado, de forma apropriada ao ambiente clínico. Escuta ativa, negociação e discussão nos espaços formais foram vistos como positivos pelos estudantes entrevistados por Robson & Kitchen¹². Da mesma forma, ainda segundo estes autores, os estudantes podem achar que o resultado é positivo quando a colaboração do

supervisor é regular, planejada e formal, que são características próprias dos ambientes hospitalares. Há que se considerar, por sua vez que a colaboração do supervisor é influenciada também pelo quantitativo de alunos sob seu comando.

Já em ambientes menos formais, como os estágios em comunidade, em que o número de alunos por supervisor deveria ser de três para um, usualmente, na prática, esse número é aumentado pela falta de fiscalização. Hilton & Morris¹⁷ reportaram que os discentes, acompanhados apenas por um específico profissional e sem a visão multidisciplinar característica das equipes encontradas em ambientes hospitalares, referiram sentir falta das discussões interdisciplinares e dos pontos de vista diferentes dos profissionais envolvidos na equipe. Da mesma forma, o contato direto e insuficiente entre os membros da equipe também foi referido como uma barreira no ambiente de cuidados intensivos²⁰, já que a presença do supervisor media situações que podem ser novas para os estudantes, ou mesmo críticas, e que merecem uma atitude proativa e de rápida resolução. (Tabela 1)

Identidade do supervisor

De acordo com as DCN⁸ e a Resolução nº 431 do COFFITO, podem atuar como supervisores dos estágios curriculares profissionais fisioterapeutas devidamente contratados pelas IES, enquanto que, pela Lei 11.788¹, poderão ser supervisores os profissionais indicados pelas instituições concedentes para exercer tais práticas. Dessa forma, as diferentes concepções dos documentos supracitados permitem que muitas IES se utilizem destes expedientes para não contratarem supervisores de estágio, autorizando profissionais do serviço a atuarem como supervisores. Tal prática propicia questionamentos acerca do grau de comprometimento do profissional com a formação do estudante, já que é necessário o compromisso com a educação de um futuro profissional. Ou seja, também o estágio deve possuir seu respectivo plano de trabalho docente, não só como documento didático, mas também como guia de orientação, para que o estudante tire o máximo de proveito das suas práticas¹².

A formação do estudante é uma das prioridades das IES e, quando o supervisor é funcionário da instituição, ele detém conhecimento ou, pelo menos, se espera que ele conheça o PPC do curso em que está inserido, participe das reuniões do curso e colabore com os *feedbacks* dos estudantes nas reuniões de colegiado/professores. Ademais, supervisores do serviço podem não ter vínculo com a IES, com a formação estudantil e, principalmente, com as transformações

sociais e perfil profissiográfico do discente, divergindo das recomendações da ABENFISIO¹⁰ e da Resolução 431⁷.

A grande questão é sobre quem é o supervisor de estágio. Em muitos casos, é um profissional alheio às discussões acadêmicas e com remuneração abaixo/diferenciada da do corpo docente. As horas pagas pelas IES são para o indivíduo estar dentro dos locais de prática, não oferecendo qualquer tipo de remuneração para sua qualificação e para sua aproximação com os processos acadêmicos. Quando o supervisor de estágio está na categoria de professor, a remuneração é mais alta, o que proporciona que o mesmo possa contribuir com a IES, já que é “obrigado ou pago” para estar nas formações acadêmicas. Sendo assim, aqui cabe uma reflexão sobre quem contratar. As habilidades exigidas precisam ser claramente definidas nos processos avaliativos e nas bancas de seleção dos supervisores, assim como explicitados na hora da contratação, respeitando as características importantes desses profissionais. Dessa forma, facilitará o seu compromisso com o ensino superior de qualidade.

Sobre esses aspectos relacionados às características do supervisor, as recomendações da ABENFISIO¹⁰ são claras e estabelecem que o supervisor de estágio deve ser fisioterapeuta, ter vínculo trabalhista na IES como docente e ter seu plano de carreira. Deve ainda estar inscrito regularmente no Conselho Regional de Fisioterapia (CREFITO) de sua circunscrição, estar presente durante todo o período do estágio, destinar parte da carga horária para a pesquisa e produção científica, além de estar subordinado a um coordenador de estágio, contratado pela respectiva IES.

Com as mudanças no mundo do trabalho, novas configurações podem atualmente ser detectadas com mais facilidade, o que não significa necessariamente a conquista de avanços no processo de ensino-aprendizagem. Na Austrália, por exemplo, Boucaut¹⁹ reportou que coordenadores de estágio, que desejarem vagas para estágios supervisionados de Fisioterapia em indústrias, enfrentarão dificuldades para conseguirem supervisores fisioterapeutas. Vale salientar que, nesse país, já se consolidou o papel do fisioterapeuta no âmbito da saúde ocupacional, e a educação na graduação é importante para a preparação dessa prática. (Tabela 2)

Presença do supervisor na prática supervisionada obrigatória

No art. 1º, da Resolução 431⁷, constata-se que o estágio curricular obrigatório deverá ter supervisão direta por docente fisioterapeuta do curso, devidamente contratado pela IES, com carga horária específica para esta atividade, estando devidamente registrado no Sistema

COFFITO/ CREFITOS. Este artigo coloca a figura do supervisor contratado pela instituição de ensino como imprescindível, não abrindo oportunidades para terceiros, e segue as recomendações da ABENFISIO¹⁰. Gaiad & Sant'Anna²¹ reiteraram que a presença do supervisor se faz necessária para o processo de aprendizagem do aluno e a tomada de decisões. Esta determinação diverge do contido na Lei 11.788/08¹, que sugere, no capítulo III, que a parte concedente, ou seja, o hospital, a clínica ou o serviço de saúde, indique um funcionário de seu quadro pessoal, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento do curso do estagiário, para orientar e supervisionar até 10 estagiários simultaneamente. Deste modo, diverge da Resolução 431 do COFFITO⁷ em três aspectos: quantidade de alunos por supervisor, identidade do supervisor e necessidade de supervisão direta. É possível que tal situação se deva pelo fato da referida Lei ser abrangente e generalista em relação aos estágios, sendo muito ampla para levar em consideração as questões peculiares de cada profissão. Todavia, ao se colocar desta maneira, oportuniza outras formas de entendimento e, conseqüentemente, conduta.

Os novos desafios em saúde, marcadamente vinculados às normas do mercado e ao financiamento da formação, estão colocando a supervisão direta em segundo plano e o supervisor para orientar a distância ou, até mesmo, os estudantes do último ano supervisionando os mais jovens na formação. Outras formas de substituição da prática supervisionada foram reportadas por Gustafesson et al.²⁰, na Austrália, com as simulações do ambiente real, as sessões educacionais e o acesso à biblioteca. A justificativa para tais condutas é que a obrigatoriedade das práticas pode tornar o curso sem sustentabilidade financeira.

As organizações/empresas que aceitam sediar estágios têm interesses próprios. Caso esses interesses não sejam alcançados, não há motivo para a manutenção dos mesmos. De forma geral, o entendimento da empresa, que justifica a incorporação de estudantes no ambiente laboral, é de que estes se comuniquem bem, demonstrem uma boa habilidade em pesquisa e observação, ajam de forma profissional e ética, respeitando a confidencialidade dos dados dos pacientes, e possam trabalhar de forma autônoma e como parte do time. Essas são as habilidades comerciais na hora de fechar as parcerias, tornando as empresas em centro de organização das atividades de currículo da universidade. Por outro lado, nem todas as empresas que recebem os estudantes têm um fisioterapeuta como colaborador e, segundo Boucaut et al.¹⁹, as que possuem não têm necessariamente interesse em contratar outros profissionais.

Nessa perspectiva, as IES vêm mudando os seus PPC na tentativa de adequar a formação dos futuros profissionais de saúde à realidade que atualmente se apresenta. Há uma necessidade

de se ter uma universidade mais comprometida com novas formas de pensar e de formar as suas futuras elites²². Na fala dos autores Mello *et al*²².

[...] A universidade brasileira precisa ser capaz de educar cidadãos empreendedores e criativos, preparados para serem atores inovadores na sociedade, contudo mestres da ação solidária, num mundo de contrastes e injustiças e em constante transformação. Impõe-se, dessa maneira, o envolvimento efetivo de nossos estudantes com os problemas reais do país, tanto das periferias das grandes cidades quanto as localidades interioranas mais afastadas. Conjugam-se, dessa forma, comunidades e instituições sociais como ambientes de aprendizagem pedagogicamente promissores não apenas à apreensão mais competente do saber já disponível como, e sobretudo, propícios à reflexão crítica sobre a realidade nacional e à produção de um saber autônomo – esta, sim, a ferramenta diferencial dos povos desenvolvidos [...]²²

Para esses autores, a superação do desafio posto, qual seja a função social da universidade na formação dos futuros profissionais, é, por um lado, torná-los competentes e comprometidos com a realidade e, por outro, reconhecer as comunidades como espaços aprendentes, a serem por eles transformados.²²

De modo semelhante, vale destacar os seguintes questionamentos: se o perfil profissiográfico dos futuros egressos dos cursos de Fisioterapia foi estabelecido em consonância com as premissas filosóficas, pedagógicas e epidemiológicas dos diferentes campos de estágio, e se as práticas profissionais formadoras estão contextualizadas com a localidade em que a IES está inserida.³ (Tabela 3)

Distância entre as disciplinas específicas e os estágios supervisionados

Nos artigos científicos consultados, as matrizes curriculares dos Cursos de Fisioterapia apontavam que os estágios são programados para serem ofertados no final da formação. Há uma predominância das disciplinas básicas no início e de disciplinas específicas das especialidades no intercurso da formação, o que suscita, muitas vezes, por parte dos discentes, a busca de experiências em estágios curriculares não obrigatórios, com a alegação de que há uma grande distância entre a teoria e a prática²⁶. Esta distância pode ser observada de duas formas. A primeira seria aquela à qual os discentes mais se referem, que é a necessidade de realização de estágios precocemente, e a outra forma refere-se à definição conceitual que admite o estágio supervisionado obrigatório atrelado ao grau de maturidade do estudante, o que justifica a sua inclusão no final da formação. Segundo as recomendações da ABENFISIO¹⁰, o estágio deverá ocorrer após o discente vivenciar práticas e fundamentos teóricos capazes de habilitá-lo ao exercício profissional gradualmente, já que a prática do estágio supervisionado integra a trajetória final de formação.

A despeito das inúmeras discussões acerca dos estágios supervisionados, as evidências científicas disponíveis sugerem um descontentamento dos discentes com relação aos mesmos. Em estudo realizado por Viana et al.²⁶, as principais queixas dos discentes se relacionavam com a concentração destas atividades no período final do curso, motivando a procura por estágios não obrigatórios no decorrer da formação, com a justificativa de que esta prática propiciaria uma melhor qualificação para o mercado e melhor preparação para a fase dos estágios obrigatórios. Dados adicionais dessa pesquisa apontam ainda que 90,2% dos discentes procuraram atividades curriculares não obrigatórias, motivados pela necessidade de adquirir experiência, 6,6% pela remuneração, 1,6% pela curiosidade e 1,6% por influência de família e amigos²⁶. De modo semelhante, os mesmos autores, em outra investigação, apontaram que o estágio curricular não obrigatório foi, para os estudantes, uma ferramenta de aprimoramento para sua formação profissional, pois proporcionou o exercício de procedimentos e técnicas mais comuns na atuação do fisioterapeuta, reforçando o aprendizado propiciado pela graduação²⁶.

Alerta-se, entretanto, para a necessidade de fiscalização dos CREFITO e do Ministério da Educação (MEC), bem como do questionamento acerca da responsabilidade das empresas ou clínicas que oferecem estágios obrigatórios ou não obrigatórios, uma vez que irregularidades, do ponto de vista legal, podem ser observadas. As mais frequentes irregularidades observadas e previstas na Resolução 432 do COFFITO, que tratam de estágios não obrigatórios, são: não estar inserido no penúltimo/último ano do curso; não estar regularmente matriculado; não ter concluído todos os conteúdos teóricos inerentes à área do estágio; não respeitar a jornada de até 30 horas semanais; ausência de contrato com a IES. Destaca-se, ainda, que o aluno deve exercer funções compatíveis com o seu nível de qualificação durante sua formação como profissional de saúde²⁶.

Em investigação sobre a efetivação dos cenários de ensino, voltados para atender as premissas da integralidade da atenção à saúde, Varjabedian et al.³ afirmaram que muitas clínicas funcionam como laboratórios de experimentações e de habilidades e, assim, atraem alunos para experiências não curriculares e precoces. De acordo com estes autores, esses modelos de formação, em que a prática do estágio supervisionado acontece no final da graduação, contribuem para a manutenção de serviços e de clínicas-escolas que fortalecem a formação disciplinar como espaço de treinamento de técnicas e procedimentos. Sendo assim, ocorre o reforço de uma formação fragmentada e tecnicista, não havendo comprometimento com o SUS e com as necessidades da população. Portanto, a universidade deve participar, através da formação profissional, da composição de cenários e situações nos quais existam a

interdisciplinaridade, a multiprofissionalidade do trabalho, a apropriação do sistema de saúde vigente no país e a interação entre a universidade e a sociedade³. Corroboram essa afirmação Recla et al²⁷, ao afirmarem que a formação dos profissionais de saúde ainda representa um desafio para o país.

A prática dos estágios, quando bem direcionada, contribui para a construção do perfil profissional focado não apenas na reabilitação. Permite aos acadêmicos vivenciarem o processo de integralidade na atenção à saúde e o direcionamento das atividades, considerando o paciente e suas peculiaridades, realizando atividades voltadas a um olhar globalizado do sujeito, mesmo que esses estágios sejam hospitalares. Como exemplo dos aspectos citados, em outro estudo realizado, estudantes do último período do curso de Fisioterapia realizaram atividades, como educação e promoção em saúde, discussão de casos clínicos, atendimento e avaliação de pacientes nas enfermarias de um hospital que atende pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e envolveram os pacientes, seus acompanhantes e a equipe de saúde da unidade hospitalar²⁵.

Experiências deste tipo podem ampliar a capacidade de intervenção dos profissionais no sentido de ampliar a integralidade da atenção²⁹. No entanto, no início do curso, outras ações podem ser realizadas em termos de prevenção primária, o que pode viabilizar a diminuição da distância entre a teoria e a prática.

O importante é que os estágios possam contribuir de forma significativa, operando transformações na realidade de alunos, pacientes e família. Quando inserido no estágio supervisionado obrigatório, o discente se apresenta como um sujeito portador de um arcabouço teórico maior e mais amadurecido e poderá oferecer uma contribuição importante à sociedade. Vale ressaltar que parte dos estágios supervisionados obrigatórios acontece nas clínicas-escolas que, mesmo não vinculadas ao SUS, atendem a populações carentes com perfis semelhantes aos encontrados nas unidades de baixa e média complexidade. Como essas clínicas cumprem um calendário acadêmico, em alguns períodos do ano, a prática é descontinuada, e o tratamento do paciente é interrompido sempre que ocorrem as férias acadêmicas. Vale salientar que estas interrupções no atendimento comprometem os sujeitos em tratamento, a aprendizagem dos discentes, assim como as pesquisas em andamento. (Tabela 4)

7.1.5 Considerações Finais

Os resultados permitem concluir que existem conflitos em relação ao número de estudantes por supervisor de estágio na graduação em Fisioterapia, divergindo também quanto à presença ou não do supervisor, assim como sobre a sua identidade profissional. No que diz respeito à distância entre a teoria e o estágio curricular obrigatório, apesar do cumprimento das IES em relação aos critérios, os alunos reclamam da distância entre elas e em relação ao número de pacientes por turno, que não condiz com a prática. Como pontos de convergência, apontam-se o reconhecimento do estágio como uma prática curricular obrigatória e didático-pedagógica, e como o momento em que o estudante deverá ser estimulado a desenvolver autonomia e responsabilidade profissional, interação com a equipe multiprofissional e habilidade no manejo dos pacientes. Estas questões impõem uma reflexão sobre a atual formação em Fisioterapia e sobre as tendências nacionais e internacionais de flexibilização das normas e aproximação das questões de mercado. Em outros países já podem ser evidenciadas a presença de supervisores não fisioterapeutas e a supervisão a distância. Tais práticas poderão ser adotadas no território nacional, caso não haja uma ampla discussão política e um forte posicionamento em defesa dos interesses da classe, como de órgãos como o COFFITO, a ABENFISIO e outros.

A introdução de vivências práticas nas disciplinas iniciais do curso, quer seja através de recursos de computação, de discussão de casos clínicos, de modelos anatômicos que representem pacientes em situações clínicas mais ou menos complexas, assim como por meio de leitura de lâminas e análise de artigos científicos, desde os momentos mais iniciais do curso, podem motivar os discentes e torná-los mais ativos na sua própria formação. Tais práticas podem prepará-los melhor para o ingresso nos estágios supervisionados e obrigatórios, assim como reduzir a ansiedade para assumir posições inadequadas, de forma prematura, em estágios não obrigatórios que dispensem a presença de fisioterapeutas.

Conhecer o PPC da IES de que o fisioterapeuta deseja fazer parte e, quando possível, colaborar com a sua construção e reconstrução são condições importantes para o profissional que deseja entrar na docência. O PPC é a base sólida, o guia da gestão e do corpo docente para encontrar caminhos de qualidade na educação. Refletir sobre as competências e habilidades do fisioterapeuta, estabelecidas pelas DCN e sobre as Leis e Resoluções que regem a sua futura profissão, pode ser visto como um caminho a ser seguido pelas IES, transformando o PPC num instrumento claro para docentes, gestores e discentes. Desta forma, os indicadores de avaliação

poderão levar a IES a um caminho de construção sólida e de transformação social, condizentes com a realidade apresentada.

Novos estudos poderão caminhar nessa perspectiva, com o objetivo de fortalecer a profissão e conhecer mais de perto os parâmetros que são utilizados nos Cursos de Fisioterapia em todo o território nacional. Discutir de forma mais embasada as atividades de estágio, além de como é feito e o porquê, comparando as micro e macro regiões de um país tão continental e suas principais diferenças poderá contribuir para minimizar as assimetrias existentes em cada uma delas, levando-se em consideração os aspectos socioculturais de cada região.

7.1.6 Referências

1. Brasil. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Estágios de estudantes. Diário Oficial da União. 26 Set 2008.
2. Colliselli L, Tombini LHT, Leba ME et al. Estágio curricular supervisionado: diversificando cenários e fortalecendo a interação ensino-serviço. Rev Bras Enferm. 2009;62(6):932-7.
3. Varjabedian D, Raymundo CS, Guazzelli ME et al. Limites e possibilidades para a efetivação da integralidade na atenção à saúde: o Cenário de ensino em questão. ABCS Health Sci. 2015;40(3):208-213.
4. Araújo LD, Santos ALSF, Rosa A et al. O estágio curricular como práxis pedagógica: representações sociais acerca da criança com deficiência físico-motora entre estudantes de Fisioterapia. Interface: comunicação, saúde, educação. 2014;18(48):151-64.
5. Domingues RCL, Amaral E, Zeferino AMB. Os diferentes olhares na avaliação de alunos em estágio clínico supervisionado. Rev. Assoc Med Bras. 2009;55(4):458-62.
6. Santana TC, Pimenta MA de A. Avaliação no Estágio em Fisioterapia sob a Ótica de Professores e Estudantes. Meta: Avaliação. 2013;5(15):272-297.
7. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução nº 431, de 27 de setembro de 2013. O exercício acadêmico de estágio obrigatório em Fisioterapia. Diário Oficial da União. 07 Nov 2013.
8. Brasil. Conselho Nacional de Educação. Lei nº 4, de 19 de fevereiro de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Fisioterapia. Diário Oficial da União. 04 Mar 2002.
9. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 569, de 08 de dezembro de 2017. Cursos da modalidade educação a distância na área da saúde. Diário Oficial da União. 26 Fev 2018.

10. Araújo FR de A, Caldas MAJ, Batiston AP et al. Estágio curricular para os cursos de Graduação em Fisioterapia: recomendação da ABENFISIO. *Suplemento Fisioterapia no Brasil*. 2010 Set/Out;11(5):12-15.
11. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução nº 444, de 26 de abril de 2014. Parâmetros Assistenciais Fisioterapêuticos nas diversas modalidades prestadas pelo fisioterapeuta. *Diário Oficial da União*. 20 Out 2014.
12. Moira R, Kitchen SS. Exploring physiotherapy students' experiences of interprofessional collaboration in the clinical setting: A critical incident study. *J Interprof Care*. 2007 Jan;21(1): 95–109.
13. Pereira AM de A, Alves TP. Autonomia na disciplina estágio curricular supervisionado. ESUD 2014: XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. 2014 Ago 5-8; Florianópolis, Brasil. p.1389-1403.
14. Fujisawa DS, Oliveira AFR, Rocha VM et al. Padrão de qualidade dos cursos de graduação em fisioterapia no contexto do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES. *Suplemento Fisioterapia. Fisioterapia Brasil*. 2012 Set/Out;13(4):5-11.
15. Grible N, Ladyshevsky RK, Parsons R. Fluctuations in the emotional intelligence of therapy students during clinical placements: implications for educators, supervisors, and students. *J Interprof Care*. 2017 Jan;31(1):8-17. Epub 2016 Nov 23.
16. Gaida JE, Maloney S, Morgan P. Clinical incidents involving students on placements: an analysis of incidents reports to identify potential risk factors. *Physiotherapy*. 2015 Jun;101(2):219-25. doi: 10.1016/j.physio.2014.06.006. Epub 2014 Ago 7.
17. Hilton R, Morris J. Student placements—is there evidence supporting team skill development in clinical practice settings? *J Interprof Care*. 2001 Maio;15(2):171-83.
18. Larin H, Wessel J, Shamlan A. Reflections of physiotherapy in the United Arab Emirates during their clinical placements: A qualitative study. *BMC Med Educ*. 2005 Jan;5(1):3.
19. Boucaut R. OHS students: Reaching a decision about hosting placements. *Physiother Theory Pract*. 2008 Jan-Fev;24(1):43-53. doi: 10.1080/09593980701686658.
20. Gustafsson L, Brown T, Kinstry C et al. Practice education: A snapshot from Australian university programmes. *Aust Occup Ther J*. 2017 Abr;64(2):159-169. doi: 10.1111/1440-1630.12337. Epub 2016 Nov 10.
21. Gaiad TP, Sant'Ana D de MG. Análise da eficácia do estágio supervisionado em fisioterapia na formação profissional: uma visão do egresso. *Arq. Ciências Saúde. UNIPAR*. 2005 Maio;9(2):65-70.
22. de Mello AF, de Almeida Filho N, Ribeiro RJ. Por uma universidade socialmente relevante. *Atos de Pesquisa em Educação*. 2009 Set/Dez;4(3):292-302.
23. Pedra AO, Blandino RSP, Ferrari M et al. Aproximação da formação do fisioterapeuta na atenção básica em saúde. *Cad Edu Saude e Fis*. 2017;4(8 Supl):57.

24. Carneira MA. Lei de Diretrizes e Bases fácil. 23. ed. Petrópolis: Vozes; 2017
25. Barbosa CR, Mourão AR de C, Piatti NCTP et al. Atenção integral e integração ensino-serviço no estágio hospitalar de Fisioterapia: relato de experiência. Cad Edu Saude e Fis. 2017;4(8 Suppl):89.
26. Viana RT, Moreira GM, Melo LTM et al. O estágio extracurricular na formação profissional: a opinião dos estudantes de Fisioterapia. Fisioter Pesqui. 2012;19(4):339-34.
27. Recla AM, Silva MCP, Suzana RGS et al. Experiência vinculada a um projeto de iniciação científica. Cad Edu Saude e Fis. 2018;5(10 Suppl).
28. Larossa Bondia JL. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Rev. Bras. Educ. (online). 2002 Jan/Abr;(19): 20-28. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.
29. Maciel RV, Silva PTG, Sampaio RF et al. Teoria, Prática e Realidade Social: uma Perspectiva Integrada para o ensino de Fisioterapia. Fisioterapia em Movimento. 2005 Jan/Mar;18(1):11-17.

Tabela 1. Documentos que abordam o número de alunos por supervisor nos cursos de graduação da área da saúde.

Periódicos	Título	Autoria	Ano
Diário Oficial da União	Dispõe sobre as atribuições do Exercício da Responsabilidade Técnica nos campos assistenciais da fisioterapia e da terapia ocupacional e dá outras providências	Ruy Gallart de Menezes	COFFITO 139/1992
Diário Oficial da União	Inclui Inciso V, no art. 7º. da Resolução Coffito 139, de 18.11.1992 (D.O.U. de 26.11.92), fixando a relação máxima de preceptor/acadêmico, quando o estágio curricular for promovido diretamente por Instituição de Ensino Superior	Ruy Gallart de Menezes	COFFITO 153/1993
Diário Oficial da União	Dispõe sobre os Estágios de estudantes	Luíz Inácio Lula da Silva	Lei 11.788/2008
Suplemento Fisioterapia no Brasil	Estágio curricular para os cursos de Graduação em Fisioterapia: recomendação da ABENFISIO	Araújo LD, Santos ALSF, Rosa A et al	2010
Suplemento Fisioterapia. Fisioterapia Brasil.	Padrão de qualidade dos cursos de graduação em fisioterapia no contexto do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES	Fujisawa DS, Oliveira AFR, Rocha VM et al	2012
Diário Oficial da União	O exercício acadêmico de estágio obrigatório em Fisioterapia	Roberto Mattar Cepeda	Resolução 431/2013

Tabela 2. Artigos que abordam os aspectos da identidade do supervisor na graduação de Fisioterapia e/ou de outras áreas da saúde.

Periódicos	Título	Autoria	Ano
BMC Med Educ	Reflections of physiotherapy in the United Arab Emirates during their clinical placements: A qualitative study	Larin et al., Larin H, Wessel J, Shamlan A	2005
Fisioterapia em Movimento	Teoria, Prática e Realidade Social: uma Perspectiva Integrada para o ensino de Fisioterapia	Maciel et al	2005
J Interprof Care	Exploring physiotherapy students' experiences of interprofessional collaboration in the clinical setting: A critical incident study	Moira & Kitchen	2007
Rev. Assoc Med Bras	Os diferentes olhares na avaliação de alunos em estágio clínico supervisionado	Domingues & Zeferino	2009
Interface: comunicação, saúde, educação.	O estágio curricular como práxis pedagógica: representações sociais acerca da criança com deficiência físico-motora entre estudantes de Fisioterapia	Araújo LD, Santos ALSF, Rosa A et al	2014
Physiotherapy	Clinical incidents involving students on placements: an analysis of incidents reports to identify potential risk factors	Gaida et al	2014
J Interprof Care.	Fluctuations in the emotional intelligence of therapy students during clinical placements: implications for educators, supervisors, and students	Gribble N, Ladyshenwsky RK, Parsons R	2017

Tabela 3. Documentos e artigos que abordam o tema da presença do supervisor na prática supervisionada em Fisioterapia e/ou em cursos da área de saúde.

Periódicos	Título	Autoria	Ano
Diário Oficial da União	Dispõe sobre as atribuições do Exercício da Responsabilidade Técnica nos campos assistenciais da fisioterapia e da terapia ocupacional e dá outras providências	Ruy Gallart de Menezes	COFFITO 139/92
Resolução CNE/CES 4	Diretrizes Curriculares Nacionais	Arthur Roquete de Macedo	DCN/2002
Arq. Ciências Saúde	Análise da eficácia do estágio supervisionado em fisioterapia na formação profissional: uma visão do egresso	Gaiad & Sant'Ana	Gaiad & Sant'Ana, 2005
Physiother Theory Pract	OHS students: Reaching a decision about hosting placements	Boucaut	2007
Diário Oficial da União Suplemento Fisioterapia no Brasil	Dispõe sobre os Estágios de estudantes Estágio curricular para os cursos de Graduação em Fisioterapia: recomendação da ABENFISIO	Luiz Inácio Lula da Silva Araújo LD, Santos ALSF, Rosa A et al	Lei 11.788/08 Araújo et al, 2010
Suplemento Fisioterapia. Fisioterapia Brasil.	Padrão de qualidade dos cursos de graduação em fisioterapia no contexto do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES	Fujisawa DS, Oliveira AFR, Rocha VM et al	Fujisawa et al., 2012
Diário Oficial da União	O exercício acadêmico de estágio obrigatório em Fisioterapia	Ruy Gallart de Menezes	Resolução 431/2013
ABCS Health Sci	Limites e possibilidades para a efetivação da integralidade na atenção à saúde: o Cenário de ensino em questão	Varjabedian et al	Varjabedian et al., 2015
Aust Occup Ther J	Practice education: A snapshot from Australian university programmes.	Gustafsson et al	2017

Tabela 4. Documentos e artigos que abordam a distância entre as disciplinas específicas e o estágio supervisionado obrigatório na graduação de fisioterapia. Salvador/BA.

Periódicos	Título	Autoria	Ano
Resolução CNE/CES 4 Arq. Ciências Saúde	Diretrizes Curriculares Nacionais Análise da eficácia do estágio supervisionado em fisioterapia na formação profissional: uma visão do egresso	Arthur Roquete de Macedo Gaiad & Sant'Ana,	DCN/2002 2005
Fisioter Pesqui	O estágio extracurricular na formação profissional: a opinião dos estudantes de Fisioterapia.	Viana et al	2012
ABCS Health Sci	Limites e possibilidades para a efetivação da integralidade na atenção à saúde: o Cenário de ensino em questão	Varjabedian et al	2015

7.2 Artigo 2 - OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ESTUDANTES DE FISIOTERAPIA: INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Resumo

A influência familiar na escolha e na permanência no curso superior existe inclusive como um projeto subjetivo e pré-concebido que, muitas vezes, nem o estudante percebe. Dessa forma, pretende-se apreender os sentidos atribuídos pelos estudantes sobre a influência da família no seu percurso de formação profissional. A pesquisa adota uma abordagem (auto)biográfica por meio da técnica compreensiva-interpretativa, com cartas escritas pelos estudantes de graduação em Fisioterapia para si mesmos em três momentos distintos, antes e após os estágios curriculares. Após a análise, as cartas foram divididas em dois eixos: Família e percurso de formação profissional e Experiência e sentido do estudante na vida universitária. Foram entrevistados 33 estudantes entre 17 e 33 anos, de ambos os sexos, sendo 26 mulheres, com renda familiar entre 2 a 5 salários mínimos para uma média de 4 moradores. Entre esses, 19 eram da região metropolitana e de Salvador, 12 do interior da Bahia, dois de outros estados. Os resultados apontaram que a família apareceu sob diversas formas no percurso estudantil. Na análise final, os sentidos atribuídos pelos estudantes no estágio eram diferentes, desde os que atribuíam sua escolha profissional à família ou numa experiência vivida dentro dela, ou, em menor proporção, os que não tinham consciência dessa escolha.

Palavras-chave: Estágio supervisionado obrigatório; Fisioterapia; Família; Influência familiar; Percurso de formação, Sentidos.

THE MEANINGS ATTRIBUTED BY PHYSIOTHERAPY STUDENTS: FAMILY INFLUENCE ON THE EXPERIENCE OF SUPERVISED PRACTICE

Abstract: Family influence on the choice and permanence of the student in the higher education course exists inclusive as a subjective and preconceived project which, often, not even the student realizes. Accordingly, the aim is to understand the meaning attributed by the students regarding the influence of the family on their professional formation process. The research adopts an (auto)biographical approach by means of the comprehensive-interpretative approach, with letters written by the Physiotherapy undergraduate students to themselves in three different moments, before and after the curricular supervised practice. After analysis, the letters were divided into two axes: Family and the professional formation process and Experience and meaning of the student in the university life. There were 33 students interviewed, of ages between 17 and 33, both genders, of which 26 were women, with family income of between 2 and 5 minimum wages for an average of 4 members. Among these, 19 were from the metropolitan region and from Salvador, 12 from the interior of Bahia, two from other states. The results demonstrated that the family appeared under various different manners in the process of the student. In the final analysis, the meanings attributed by the students during the practice were different, some attributing their professional choices to their family or to an experience within the family, or, in a lesser proportion, those that had no awareness of this choice.

Key-words: Mandatory supervised practice; Physiotherapy; Family; Family influence; Formation process, Meanings.

OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ESTUDANTES DE FISIOTERAPIA: INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

7.2.1 Introdução

A pesquisa (auto)biográfica em educação fundamenta-se na relação estreita entre biografização e formação, entre biografia e aprendizagem¹. Nesse processo de autoria das escritas (auto)biográficas, o autor, de forma consciente ou não, passa a refletir sobre seus valores e crenças dentro daqueles fatos organizados, dando sentido ao que antes não havia².

Ainda que esta pesquisa tenha sido desenvolvida com estudantes da área de saúde, a compreensão aqui é a mesma. Por meio das narrativas (auto)biográficas, foi possível inferir que os estudantes seriam capazes de apreender os sentidos atribuídos por eles sobre a influência familiar na sua formação e escolha profissional. Seguindo uma orientação de abordagem qualitativa, o estudo estava interessado nas representações dos estudantes ao final do percurso de formação na universidade, ou seja, no último ano acadêmico.

A perspectiva aqui assumida é a de que as narrativas (auto)biográficas, sobre o percurso formativo de cada estudante, revelem suas histórias de vida, suas expectativas, seus sonhos, desejos e experiências, o que inclui, inevitavelmente, a experiência de viver em família, como parte fundamental dessa história sobre si e sobre sua caminhada no processo formativo.

É importante ressaltar que as experiências são diversas e inúmeras variáveis contam a esse favor: faixa etária, gênero, contexto familiar, renda, raça/etnia, primeira ou segunda formação, estado civil, entre outras. A referida pesquisa não teve a intenção de esgotar as distinções que podem emergir, comparativamente, destas variáveis, entretanto, reconhece que as narrativas (auto)biográficas dos estudantes são costuradas por um conjunto quase infinito de possibilidades, o que denota a complexidade das histórias de vida, vez que elas são tecidas a partir de várias perspectivas, o que requer a definição de categorias que auxiliem no processo de análise.

Além dos desafios e da complexidade já explicitados acima, a população participante da pesquisa compreende a faixa etária de 17 a 33 anos de idade, sendo a faixa etária predominante a de jovens. Desde 2017, a Organização das Nações Unidas³ (ONU) passou a conceituar, no Brasil, devido a uma mudança no termo legal, que jovens são pessoas entre 15 e 29 anos. Este é um momento de transformação de si, em que há a presença de um misto de sensações e

descobertas, que interferem de forma substantiva na escolha profissional e nos modos de tecer a própria vida. Assim, pode-se inferir sobre a dificuldade que esses estudantes encontram na escolha da profissão.

Nessa fase da vida, quando é vivenciada a transição da adolescência para a vida adulta, e que carrega, também, as memórias do luto da perda da infância, é possível perceber uma certa mistura de atitudes, que ora aproxima o estudante do mundo adulto e ora o aproxima do mundo infantil. Nesse sentido, a história familiar é o primeiro e principal ponto de referência para a constituição dos conceitos que o jovem tem de si mesmo, assim como para a compreensão das suas próprias aptidões⁴.

Segundo Passegi e da Cunha², nos últimos tempos houve um afrouxamento dos pertencimentos às instituições tradicionais, como família, classes sociais, estado e igreja, o que traz para os indivíduos, sobretudo aos que estão em formação, um desafio diante da pressão social de personificar seu percurso profissional, sendo autores da sua própria história. A família deixa de ser o principal modelo profissional, e o indivíduo passa a ser um produto complexo de experiências socializadoras múltiplas⁵. Desse modo, o estudante deverá entrar numa universidade que abarque esse indivíduo multidentitário, com conhecimentos formais e informais trazidos do seu cotidiano, que fazem da docência um cenário complexo de práticas pedagógicas⁶.

Diante do cenário já apresentado, segundo Coulon⁷, estar em uma universidade significa, para muitos estudantes, passar por várias rupturas simultâneas, representadas pela ansiedade de uma nova vida; pela possível saída do seio familiar para uma vida mais autônoma; e, sobretudo, por uma ruptura psicopedagógica, já que no ensino médio observa-se, por vezes, um tutelamento e, no ensino superior, é comum vivenciar um certo anonimato. Fora esses aspectos, o autor destaca outros fatores, tais como: mudanças na forma de se relacionar com os outros estudantes; ampliação do tempo das aulas dos componentes curriculares, que, algumas vezes, é mais longo que o das aulas do Ensino Médio; dificuldade de localização no Campus Universitário, criando alguns obstáculos para encontrar os diferentes espaços acadêmicos, como secretaria, sala de aula e biblioteca; entre outros fatores que se constituem como novidades nesse momento inicial da formação. Mas a mudança mais sentida está relacionada com as regras e com o saber, e uma nova identidade que está em processo de construção.

Para Souza⁸, focalizar nos saberes biográficos a historicidade das aprendizagens e os dispositivos de formação, como férteis para o desenvolvimento do trabalho docente, consolida a pesquisa (auto)biográfica e as histórias de vida no campo da pesquisa educacional e da

formação docente. Este princípio pode favorecer a construção de processos educativos emancipatórios na Universidade, na medida em que reconhece o Outro como ele é e reconhece suas experiências como constitutivas do seu processo formativo⁹. O método (auto)biográfico valoriza a subjetividade, as histórias de vida, as trajetórias e a construção dos sujeitos em seus diferentes contextos¹⁰, e as narrativas (auto)biográficas assumem um caráter de investigação da prática educativa, no qual os estudantes enfrentam o desafio de colocar sua palavra de forma pública, escrevendo as suas opiniões, suas inquietações, suas experiências e suas memórias sobre o processo de formação.

Dessa forma, este texto tem por objetivo apreender os sentidos atribuídos pelos estudantes sobre a influência da família no seu percurso de formação profissional, a partir da análise das cartas escritas por eles, no decorrer do estágio supervisionado obrigatório, exigência para a conclusão do curso.

7.2.2 Percorso Metodológico

7.2.2.1 Abordagem Metodológica

A pesquisa referida, do ponto de vista metodológico, adota uma abordagem (auto)biográfica que reconhece quem são os Outros^{2*} da formação: suas histórias, expectativas, sonhos, percurso profissional e influência familiar, a partir da análise de cartas pessoais escritas durante os estágios supervisionados obrigatórios, em que os estudantes, reconhecidos como protagonistas da própria história, falam de si e de suas experiências sociais. Segundo Pinho¹¹, corroborando Levinas¹² (2019), se a narrativa (auto)biográfica é uma síntese de interações sociais entre o entrevistado e o entrevistador, pode-se assumir que, nesta relação, não temos um sujeito que conhece e um objeto que é conhecido. O observador encontra-se totalmente implicado no campo do seu objeto. Longe de ser passivo, o objeto modifica continuamente o seu comportamento, em função do comportamento do observador. Nesta perspectiva, o conhecimento não tem o outro como objeto e, sim, a interação recíproca entre o observador e o observado. O conhecimento, portanto, é fruto da intersubjetividade desta interação, valorizando e respeitando a alteridade do outro.

*Outros aqui significa reconhecer que ele é o fator central nas relações intersubjetivas, incompreensível e irreduzível ao meu preconceito, por isso, deve-se olhar o outro com ética e responsabilidade pela alteridade que ele possui. (Levinas – Totalidade e infinito/edição 70/2019)

A escolha pelas narrativas (auto)biográficas dos discentes ganha relevo para desvelar percursos de vida-formação-profissão, cujos elementos são compreendidos como fundamentais no caminho percorrido pelo sujeito da narrativa, vez que elas possibilitam a emergência dos sentidos atribuídos ao vivido, à compreensão de si mesmo e à apropriação de sua história enquanto narra, num movimento de tomada de consciência¹³.

Segundo Delory-Momberger¹⁴, as formas de biografização nas escolas, enquanto lugares de relação com o saber, ilustram o mesmo propósito: os saberes ganham sentido no espaço, nas situações, nas relações consigo próprio, com os outros e com o mundo; eles se inscrevem em redes complexas de socialização. Inclusive, têm efeito sobre a história própria e coletiva, nas quais o período da escola aparece como um momento fundador da experiência de construção de si mesmo¹⁵.

Nesse caminho metodológico, foi preciso reconhecer a relevância das experiências sociais dos estudantes, reveladas por meio das cartas escritas, para poder “dialogar” com eles através das cartas. Optou-se, portanto, pelas narrativas (auto)biográficas a partir da necessidade de apreender os sentidos atribuídos pelos estudantes de Fisioterapia sobre a influência da família no seu percurso de formação profissional.

Dentre os indícios que uma narrativa esconde, alguns irão se destacar mais e outros serão menos aparentes, e, por vezes, podem permanecer por muito tempo ocultos. Cada uma das perspectivas vislumbradas deve ser considerada a ponta de uma reflexão. Assim, ao interpretar esses indícios, faz-se necessário inseri-los dentro do próprio contexto do qual fazem parte, levando em consideração todas as suas especificidades, que podem, inclusive, contrastar com a cultura do pesquisador¹¹.

As cartas, aqui escolhidas, foram consideradas por serem uma forma de registro democrática, flexível, que admite transgressões, e por comportarem qualquer tipo de conteúdo, inclusive os resultados de uma pesquisa acadêmica ou a reflexão que fundamenta a pesquisa¹⁶. Escrever sobre si, sobre o que se pensa de si, do outro e do próprio percurso profissional passa a ser um grande desafio. Tentar, em uma carta, resgatar seu percurso intelectual e inferir sobre os sentidos atribuídos pela família nesse momento do caminhar profissional é, sem dúvida, bastante provocativo!

7.2.2.2 Contexto de Investigação

A investigação que originou este texto foi ambientada em uma universidade pública estadual, localizada na cidade do Salvador, Bahia, sendo colaboradores os estudantes do último ano do Curso de Fisioterapia, no período de novembro de 2017 a julho de 2018. O critério adotado para a definição da amostra de pesquisa foi o momento da formação em que se encontravam; neste caso, foi definido o período em que são oferecidas as disciplinas, nesta específica instituição, Estágio Curricular Supervisionado I (FIO040), Estágio Curricular Supervisionado II (FIO043), Pesquisa Orientada em Fisioterapia (FIO041) e Trabalho de Conclusão de Curso (FIO042). Assim, participaram do estudo estudantes matriculados no oitavo e nono semestres, de ambos os sexos, com idades variando entre 17 e 33 anos, residentes na cidade de Salvador e Região Metropolitana de Salvador (RMS). A pesquisadora reiterou para os colaboradores que o conteúdo das cartas escritas não teria influência na avaliação final das disciplinas envolvidas.

7.2.2.3 Procedimento de coleta de dados

Elegeu-se uma disciplina do oitavo e uma do nono semestre e, após contatar a professora responsável por estas e esclarecer o objetivo do estudo, foi dada a autorização pela docente para interagir com os estudantes, explicar sobre o trabalho, sobre seus objetivos e procedimentos de coleta. Em seguida, foi solicitada a autorização para a leitura das cartas e a posterior publicação de artigo científico, sistematizando as informações concedidas. Essa autorização foi concedida a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após este primeiro contato, 33 (trinta e três) estudantes decidiram participar da pesquisa. A partir do aceite, foram convidados a escreverem cartas pessoais com suas narrativas sobre o percurso acadêmico. Foi disponibilizado um tempo de 50 minutos para esta atividade. Nesse momento, os estudantes puderam narrar suas experiências sociais, destacando a relação com a família, o percurso de formação profissional e as possíveis influências da família no processo de construção de si. Para a construção deste artigo participaram 16 (dezesesseis) discentes.

Ressalta-se que toda a pesquisa foi realizada em três momentos de escrita das cartas, enfatizando as experiências que os estudantes viveram durante os estágios supervisionados obrigatórios, a saber: antes do estágio I, antes do estágio II e após o estágio II. Ressalta-se que, por motivos diversos, alguns estudantes não participaram dos três momentos da pesquisa. Momento 1 (19) estudantes; Momento 2 (11); Momento 3 (32); e, em todos os momentos, 11

estudantes. Um estudante foi excluído do estudo, por se tratar de um estudante do curso de nutrição. Neste caso, ressalta-se que é permitida a matrícula de alunos de outros cursos, por se tratar de uma disciplina de núcleo comum na universidade.

Essa variação na participação do número dos estudantes nos três momentos possivelmente aconteceu, pois as disciplinas teóricas, como TCC, começam antes dos estágios supervisionados obrigatórios e a coleta era realizada no primeiro dia de aula. Muitos estudantes faltam os primeiros dias de aula, por ainda se encontram no interior do Estado.

Antes de iniciarem suas escritas, a pesquisadora informou que os textos seriam confidenciais, lidos apenas por ela, após todos os três momentos da pesquisa. E que eles próprios, nos semestres seguintes, teriam acesso aos escritos. Após a última coleta de dados, a pesquisadora teria acesso e faria a leitura das cartas escritas por eles. Vale ressaltar que a cada autor(a) foi atribuído um pseudônimo, de forma a proteger a identidade dos sujeitos. A pesquisadora forneceu também, neste momento, papéis e envelopes pardos com cola, para que suas cartas para si fossem seladas ao final de cada momento da pesquisa e, posteriormente, reabertas por cada estudante no momento seguinte à coleta de dados.

No primeiro momento da coleta, antes do Estágio Curricular Supervisionado I, os estudantes escreveram cartas sobre suas expectativas em relação às experiências sociais, as perspectivas sobre esse novo momento do percurso profissional e acerca da possível influência da família nessa escolha profissional.

O segundo momento da coleta ocorreu no semestre seguinte, antes do início do Estágio Curricular Supervisionado II, realizado nas enfermarias, nas unidades semi-intensivas e nas UTI. Na sala de aula da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, os estudantes abriram seus respectivos envelopes, selados no semestre anterior, releu seus depoimentos, entraram em contato consigo e responderam suas cartas, contando de que forma vivenciaram o estágio passado e quais as novas expectativas quanto ao próximo estágio. Este último questionamento requereu do estudante uma reflexão maior, já que o nível de complexidade da atenção havia aumentado, pois os problemas de saúde dos pacientes que se encontravam internados eram de maior complexidade. Novamente, após este momento, os discentes colocaram suas narrativas/cartas nos mesmos envelopes e os lacraram.

O terceiro momento da escrita das cartas se deu após a conclusão de todos os estágios e também na sala de aula da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse momento, cada estudante reabriu seus respectivos envelopes, releu seus escritos prévios e teve a última oportunidade de

expressar como vivenciou suas experiências sociais, seus momentos de formação profissional, a influência da família e como se deu a construção de sua (auto)biografia.

Após a conclusão dos três momentos da pesquisa, as cartas foram lidas pela pesquisadora em local particular, fora da universidade, onde ela pôde manter a confidencialidade das mesmas e o anonimato dos estudantes, conforme estabelecido na relação com os colaboradores da pesquisa. As narrativas foram mantidas na íntegra, mas passaram por uma revisão linguística, de forma a favorecer o entendimento do leitor.

7.2.2.4 Procedimentos para análise de dados

Para análise dos dados, foram considerados todos aqueles que efetuaram suas narrativas, independentemente de terem participado dos três momentos da coleta. Todas as cartas foram analisadas, baseadas na técnica compreensiva-interpretativa do fenômeno estudado - o percurso de formação profissional dos estudantes -, tomando como referência questões teórico-metodológicas no campo da pesquisa (auto)biográfica. Tais cartas foram analisadas em três etapas: I) pré-análise – leitura cruzada, com agrupamento dos dados recorrentes; II) leitura temática – unidades de leituras descritivas, com identificação das diferenças vivenciadas e das experiências de cada narrativa; III) leitura interpretativa-compreensiva do corpus – extração dos eixos temáticos¹⁷.

7.2.2.5 Considerações éticas

A pesquisa baseou-se nos princípios éticos para as pesquisas envolvendo seres humanos, dispostos na Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, garantindo-lhes a ausência de danos ou prejuízos, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa no dia 22 de novembro de 2017, com o número do CAAE 78604417.0.0000.5628. Foram asseguradas a privacidade e a confidencialidade dos dados obtidos por meio das cartas. A participação não implicou riscos para os colaboradores da pesquisa.

A referida pesquisa, cujo objetivo buscou apreender os sentidos atribuídos pelos estudantes sobre a influência da família no estágio supervisionado obrigatório e no percurso de formação profissional na universidade pública, identifica que há dificuldades de adaptação ao novo espaço, às relações interpessoais, à nova fase de repensar os estudos, aos novos gastos e,

principalmente, quanto à saída de um ensino tutelado para um ensino autônomo. Dessa forma, tem-se consciência da complexidade do objeto estudado, por conta das inúmeras variáveis que interferem no percurso profissional desses estudantes.

7.2.3 Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa apontaram que a família apareceu sob diversas formas no percurso estudantil dentro da universidade. A partir da técnica de análise compreensiva-interpretativa, essas cartas escritas para si foram divididas em dois eixos temáticos: 1) Família e percurso de formação profissional e 2) Experiência e sentido do estudante na vida universitária.

1) Família e percurso de formação profissional

A família, por muito tempo, foi considerada a célula base da sociedade, mas ao longo das últimas décadas sua conceituação vem mudando a partir de modelos de convivência. De qualquer forma, essa definição vai depender da cultura e da região em que o indivíduo está inserido. As concepções do termo se modificaram, mas, segundo a Declaração dos Direitos Humanos¹⁸, a família é o elemento natural da sociedade e tem direito à proteção da própria sociedade e do Estado.

Como instituição histórica, a família é constituída por um grupo de pessoas com características distintas e, ao mesmo tempo, semelhantes, mas, por fazerem parte do mesmo grupo familiar, as pessoas carregam laços de filiação e fraternidade, decorrentes da herança intergeracional, o que poderá refletir na sua relação interpessoal. De forma geral, como sujeitos únicos e com características particulares, cada um vivenciará as relações baseadas na herança intergeracional e também na cultura existente¹⁹.

Independente do conceito atribuído à família nos excertos das cartas escritas pelos estudantes, ela aparece sob diversas perspectivas:

Como costume acreditar, nosso histórico familiar orienta nossas escolhas, e isso não foi diferente comigo. Com problemas de saúde na família e com familiares atuantes na área de saúde, fiz minha escolha por Fisioterapia, pela qual não me arrependo nem por um segundo (Selma Pimenta – após estágio II)

Hoje me encontro no 9º semestre - “Mãe estou me formando!” -, com um pouco de tensão referente ao estágio hospitalar, mas feliz de ter encontrado pessoas que dedico meu pleno amor. (Chiquinha Gonzaga – após estágio II)

Ribeiro²⁰ destacou que cada estudante tem um projeto pessoal e profissional destinado a si por sua família e pelo grupo social em que está inserido, podendo ou não incluir o estudo universitário, e que cada projeto de vida pessoal tem dimensões variadas entre a dimensão individual (subjetividade) e a social, que geram a idealização e realização de um percurso de vida, como se percebe nos excertos abaixo:

Minha família foi fundamental no processo de formação. Sempre me incentivaram a buscar independência e buscar tudo aquilo que me fizesse feliz. Abdicaram de seus sonhos para que os meus fossem realizados; continuam trabalhando para que nada me falte nesse período de formação. Ajudaram-me a construir princípios e valores inenarráveis, me criaram para ser uma pessoa digna, honesta, dedicada e organizada, o que será de extrema importância para a profissão. Tive ajuda com amor, carinho, preocupação, financeiramente, mentalmente nos períodos de dificuldades. Com certeza formar outra filha é motivo de orgulho para pais que não conseguiram ter formação em ensino superior, mas que são doutores em ensinar como lidar com as doçuras e tristezas da vida. (Cora Coralina– após o estágio II)

Agradeço a meus pais pela paciência e apoio, pelos conselhos quando psicologicamente estava arrasada com o sofrimento do outro; agradeço pela torcida e ideias, e por meio das experiências que vivi no estágio e na faculdade; agora, mais do que nunca, estou agindo para ser um agente de transformação no meu lar. (Mariele Santos - após o estágio II)

Poucas vezes tive a oportunidade de ver minha mãe com os olhos brilhando e o peito cheio de orgulho ao escutar um caso clínico vivido por mim no cansativo dia de estágio. O orgulho em escutar “hoje eu estou no Hospital Geral do Estado (HGE)”, devo isso a vocês. (Anísio Teixeira - após o estágio II)

Iniciei o curso, tendo como primeira opção a Medicina (escolha que hoje percebo influenciada por tio e pela “mídia”). Durante o curso percebi uma grande identificação e hoje percebo que minha grande inspiração para seguir na área é minha avó (materna). Pessoa que considero como uma segunda mãe. Durante o processo da minha formação, passei por alguns momentos de dificuldade, onde a frágil saúde da minha avó (86 anos) sempre “nos” leva ao ambiente hospitalar. Entre essas correrias de UNEB – UTI – Estágio – Emergência em que me dobrava junto a minha mãe para acompanhá-la em suas cirurgias e internações, descobri em mim o grande potencial como pessoa modificadora do processo saúde-doença e também como ser humano disposto a, se preciso, apenas ouvir um pouco, pessoas que passam por momentos dolorosos. Hoje, mais do que nunca, minha vó é incentivadora na minha formação e fonte de inspiração, a qual devo muita coisa. Quanto a meus pais, sempre foram companheiros e parceiros, respeitando minhas escolhas. (Rosa Parks/ depois do estágio II)

Hodiernamente, a família não é o único meio de modelagem para os indivíduos. Existem outros modos importantes de influenciar pessoas, como o avanço da tecnologia e o aumento do acesso às fontes de informação. Talvez isso traga a falsa ideia de que haja grandes possibilidades de transformação social, previstas no modelo capitalista. Na verdade, o que se vê são pessoas que outrora se moviam verticalmente, mas que hoje lutam para se manterem horizontalmente, embora acreditem estar se movendo para cima. Nada mais é que uma nova forma de demonstrar que as novas categorias são na verdade desveladas em intracategorias²².

Mesmo que não seja de forma consciente, há uma nítida gratidão aos pais ou familiares que ofereceram aos estudantes essa oportunidade de viver, estar e permanecer na universidade. Os apoiadores são variados, desde os pais, padrinhos, avós, irmãos... Mas todos eles, de alguma

forma, abrem mão da própria vida, para ajudar na realização desse sonho. Talvez porque exista um discurso social de que o curso universitário é uma condição *sine qua non* para a possibilidade de ascensão social, via carreira, e as famílias têm como meta que seus filhos atinjam esse patamar, mesmo que seja muito mais como um desejo do que como uma possibilidade real²⁰.

Isso nos faz pensar que a democratização do ensino superior deve ser questionada, pois esta toma como prioridade a oferta de uma universidade pública, ou seja, que aparentemente não seja custeada diretamente pelo estudante, mas por vezes os discentes não estão preparados para acompanhar o curso. Isto pode acontecer porque carecem de pré-requisitos básicos para desenvolver os conhecimentos, as atitudes e as competências necessárias para o acompanhamento e para cada encerramento de ciclo, ou por não possuírem formas de se sustentarem financeiramente dentro da universidade.

De fato, essa é uma ideia simplista, pois há um entendimento de que o estudante é que deverá se adaptar a esta nova realidade, e não a universidade se reestruturar para atender a demanda proveniente dos estudantes – mesmo que ele seja aprovado e não sobreviva a esse novo momento da sua vida.

Os excertos abaixo, retirados das narrativas dos estudantes, fazem refletir um pouco sobre as outras questões que envolvem a universidade, que não se limitam a um ensino gratuito:

Escrever sobre minha formação em fisioterapia não é uma tarefa fácil, afinal de contas foram 5 anos dentro da universidade, que significa casa, mas quando olho para trás percebo o quanto eu venci; vencer por questões sociais, principalmente. (Chiquinha Gonzaga – antes do estágio II)

Meu desafio é concretizar meus sonhos, apesar das dificuldades que a vida impõe. Espero passar na residência em Fisioterapia. Acredito que a universidade me preparou, apesar dos pesares. Gratidão a minha formação e ao anjo que apareceu na minha vida, meu orientador, Bruno Prata, que me incentiva, embora ele não saiba, que desejo me tornar uma fisioterapeuta de excelência. (Chiquinha Gonzaga - depois do estágio II)

Almeida & Magalhães²¹ afirmam que o indivíduo, muitas vezes, acredita que se pode escolher livremente a profissão e que o projeto, aparentemente concebido como individual, é, na verdade, resultado de um conjunto de fatores, pois sofre diversas interferências, sendo estas multifatoriais, como dito nos excertos acima.

A família está em transformação e já não é a única que mantém importância nas decisões dos seus membros, assim como não é mais a família fixa e estável de antes. Na atualidade, a família se apresenta de diversas formas: casal estável, família monoparental, união livre, e os parentes e amigos se transformam em uma combinação de laços eletivos e de sangue²¹. Como se percebe

nos excertos abaixo, em contraponto aos supracitados, muitos indivíduos não têm consciência da influência familiar que existe sobre suas escolhas.

Não considero que minha família tenha exercido influência sobre minhas preferências nas subáreas da minha profissão, pois sempre fui muito livre nesse aspecto. (Rui Barbosa – depois do estágio I)

Escolher cursar fisioterapia foi um acaso. Eu tive a oportunidade de acompanhar meu pai como paciente do Otávio Mangabeira e percebi a importância do trabalho do fisioterapeuta na recuperação da saúde daquelas pessoas. Outra questão que me trouxe para a fisioterapia foi o fato de crescer ouvindo as queixas musculoesqueléticas da minha mãe. Mas meus pais sempre me deixaram livre para escolher os meus caminhos. Eles querem a minha felicidade, independente de qual sentido eu dê a minha vida. (Anita Garibaldi– após o estágio II)

Mas, voltando ao assunto, espero que nesse estágio eu consiga me encontrar na fisioterapia, pois no fundo sei que a vontade de fazer medicina ainda é muito grande dentro de mim. Estou apostando a maioria das minhas fichas em pediatria hospitalar, pois me senti confortável nessa área e senti, posso dizer certo prazer em atender na área ambulatorial. Digo algumas fichas, pois as outras se distribuem na área do pilates (e espero que esteja com certificado na mão e dando muitas reposições por aí) e talvez dermatofuncional, não sei. Sei que quero me encontrar na profissão que escolhi. Na hora que apertar, me inscrever no SISU (Angela Davies - depois do estágio I)

A escola e a universidade são locais privilegiados de transmissão e construção do conhecimento, mas já reconhecem que perderam um pouco o monopólio dessa tarefa. No passado, eram os únicos garantidores das aprendizagens, mas, com a revolução da tecnologia da informação e as crises vividas por todas as instituições na contemporaneidade, trazem novos desafios aos docentes e exigem novas soluções para essas questões. Já que na atualidade, os meios de comunicação se multiplicaram, deve-se considerar o indivíduo multidentitário, com aquisições de conhecimentos formais e não convencionais⁶.

Nessa perspectiva de mudança social, as diferenças de recursos materiais e culturais passaram a exercer muita influência nos projetos de vida dos sujeitos. São marcas cruciais na história de cada um, porém não são os únicos considerados como determinantes na vida²³. Desta forma, vamos compreendendo que os sujeitos sociais se formam na diversidade dos processos culturais existentes e vão se adaptando pouco a pouco. Devagar integram as mais variadas construções sociais, pelas experiências vividas e construídas, bem como pelas diferentes formas com que tecem e empreendem as dimensões existenciais da própria vida²³.

Espero que consigamos nos adequar e que façamos um bom trabalho. Desejo ardentemente que continuemos felizes e realizados na nossa profissão; que produzir a mudança na vida das pessoas continue sendo o nosso alimento e o nosso orgulho. Por favor, não se deixe duvidar, não fuja do seu propósito! E cuide da sua saúde! Desejo que encontre sempre a felicidade. E, como tem feito, use de todos os elementos para evoluir, com as dificuldades, os erros e os acertos. Lembre-se de que a vida é feita de recomeços e de constante aprendizado! (Darci Ribeiro/antes do estágio II)

Quanto ao estágio, quero que se entregue, estudo muito! Estude muito! Não durma! Não é hora p/ dormir. Você precisa se destacar, falar mais e chegar mais preparada para as discussões. Precisa mostrar para o que veio! Você tem potencial e consegue, basta estudar. Deixe o *netflix* e o *instagram* para depois. Vai ser difícil, eu sei, mas essa provação precisa passar. Não deixe seus colegas ofuscarem você, pois você tem potencial. Absorva o que puder deles. Caso se destaque nas discussões, mostre INTERESSE, e se envolva! É isso que você precisa, SE ENVOLVER NO QUE FAZ (CONSELHO). (Angela Davies/antes do estágio II)

Sujeito e sociedade estão numa constante integração, onde um afeta o outro, de modo que ambos estão incorporados nas práticas cotidianas. É como se cada um, ao se revelar, despontasse as tramas da vida, numa arte que separa e une suas dimensões pessoais e profissionais²³.

É preciso ampliar o papel institucional da escola, abrindo-a a um novo conceito frente aos avanços da tecnologia da informação; redefinir seus pactos socializadores, especialmente a família e os meios de comunicação. Parece necessário enfatizar a ideia de que a escola deverá assumir uma parte importante da formação, no que tange aos meios tecnológicos, que estão cada vez mais sofisticados e poderosos. Porém o papel da escola deverá ser definido pela sua capacidade de preparar o estudante para o uso cada vez mais consciente e crítico dessas ferramentas do conhecimento, a fim de minimizar as expectativas e fornecer subsídios para o mundo real. Neste sentido, parece que um caminho promissor é rever a relação com o convívio, com as relações face a face e com a possibilidade de oferecer um diálogo direto, um intercâmbio com pessoas reais, em que os instrumentos técnicos sejam o que são – instrumentos -, e não fins em si mesmos²².

As expectativas para o estágio supervisionado I são as melhores possíveis, uma vez que estou saindo de uma etapa da faculdade onde tudo é mais teórico, e poder colocar tudo na prática vai ser maravilhoso, uma vez que são muito importantes essas experiências para nossa profissão. Mas, junto com essa expectativa boa de vivenciar novas experiências, tenho medo de não estar preparada para isso, de não saber abordar os pacientes corretamente, de como são os professores nessa etapa, se vou conseguir alcançar todos os objetivos propostos. Acredito que todo esse medo e insegurança sejam por causa da falta de vivenciarmos mais essa prática durante a nossa graduação. (Berta Louis/ antes do estágio I)

Para o estágio tenho boas expectativas. Sei que vou aprender mais do que sei hoje. No entanto, às vezes o contexto em que vivo me deixa aflita. Tenho iniciação científica para apresentar, e bem, nesse início de estágio estou mais apertada, pois estou na fase de entrega de relatório final e resumo. Queria mais tempo para me dedicar e estudar; vendo que não estou tendo este tempo, estou ficando com medo. Percebi com experiências anteriores que atender pacientes, para mim, é mais prazeroso, e a pesquisa não gosto. (Alice Portugal/ antes do estágio)

Segundo Souza²⁴, as narrativas (auto)biográficas são construídas num processo de pesquisa ou em práticas de formação, centrando-se nas trajetórias e percursos das experiências dos sujeitos envolvidos, marcadas por aspectos históricos e subjetivos frente às reflexões e análises

construídas por cada um sobre o ato de lembrar, narrar e escrever sobre si. Por isso mesmo, não é algo fácil. É um elo entre si e o que se pensa sobre si, trazendo grandes possibilidades de reflexão¹⁷.

Escrever uma carta não é uma tarefa fácil, especialmente quando o objeto da escrita passa por um processo longo de experiência e emoções cheias de significado. “E, finalmente, a soma de todas as experiências e sentimentos me fazem seguir na certeza de que será uma experiência ímpar e cheia de proveito”. (Diane Nash/ antes do estágio I)

Olá! Sou aluna do curso de fisioterapia, cursando o 8º semestre. A partir do dia 08 de agosto irei começar a etapa de estágios, no qual não tive tantas experiências durante a minha formação. (Zilda Arns/ antes do estágio I)

Finalizando, você queria muito ser uma grande Dermatologista, contudo, ao passar no vestibular para o curso de Fisioterapia, você percebeu que poderia dar uma chance para si mesma. E suas avós lhe incentivaram e apoiaram sua decisão. (Cecília Meireles/ depois do estágio II)

A minha família é o centro de tudo na minha vida, a minha mãe mais especificamente, que hoje não está mais aqui comigo, mas continua sendo a maior motivação pra que eu siga em frente. A faculdade foi longa e difícil, mas todas as vezes que eu pensei em desistir pra trabalhar de qualquer coisa por aí, eu lembrei do esforço e da dedicação dela para que hoje eu tivesse a estrutura e cabeça que tenho, para que hoje eu pudesse estar me formando em uma Universidade conceituada e com muitas expectativas para o futuro. Não só na formação profissional; em tudo, eu sempre vou pensar nela, e tudo de bom que eu alcançar, com certeza, vai ser por ela. (Ana Maria Machado/ depois do estágio II)

Quanto à família, necessariamente foi o ponto chave para a minha permanência na instituição, diante de cargas horárias enormes, implicando a ausência dos ciclos familiares e a impossibilidade de ter uma fonte de renda para custear este processo caro, que é uma formação superior. Se não houvesse a compreensão e o apoio financeiro dos meus pais, da minha avó e da minha namorada, certamente eu não conseguiria completar este ciclo e realizar este sonho. (Darci Ribeiro/ depois do estágio II)

A pesquisa (auto)biográfica nasce do indivíduo em suas diversas inserções sociais, incluindo o seu percurso de formação pessoal e profissional. Há em cada um uma forma própria de biografizar as suas experiências pessoais vividas e narradas sob sua ótica, implicando-os na influência consciente ou não da família durante esse percurso. A biografização caracteriza a vida, o ser humano em suas diferentes formas de expressão e a manifestação de si próprio.

2) Experiência e sentido do estudante no estágio supervisionado obrigatório

As narrativas (auto)biográficas têm se consolidado como uma experiência viva e como práticas de formação, tendo em vista a oportunidade que os pesquisadores têm de narrarem suas experiências e explicitarem, através de suas narrativas escritas, diferentes formas de construções de identidades pessoais e coletivas, reflexões sobre a vida, a formação, as trajetórias individuais e coletivas, bem como sobre o respeito à liberdade, à autonomia e à democracia individual e social¹⁷.

A experiência inicial com o mundo do trabalho oferece múltiplas possibilidades aos estudantes, desde a reflexão sobre si mesmo, o confronto da teoria com os locais de prática, sobre a profissão e a equipe multiprofissional; reflexões sobre ideias previamente concebidas, sobre os pacientes, e, principalmente, sobre o cenário de vida real²⁴.

Nesse momento do percurso profissional, a possibilidade de construir sua própria identidade é sentida por cada estudante de maneira diferente. Segundo Larossa Bondia²⁵, o sentido da experiência na educação passa pelo par experiência/sentido. A experiência é o que nos toca e nos faz sentir. É a vontade de transformar uma ação automática em algo vivo, sentido através da percepção do momento, da abertura dos sentidos, da arte de cultivar o encontro, e se permitir viver o tempo presente. O sujeito está aberto à própria transformação. A experiência tem relação com o sentir, com a forma como ele consegue elaborar a experiência vivida e sentida. Nesse contexto, cada um tem sua própria experiência, pois ela é singular, individual, sentida de maneira pessoal por cada estudante.

Quanto a toda aquela insegurança que eu sentia no início, sinto agora que ela foi um pouco excessiva e refletia minha inexperiência frente a frente a um paciente de verdade. (Monteiro Lobato - antes do estágio II)

Uma das formas de viver a experiência do curso de Fisioterapia é a realização de estágios supervisionados obrigatórios. A experiência do Estágio foi sentida de maneira diferente por cada estudante. Para cursá-lo, o estudante deveria ter se apropriado da teoria e, neste momento, ser capaz de se permitir realizar correlações clínicas. No ambiente de estágio, também se vivenciam trocas interpessoais, no convívio com a equipe, com os colegas e com as pessoas que serão alvo do cuidar. Mesmo com a prática fisioterapêutica presente ao longo do curso, o estudante, ao iniciar o estágio supervisionado, algumas vezes se sente inseguro, com medo do que está por vir, como se percebe nos excertos abaixo:

Estou satisfeita com meu desempenho nos estágios curriculares; consegui me identificar nas áreas em que imaginava que fosse gostar. Consegui alcançar muitas das minhas expectativas, todavia o período reduzido, nas áreas de afinidade, deixou um pouco de sensação de frustração.” (Cora Coralina – após o estágio II)

Alguns medos se confirmaram neste caminho: medo de falhar, de não saber o suficiente, de não alcançar a melhora do paciente, e preciso refletir melhor sobre isso e agir; agir para transformar isso e ser uma profissional de excelência e não mais do mesmo. Mas tive vitórias, sorrisos, aprendizados profissionais e acertos. Até que sei algumas coisas! RSRS (risos). Aprendi, sim, nesse curso conturbado, com lucros e com minhas escolhas de vida; apesar de tudo isso, vale a pena, pois aprendi. (Mariele Santos - após do estágio II)

Ao tratar sobre o estágio supervisionado obrigatório, Zabalza²⁴ refere que cada estudante vivencia-o de forma particular e complementa ser o estágio uma experiência pessoal, pois é possível vivenciá-lo com os recursos intelectuais que se possui, ou poder entregar a ele tudo o

que se é. Tal atitude dependerá da própria organização durante o período de estágio e da vontade e disposição com que cada estudante enfrentará e se envolverá na experiência. E complementa que ao estudante é permitido viver e aproveitar a vida universitária com intensidade ou deixar que os anos e as tarefas passem, e tudo chegue ao termo; ou seja, que esteja apto a exercer a profissão escolhida, corroborando Larossa Bondia²⁵, que descreve que a experiência é pessoal e intransferível, vivida por cada um de forma singular. Nos excertos abaixo, retirados das narrativas (auto)biográficas, pode-se perceber que cada um deu um sentido a esse momento:

...Sei que para você o semestre que passou foi de muitas superações. Você achava que não atingiria os seus objetivos e que não teria tanto sucesso em algumas áreas da fisioterapia. Mas saiba que se surpreendeu, e que, embora não tenha se aprofundado em algumas áreas, você deu o seu melhor e teve avanços positivos. (Cora Coralina – antes do estágio II)

Comecei o estágio super animada, cheia de expectativas e esperando o melhor, e graças a Deus o melhor veio! (Mariele Santos- antes do estágio II)

Em relação ao estágio, estava com um pouco de medo antes, angustiada por ter tempo para estudar, mas percebi que aprendi mesmo foi tocando o paciente. Foi incrível cada atendimento! Sei que sempre terei coisas para estudar, mas também terei uma vida para isso. Com os colegas do estágio e os professores foi um momento de grande aprendizagem. Sinto-me mais segura hoje para poder atender, mas tenho muito, muito mesmo a aprender. (Alice Portugal - antes do estágio II)

Nos excertos acima, é possível perceber que nem sempre o estudante é capaz de resgatar, no contexto real e prático, as ferramentas universitárias adquiridas ao longo dos semestres. É preciso sair dos livros e encontrar a vida real²⁴. Nesse período da juventude, além do encontro profissional, há uma singularidade do desenvolvimento humano, caracterizado pela vulnerabilidade presente nesse momento. Fazer a escolha profissional para este jovem, numa fase tão importante, não é fácil, principalmente num momento de encontrar referenciais pessoais e sociais²⁶.

Me lembrava de minha avó sempre, quando íamos atender os pacientes de AVC e já tentava traçar um plano terapêutico para ela também (Alice Portugal - antes do estágio II)

Espero ser excelente em minha profissão, seguir com meus princípios e dar o meu melhor na área que eu gosto. Desejo muito conseguir um bom emprego, cuidar das crianças. Poder dar orgulho a meus pais como pessoa e como profissional. Ser motivo de orgulho para minha família, amigos, professores e todos que me rodeiam. (Cora Coralina - antes do estágio II)

Atender às expectativas familiares e seguir uma profissão tradicional na família não significa anular a sua própria identidade e nem que esse projeto está desprovido de individualidade, bem como escolher uma outra profissão não quer dizer negar a tradição familiar. Pelo contrário, o indivíduo, ao escolher outra carreira, ao construir o seu projeto, poderá estar marcado por conteúdos transmitidos entre as gerações, como legados, valores e o desejo de ascensão social,

“herdados” da sua família. Desta forma, o meio social, a família e fatores como classe, geração e gênero, dentre outros, possuem papel fundamental nesse processo²¹.

Acho que será um desafio o próximo estágio, ainda não me sinto pronta como profissional para atuar neste ambiente. Tenho medo de errar e de causar mal a algum paciente. (Cecília Meireles – antes do estágio II)

Quanto a toda aquela insegurança que eu sentia no início, sinto agora que ela foi um pouco excessiva e refletia minha inexperiência frente a frente a um paciente de verdade. (Rui Barbosa - antes do estágio II)

Tive a oportunidade de vivenciar, na prática, áreas da fisioterapia em que tinha experiências teóricas e possuía posicionamento sobre elas, mas que acabaram mudando a forma como as enxergava e a dinâmica de atuação ao poder vivenciá-las e experimentá-las. Acabei me identificando e gostando mais de algumas que não tinham tanto interesse; já outras, não me interessando tanto quanto imaginava. (Adélia Prado - antes do estágio II)

Nesse momento de tantas dúvidas, a carta, ao ser escolhida como uma forma de registro acadêmico, poderá ajudar os outros estudantes que passarão por essa experiência posteriormente. Ao ser dado o significado aos sentidos atribuídos à influência da família nesse momento do estágio supervisionado obrigatório, a maneira como cada um dá a importância a essa forma de expressão escrita nas cartas é um meio de partilhar sensações, dúvidas e sentimentos variados. E, nesse lugar de registro, na produção do conhecimento, a carta pode ainda se configurar como uma narrativa hospitaleira, abrindo espaço para a narrativa pedagógica, ou seja, um texto que poderá orientar outras pessoas, sejam estudantes ou pesquisadores¹⁶.

No fim, acho que irei gostar de ter tido a experiência de atender em um hospital, principalmente por ter certeza de que estarei tornando a vida de outro ser humano melhor. (Emile Durkeihn/ antes do estágio II)

A realidade da inserção do profissional de saúde nos hospitais visitados, em sua maioria é desmotivante. Observa-se a falta de materiais de uso dos profissionais e, sobretudo dos fisioterapeutas (exceto nas unidades de terapia intensiva); também a falta de ambientes adequados para descanso, e muito pior para os estagiários, que embora cumpram uma carga horária equivalente à dos profissionais, não têm acesso a estes locais para descanso. Observa-se pouca integração das equipes de saúde conosco. Acreditamos que isso se atribua a sermos estagiários e por ficarmos pouco tempo nos setores devido aos rodízios. (Darci Ribeiro– depois do estágio II)

No estágio presenciei pessoas com graves problemas de saúde e que mantinham um sorriso no rosto. Muitas vezes, eles que me acalmavam, quando estava tensa e insegura de atendê-los. Aprendi a ser forte e julgar menos as pessoas. Foi uma experiência muito boa! Embora, como nem tudo é perfeito, nesse período passei por vários momentos de tensão, pela carga horária e pouco tempo para cuidar de mim. (...) Enfim, esse estágio me proporcionou muitas coisas boas e ruins, mas vou levar apenas as experiências que me acrescentam como profissional e como pessoa. (Emilia Ferrero- depois do estágio II)

O papel fundamental do estágio é que os estudantes possam confrontar a realidade da vida real com o que foi apreendido: o cenário não é mais teórico. Rever os conteúdos e esclarecer dúvidas e dissonâncias entre a teoria e o mundo do trabalho, além do grande desafio de se encontrar consigo mesmo e se relacionar com a equipe multiprofissional. É uma checagem emocional para um desenvolvimento formativo pessoal, para a aquisição de competências concretas e um melhor conhecimento do mundo do trabalho²⁴.

Segundo Larossa Bondia²⁵, a experiência é o método da ciência objetiva que se dá como tarefas a apropriação e o domínio do mundo. Aparece, assim, a ideia de uma ciência mais experimental. Mas a experiência já não é o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais podemos conhecer a verdade do que são as coisas e dominá-las.

Muitas experiências no estágio me trouxeram lembranças relacionadas com a minha família e com conhecidos também, que fizeram com que eu me lembrasse de coisas que aconteceram. (Berta Louis- depois do estágio II)

Em muitos momentos os casos de saúde e de vida se cruzaram com as recordações e situações vividas por minha família. (Angela Davies - depois do estágio II)

Querido “eu” mais velho, estou escrevendo aqui do passado para lhe contar como estou me sentindo hoje, e te encorajar para o novo recomeço, e sei que você também sabe que os recomeços nunca acabam, e assim é a vida! Em breve iremos para a última etapa deste ciclo de novas vidas, o estágio hospitalar. (Monteiro Lobato - depois do estágio I)

Corroborando essa fala²³,

Nossas narrativas de vida são tecidas na interação do eu-outro em processos de subjetivações, através dos quais vamos aprendendo e compreendendo ou não dimensões experienciais da vida. Ao tecer o fio da nossa história de vida, muitas vezes, não nos damos conta, logo de imediato, das relações que são produzidas e dos diversos fios que vão revelando, lembranças da memória, quando selecionamos, a depender das circunstâncias, de nossas experiências de vida-formação.

7.2.4 Considerações Finais

Na análise final, os sentidos atribuídos pelos estudantes no estágio supervisionado obrigatório são diferentes, desde os que atribuem uma importância da escolha profissional pautados na família ou numa experiência vivida dentro dela, ou, em menor proporção, os que não têm consciência dessa escolha baseada na família.

A família aparece na figura de pais, avós, irmãos, ou em alguém da família que, de alguma forma, oferece apoio, seja emocional, social ou financeiro. E esses sentidos atribuídos à experiência são individuais e sentidos de maneira peculiar.

Esse texto foi baseado numa pesquisa (auto)biográfica e ressalta a importância do conhecimento de si mesmo, e, conseqüentemente, de sua personalidade e de seus quereres. A influência familiar existe de diversas formas, inclusive com um projeto pré-concebido, subjetivo, que muitas vezes nem o estudante percebe. Ao sair do ensino médio, tutelado, e entrar na universidade, com um ensino autônomo, o discente se vê muitas vezes perdido, num universo diferente daquele em que ele convivia, às vezes, atrelado à saída do seu interior, a uma moradia nova, familiar ou não familiar, com atribuições que outrora desconhecia.

É um momento muito esperado, mas pouco dialogado. Percebe-se a necessidade de novos estudos que abordem a chegada do aluno à universidade, especialmente os da área da saúde, que irão se deparar com um universo de doença, pobreza e, algumas vezes, escassez de recursos do governo e pessoais. O estudante universitário deveria ter um suporte psicológico para tantas demandas novas. Ele deixa de ser único para ser mais um na multidão. E, muitas vezes, dentro desse universo, ele sucumbe, mesmo sem saber o porquê!

É preciso pensar em outros estudos para ampliar e avançar nessa discussão, de forma que o estudante possa viver essa experiência de ser universitário de uma maneira mais segura, de acordo com suas escolhas pessoais. E possa, também, pedir ajuda num momento que achar necessário. Além disso, novas pesquisas poderão garantir novas políticas públicas, que subsidiem o estudante no período universitário na perspectiva plural (bio-psico-social).

A partir dos resultados da pesquisa, pode-se pensar em implementar novas políticas que assegurem a permanência do estudante durante o seu percurso na Universidade, as quais possam lhe dar suporte emocional e ajudar no gerenciamento de possíveis crises, nesse momento tão peculiar, cheio de rupturas e mudanças significativas. Além desses fatores, a análise das cartas dos estudantes me fez perceber a importância de acolher esse estudante na chegada à Universidade; rever a matriz curricular, a disposição das disciplinas oferecidas em dias integrais; o favorecimento de esportes, música ou atividades de lazer; a postura/feedback de alguns professores e sua forma de avaliar e lidar com as cobranças dentro da universidade, além de pensar como melhor sedimentar a construção do SER Fisioterapeuta nessa nova conjuntura. E a responsabilidade se faz ao conceber experiências democráticas e pluralistas para o desenvolvimento de um propósito educacional voltado para a sociedade.

Nome	Idade	Gênero	Cor da pele autorreferida	Naturalidade	Religião	Renda familiar mensal (em salários mínimos)	Estado Civil	Número de pessoas que moram na casa	É o primeiro da família a realizar um curso superior
Anísio Teixeira	26	M	Preta	Salvador	Candomblé	R\$ 5.000,00	Solteiro	5 pessoas	Não
Emilia Ferrero	24	F	Indígena	Rodelas	Evangélica	R\$ 4.000,00	Solteira	3 pessoas	Não
Selma P. Garrido	25	F	Não declarada	Boa Vista do Tupim	Não declarada	Não declarada	Solteira	Não declarado	Não declarado
Berta Louis	24	F	Não declarada	Saúde	Não declarada	Não declarada	Solteira	Não declarado	Não declarado
Cecília Meireles	26	F	Preta	Araçás	Espírita	R\$ 2.000,00	Solteira	3 pessoas	Não declarado
Monteiro Lobato	26	M	Não declarada	Alagoinhas	Não declarada	Não declarada	Solteiro	Não declarado	Não declarado
Rui Barbosa	23	M	Preta	Sapeaçu	Não declarada	Não declarada	Solteiro	Não declarado	Não declarado
Émili Durkeihn	26	M	Não declarada	Salvador	Não declarada	Não declarada	Solteiro	Não declarado	Não declarado
Ana Maria Machado	27	F	Não declarada	Salvador	Não declarada	Não declarada	Solteira	Não declarado	Não declarado
Cora Coralina	24	F	Parda	Salvador	Católica	R\$ 5.000,00	Solteira	3 pessoas	Não declarado
Mariele Santos	28	F	Não declarada	Salvador	Espírita	Não declarada	Solteira	Não declarado	Não declarado
Alice Portugal	25	F	Preta	Macaúbas	Não declarada	Não declarada	Solteira	Não declarado	Não declarado
Darci Ribeiro	25	M	Não declarada	Salvador	Não declarada	Não declarada	Solteiro	Não declarado	Não declarado
Angela Davies	26	F	Branca	Salvador	Tenho fé em Deus	Não declarada	Solteira	4	Não
Rosa Parks	25	F	Não declarada	Ituberá	Não declarada	Não declarada	Solteira	Não declarado	Não declarado
Chiquinha Gonzaga	25	F	Preta	Salvador	Não declarada	Não declarada	Solteira	Não declarado	Sim

Quadro 1. Caracterização dos estudantes de Fisioterapia, informantes-chave, Salvador, Bahia, 2019.

7.2.5 Referências

- 1 – Delory-Momberger C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Rev Bras Educ.* 2012 set-dez;17(51):523-536.
- 2 – Passeggi MC, da Cunha LM. Narrativas autobiográficas: a imersão no processo de autoria. In: Vicentini PP, de Souza EC, Passeggi MC, editores. *Pesquisa (auto)biográfica: Questões de ensino e formação.* Curitiba: CRV; 2013. p. 43-58.
- 3 – Brasil. Presidência da República. Secretaria de Governo. Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes / Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/docs/juventude/>
- 4 – Pineau G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educ Pesqui.* 2006 maio-ago;32(2):329-343.
- 5 – Araujo MF, Passeggi MC. Processo de Biografização em Contexto Institucional. In: de Souza EC, Passeggi MC, Vicentini PP, editores. *Pesquisa (auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização.* Curitiba: CRV; 2013. p. 139-158.
- 6 – Sussekind ML. O estágio com entrelugar nos relatos de formação. In: Universidade-Escola: diálogo e formação de professores. Sussekind ML, Garcia A, editores. Petrópolis: FAPERJ; 2011. p. 19-36.
- 7 – Coulon A, dos Santos GG, Sampaio SMR. A condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.
- 8 – Souza EC. Vim aqui para ficar com os “comigos” de mim: estágio, narrativas e formação docente. In: Sussekind ML, Garcia A, editores. *Universidade-Escola: diálogo e formação de professores.* Petrópolis: FAPERJ; 2011. p. 79-98.
- 9 – Pinho AST, Ribeiro MN. Percursos de formação e autoformação de estudantes do curso de pedagogia: acolhimento e reconhecimento do outro como forma de emancipação. In: de Souza EC, Demartini ZBF, Gonçalves M, editores. *Gênero, diversidade e resistência: escritas de si e experiências de empoderamento.* Curitiba: CRV; 2016. p. 217-232.
- 10 – da Silva AV. Memorial de Formação: dispositivo de pesquisa – formação no/do estágio supervisionado. In: Passeggi MC, Vicentini PP, de Souza E, editores. *Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação.* Curitiba: CRV; 2013. p. 83-97.
- 11 – Pinho AST. *O Tempo escolar e o encontro com o outro: do ritmo à simultaneidade [tese].* Salvador: Universidade do Estado da Bahia; 2012.
- 12 – Levinas E. *Totalidade e infinito.* 3. ed. Lisboa: Edições 70; 2019.
- 13 – Pereira ACSO, Rios JAVPR. Tornar-se professor Universitário: histórias de vida, itinerâncias formativas e desenvolvimento profissional. In: de Souza EC, Passeggi MC,

- Vicentini PP, editores. Pesquisa (auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização. Curitiba: CRV; 2013. p. 171- 190.
- 14 – Delory-Momberger C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. Educ Pesqui. 2006 maio-ago;32(2):359-371.
- 15 – Pinho AST, de Souza EC, Gallego RC. Encruzilhadas e atravessamento do tempo escolar pelos outros tempos sociais: uma discussão a partir de narrativas de professoras na Ilha de Maré/ Salvador- Ba. In: Vicentini PP, de Souza EC, Passegi, MC, editores. Questões de Ensino e Formação. Pesquisa (auto)biográfica. Curitiba: CRV; 2013. P. 89-110
- 16 – Soligo R. Uma forma narrativa privilegiada na pesquisa: a carta. In: Bragança IFS, Nakayama B CMS, Tinti DS, editores. Narrativas, formação e trabalho docente. Curitiba: CRV; 2018. p. 63-76.
- 17 – de Souza EC. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. Educ. 2014 jan-abr;39(1):39-50.
- 18 – Organização das Nações Unidas (ONU). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Paris: Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948 dez. 71-79p. Disponível em: [https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/217\(III\)&Lang=E](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/217(III)&Lang=E)
- 19 – Lisboa AV, Féres-Carneiro T, Jablonki B. Transmissão intergeracional da cultura: Um estudo sobre a família mineira. Psicol Estud. 2007 jan-abr;12(1):51-59.
- 20 – Ribeiro MA. A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens Pesqui Prat Psicossociais. 2010 jan-jul;5(1):120-130.
- 21 – de Almeida MEGG, Magalhães AS. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. Rev Bras Orientac Prof. 2011 jul-dez;12(2): 205-214.
- 22 – Tedesco JC. Os fenômenos de segregação e exclusão social na sociedade do conhecimento. Cad Pesqui. 2002 nov;117:13-28.
- 23 – de Souza EC, de Oliveira RCM. Entre fios e teias de formação: escolarização, profissão e trabalho docente em escola rural. In: Vicentini PP, de Souza EC, Passeggi MC, editores. Pesquisa (auto)biográfica: Questões de ensino e formação. Curitiba: CRV; 2013. p. 131-134.
- 24 – Zabalza MA. O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária. São Paulo: Cortez; 2014.
- 25 – Larossa Bondia J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Rev Bras Educ. 2002 jan-abr;19:20-28.
- 26 – Pimenta SG, Anastasiou LGC. Docência no Ensino Superior. 5. ed. São Paulo: Cortez; 2014. p. 93-132.
- 27 – Colognese Collelo S. O adolescente e a escolha profissional. Interações [Internet]. 2000 jan-jun;V(9):111-125. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35450909>.

7.3 Artigo 3 - RELAÇÃO ENTRE A INFLUÊNCIA FAMILIAR E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NOS ESTUDANTES DE FISIOTERAPIA NO ÚLTIMO ANO DO SEU PERCURSO PROFISSIONAL

Esse estudo teve como objetivo verificar a relação entre a influência familiar e o estágio supervisionado obrigatório nos estudantes de Fisioterapia no último ano do seu percurso profissional. A pesquisa adota uma abordagem (auto)biográfica com análise da técnica compreensiva-interpretativa, a partir de cartas escritas pelos estudantes de graduação em Fisioterapia, no último ano do curso. As cartas foram escritas para si mesmos em três momentos distintos, antes e após os estágios curriculares. Após a análise, as cartas foram divididas em dois eixos: a) a influência familiar como rede de apoio pessoal; b) a relação da vivência no estágio supervisionado obrigatório e o autocuidado em saúde refletido no cuidado familiar. Foram entrevistados 33 estudantes entre 17 e 33 anos, de ambos os sexos, sendo 26 mulheres, com renda familiar entre 2 a 5 salários mínimos para uma família que possuía, em média, quatro moradores. Constatou-se que há relação entre a influência familiar e a experiência vivenciada nos estágios supervisionados obrigatórios para os estudantes de Fisioterapia. Os resultados apontaram que a família é lembrada em algumas situações do estágio que retratam uma situação já vivida, a lembrança de um parente próximo ou de uma patologia, ou uma reflexão maior sobre as próprias escolhas, podendo, a partir disso, cuidar mais de si, da família e isso se refletir um atendimento mais humanizado.

Palavras-chave: Estágio supervisionado obrigatório; Fisioterapia; Família; Influência familiar.

RELATIONSHIP BETWEEN FAMILY INFLUENCE AND MANDATORY SUPERVISED PRACTICE FOR PHYSIOTHERAPY UNDEGRADUATE STUDENT IN THE FINAL YEAR OF THEIR PROFESSIONAL DEVELOPMENT

Abstract: The study had the purpose of verifying the relationship between the Family influence and the mandatory supervised practice of Physiotherapy students in the final year of their professional development. The research adopts and (auto)biographical approach by means of the comprehensive-interpretative approach, from letters written by the Physiotherapy undergraduate students, in the final year of the course. The letters were written to themselves in three different moments, before and after the curricular supervised practice. After analysis the letters were divided into two axes: a) family influence as a network of personal support; b) the relationship of the experience of the mandatory supervised practice and self-care in health reflected in the family care. There were 33 students interviewed, of ages between 17 and 33 years, both genders, of which 26 were women, with family income of between 2 and 5 minimum wages for a family of an average of four members. It was verified that there is a relationship between family influence and the experience lived in the mandatory supervised practice for the Physiotherapy students. The results demonstrate that the family is remembered in some situations of the practice that portray situations already experienced, the memory of a close relative or of a pathology, or a broader reflection on their own choices permitting, from this reflection, take better care of themselves, of the family, resulting in a more humanized attendance.

Key-words: Mandatory supervised practice; Physiotherapy; Family; Family influence.

RELAÇÃO ENTRE A INFLUÊNCIA FAMILIAR E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NOS ESTUDANTES DE FISIOTERAPIA NO ÚLTIMO ANO DO SEU PERCURSO PROFISSIONAL

7.3.1 Introdução

Esta investigação foi realizada em uma universidade pública estadual baiana (UNEB), localizada em Salvador, Bahia. Os alunos selecionados foram os que estavam cursando o último ano do Curso de Fisioterapia, período em que são oferecidas as disciplinas Estágio Supervisionado Obrigatório I e Estágio Supervisionado Obrigatório II nesta específica instituição, critério imposto para serem informantes-chave dessa investigação.

Nesse estudo foi utilizada a narrativa autobiográfica, através de cartas narrativas escritas pelos estudantes para si mesmos. Teve uma orientação qualitativa, e o estudo estava interessado na relação entre a influência familiar e o estágio supervisionado sobre os estudantes de Fisioterapia no último ano da sua formação. A escolha pelas narrativas dos discentes ganha relevo por estas serem capazes de desvelar trajetórias de vida-formação-profissão, cujos elementos são respeitados como fundamentais no trajeto percorrido pelo sujeito da narrativa, permitindo que este sujeito atribua sentido ao vivido, compreenda a si mesmo e se aproprie da sua história enquanto narra, num movimento de tomada de consciência¹.

Dentre muitas possibilidades, as cartas, pensadas como um gênero textual memorial, aliam-se às demais fontes de pesquisa, aos dispositivos e instrumentos de avaliação utilizados pela perspectiva (auto)biográfica em pesquisas, que se apropriam do método biográfico como base teórico-epistemológica². Dessa forma, o método (auto)biográfico valoriza a subjetividade, as histórias de vida, as trajetórias e a construção dos sujeitos em seus diferentes contextos.

O método (auto)biográfico assume, para alguns educadores e pesquisadores, um caráter de investigação da prática educativa, no qual os estudantes ou professores enfrentam o desafio de tornar públicas suas palavras e suas opiniões, as suas inquietações, as suas experiências e as suas memórias, escrevendo sobre seu processo de formação².

Essa possibilidade de “reconstrução” é o movimento vivido pelo sujeito narrador, quando rememora a realidade vivida, atual, com o olhar do passado. Silva² aponta alguns fatos e situações de sua história de vida, traçando o seu movimento (auto)biográfico, no qual refletiu sobre sua trajetória e compreendeu a trajetória de sua autoria, ao retomar o seu passado, onde as suas experiências se traduziram em aprendizagens. Nesse processo de reconstrução da memória, o autor constata que, ao recuperarem suas próprias histórias, os leitores refletem sobre si mesmos e reconceitualizam suas práticas de leitura.

Segundo Chaluh e Martins de Camargo³ (2013), a escrita é, ao mesmo tempo, o objeto e a prática de formação. A escrita é um campo fértil de interlocução. Um caderno coletivo traz memória coletiva de estudantes, que se expressam através de signos, palavras e sensações, pensamentos e *insights*. Essa escrita é, em tantas mãos, o sentido de se produzirem múltiplos saberes. Dentro desse contexto, a metodologia de escolha foi a narrativa (auto)biográfica, e a técnica de pesquisa selecionada foi a entrevista narrativa. Esta foi escolhida a partir da necessidade de conhecer a relação entre a influência familiar e os estudantes de Fisioterapia no estágio supervisionado obrigatório, no último ano do curso.

Nesse caminho metodológico, é preciso compreender as narrativas dos alunos para poder dialogar com eles, de forma a ter um entendimento sensível nesse momento importante do seu percurso profissional. Entende-se que a construção da memória coletiva é atravessada por narrativas e experiências de sujeitos particulares, que acontecem na construção do dia a dia na universidade. Segundo Araújo e Morais⁴, “O entrecruzamento das histórias individuais com a história coletiva, a partir de relatos (auto)biográficos [...] inspirados por reflexões anteriores, tem sido um dos caminhos metodológicos para o diálogo com a escola”.

Ainda sobre isso, as práticas docentes podem ressignificar as práticas e experiências pedagógicas contribuindo para romper formas hegemônicas de formação docente pautadas na lógica da aplicação, bem como inspirar novas práticas de produção e socialização de conhecimentos que reconhecem os/as docentes como protagonistas de tais processos⁴.

Intenciona-se apreender a relação entre a influência familiar e os estudantes de fisioterapia no estágio supervisionado obrigatório, momento em que ele se depara com a prática profissional no final do curso. Nesse instante, ele precisa articular a teoria e a prática, lidar diretamente com o paciente e sua família, com a equipe multiprofissional de saúde e, ainda, colocar em prática tudo o que aprendeu, estando sob a pressão de ser avaliado. Ressalta-se que sua atuação neste período varia de complexidade, dependendo de onde o estudante esteja alocado, podendo ser num ambiente ambulatorial ou hospitalar.

Este período pode trazer à tona reflexões e questionamentos importantes, que passam pela escolha profissional e pelas suas próprias escolhas feitas até aqui. Os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos podem ser fundamentais para tranquilizá-los ou deixá-los ainda mais inquietos, pois essa base ajudará no desempenho do estágio. Nesse sentido, o pedido das narrativas para os alunos nesse momento da sua formação pode propiciar a compreensão sobre como vivenciaram as práticas pedagógicas definidas pelos docentes, contidas no Projeto Pedagógico dos Cursos (PPC) do curso⁵.

Estar atento aos alunos em formação poderá contribuir para a reflexão sobre o papel que o docente desempenha nas práticas pedagógicas, tanto no estágio supervisionado obrigatório quanto em momentos anteriores. Como as narrativas foram individuais, livres de qualquer pressão e obrigação, e conduzidas de modo a respeitar a confidencialidade, os estudantes puderam se sentir confiantes para expressar seus pensamentos, sentimentos e expectativas nesse percurso na universidade.

As narrativas escritas nas cartas serviram para que expressassem seu percurso profissional, suas dúvidas, medos e motivos relacionados à escolha do Curso de Fisioterapia. Procurou-se também investigar os questionamentos atuais, o que pensam sobre a atuação no campo profissional como futuros fisioterapeutas e a influência familiar nesse percurso. Segundo Araújo e Passeggi⁵ (2013), “ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventando-se”.

A pesquisa biográfica em educação é fundada na relação estreita entre biografização e formação, entre biografia e aprendizagem⁶. Dessa forma, foram sistematizados alguns aspectos metodológicos dessa fonte de informação, utilizando as cartas para si mesmo como elemento central, trazendo o discente à reflexão através dos encontros consigo mesmo. Assinalar-se-á que o estudante estará sempre num processo de formação, mostrando um caráter inacabado dessa elaboração. Essas reflexões trazem efeitos sobre a história individual e coletiva, nas quais esse período da escola aparece como um momento fundador da experiência de construção de si⁷.

As cartas são pessoais, de foro íntimo, e poderão trazer caminhos férteis de discussão acadêmica e de cunho metodológico, servindo como base para as discussões sobre matriz curricular, PPC e Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), caso os professores, coordenadores de curso e diretores estejam atentos a essas narrativas, ricas em conteúdos e que trazem, ou que devem trazer, um lugar de centralidade nas instituições de ensino superior. Ainda assim, apesar das cartas serem pessoais e carregadas de subjetividade, podem indicar novos caminhos, caso o pesquisador esteja interessado em transformar essas histórias de vida como uma possibilidade fecunda para transformar seu dia a dia docente. Por fim, esse artigo teve como objetivo verificar a relação entre a influência familiar e o estágio supervisionado obrigatório nos estudantes de fisioterapia no último ano do seu percurso profissional.

7.3.2 Percurso Metodológico

7.3.2.1 Abordagem metodológica

7.3.2.2 Contexto de Investigação

A pesquisa que originou este texto foi ambientada na UNEB, sendo colaboradores os estudantes do último ano do Curso de Fisioterapia, no período de novembro de 2017 a julho de 2018. O critério adotado para a definição da amostra de pesquisa foi o momento da formação em que se encontravam. Neste caso, foi definido o período em que são oferecidas as disciplinas; nesta específica instituição, Estágio Curricular Supervisionado I (FIO040), Estágio Curricular Supervisionado II (FIO043), Trabalho de Conclusão de Curso I (FIO041) e Trabalho de Conclusão de Curso II (FIO042). Assim, participaram do estudo estudantes matriculados no oitavo e nono semestres, de ambos os sexos, com idades variando entre 17 e 33 anos, residentes na cidade de Salvador e na Região Metropolitana de Salvador (RMS). A pesquisadora reiterou para os colaboradores que o conteúdo das cartas escritas não teria influência na avaliação final das disciplinas envolvidas.

7.3.2.3 Procedimento de coleta de dados

Elegeram-se uma disciplina comum do oitavo e uma do nono semestre e, após entrar em contato com a professora responsável por estas e esclarecer o objetivo do estudo, foi dada autorização pela docente para estar com os estudantes, explicar sobre o trabalho, seus objetivos e como seriam os procedimentos de coleta. Em seguida, foi solicitada a autorização para a leitura das cartas, de caráter individual e confidencial, e, posteriormente, a publicação do artigo científico, originado da sistematização das informações concedidas. Essa autorização foi sinalizada com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de os discentes iniciarem suas escritas, a pesquisadora ratificou que as cartas seriam confidenciais, lidas apenas por ela, após todos os três momentos da pesquisa. E que eles próprios, nos semestres seguintes, teriam acesso aos escritos. Após a última coleta de dados, a pesquisadora teria acesso à leitura das cartas escritas por eles e cada autor(a) teria um pseudônimo, de forma a proteger a identidade dos sujeitos. A pesquisadora forneceu também, neste momento, papéis e envelopes pardos com cola, para que suas cartas para si fossem seladas ao final de cada momento da pesquisa e, posteriormente, reabertas por cada estudante no momento seguinte à coleta de dados.

Após este primeiro contato, 33 (trinta e três) estudantes decidiram participar da pesquisa e, a partir do aceite, foram convidados a escrever cartas pessoais para si com suas narrativas sobre o seu percurso acadêmico e sobre a influência familiar durante esse momento do estágio supervisionado obrigatório. Foi disponibilizado um tempo de 50 minutos para esta atividade. Nesse momento, os estudantes puderam narrar suas experiências sociais, destacando a relação com a família, o percurso de formação profissional e possíveis influências da família no processo de construção de si. Para a construção deste artigo participaram 8 (oito) discentes.

Ressalta-se que toda a pesquisa foi realizada em três momentos de escrita das cartas, com ênfase nas experiências que os estudantes viveram durante os estágios supervisionados obrigatórios e a influência familiar nesse período, a saber: antes do estágio I, antes do estágio II e após o estágio II. Ressalta-se que, por motivos diversos e pessoais, alguns estudantes não participaram dos três momentos da pesquisa. Momento 1 (19) estudantes, Momento 2 (11), Momento 3 (32) e, em todos os momentos, 11 estudantes. Um estudante foi excluído do estudo por se tratar de um integrante do curso de nutrição. Neste caso, ressalta-se que é permitida a matrícula de alunos de outros cursos numa disciplina considerada de núcleo comum na universidade; então, um aluno de outra graduação acabou por fazer o relato (auto)biográfico.

Sobre a não participação dos estudantes nos três momentos: possivelmente essa variação aconteceu, tendo em vista que as disciplinas teóricas, que incluem Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), começam antes dos estágios supervisionados. Dessa forma, acredita-se que alguns alunos ainda se encontravam em seus lares, no interior ou na RMS, comparecendo à universidade posteriormente, quando as datas das aulas teóricas e do estágio coincidiriam no calendário acadêmico.

No primeiro momento da coleta, antes do Estágio Curricular Supervisionado I, os estudantes escreveram cartas sobre suas expectativas em relação às experiências sociais, as perspectivas desse novo momento do percurso profissional e a possível influência da família nessa escolha profissional. Esse primeiro momento é muito aguardado pelos estudantes, pois a maioria não dispõe de experiências de estágio supervisionado não obrigatório fora da universidade.

O segundo momento da coleta ocorreu no semestre seguinte, antes do início do Estágio Curricular Supervisionado II, estágio esse realizado nas enfermarias, nas unidades semi-intensivas e nas UTI. Esse momento é caracterizado pelo aumento da complexidade das patologias dos usuários. Na sala de aula da disciplina TCC, os estudantes abriram seus respectivos envelopes, selados no semestre anterior, puderam reler seus depoimentos, e tiveram a oportunidade de entrar em contato consigo próprio e responder às suas cartas, contando de

que forma vivenciaram o estágio passado e suas novas expectativas quanto ao próximo momento do estágio que estava por vir. Este momento requereu do estudante uma reflexão maior, já que o nível de complexidade da atenção aumentou, pois, os problemas de saúde dos usuários que se encontravam internados eram de maior complexidade, e os estágios são realizados dentro do ambiente hospitalar. Novamente, após este momento, os discentes colocaram suas cartas nos mesmos envelopes e os lacraram.

O terceiro momento da escrita das cartas aconteceu após a conclusão de todos os estágios e também na sala de aula da disciplina TCC. Nesse momento, os estudantes reabriram seus respectivos envelopes, releeram seus escritos prévios e tiveram a última oportunidade de expressar como vivenciaram suas experiências sociais, seus momentos de formação profissional, como perceberam a influência da família nesses momentos hospitalares e como se deu a construção de sua (auto)biografia.

Após a conclusão desses três momentos da pesquisa, as cartas foram lidas pela pesquisadora em local particular, fora da universidade, onde ela pôde manter a confidencialidade das mesmas e o anonimato dos estudantes, conforme estabelecido na relação com os colaboradores da pesquisa. As cartas foram lidas com a devida atenção e cuidado e foram verificados os dados que se repetiam de forma recorrente. Eles foram interpretados e, daí, extraídos os eixos temáticos. As narrativas foram mantidas na íntegra, mas passaram por uma revisão linguística, de forma a favorecer o entendimento do leitor. Foram dados também pseudônimos, de forma que cada autor não fosse identificado.

7.3.2.4 Procedimentos para análise de dados

A análise dos dados foi realizada com todos aqueles que efetuaram suas narrativas, independentemente de terem participado dos três momentos da coleta. Todas as cartas foram analisadas e baseadas na técnica compreensiva-interpretativa do fenômeno estudado – os sentidos atribuídos ao percurso profissional dos estudantes –, tomando como referência questões teórico-metodológicas no campo da pesquisa (auto)biográfica. As cartas escritas foram analisadas em três etapas: I) pré-análise/leitura cruzada, com agrupamento dos dados recorrentes; II) leitura temática – unidades de leituras descritivas, com identificação das diferenças vivenciadas e das experiências de cada narrativa; III) leitura interpretativa-compreensiva do corpus, com extração dos eixos temáticos⁸.

7.3.2.5 Considerações éticas

A pesquisa baseou-se nos princípios éticos para pesquisas envolvendo seres humanos, dispostos na Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, garantindo-lhe a ausência de danos ou prejuízos, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa no dia 22 de novembro de 2017, com o número do CAAE 78604417.0.0000.5628. Foram asseguradas a privacidade e a confidencialidade dos dados obtidos por meio das cartas. A participação não implicou riscos para os colaboradores da pesquisa.

7.3.3 Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa apontaram que há influência familiar entre os estudantes de fisioterapia no estágio supervisionado obrigatório, e ela apareceu de diversas formas no percurso estudantil dentro da universidade, no último ano do curso. A partir da técnica de análise compreensiva-interpretativa⁸, essas cartas escritas para si foram divididas em dois eixos temáticos: a) A influência familiar como rede de apoio pessoal; b) A relação entre a vivência no estágio supervisionado obrigatório e o autocuidado em saúde refletido no cuidado familiar.

a) A influência familiar como rede de apoio pessoal

Nas últimas décadas, muitas transformações aconteceram e, a partir disso, ocorreu a necessidade de analisar a família mais minuciosamente, sendo um foco de estudos, tanto nas Ciências Sociais quanto nas Ciências Humanas. A nova concepção de família pode ser caracterizada como o conjunto de indivíduos que buscam, a cada instante, “encontrar-se”, questionando suas posições sociais dentro da própria família e fora dela. Formam vínculos de maneira rápida e o desfazem com a mesma facilidade com que o formaram. Ela é, ao mesmo tempo, relacional e individualista, com um ideal que alterna um *eu* sozinho e um *eu* com o outro. A partir das vivências familiares, entende-se família como um sistema inserido numa diversidade de contextos e constituído por pessoas que compartilham sentimentos e valores formados por laços de interesse, solidariedade e reciprocidade, com especificidade e funcionamento próprios⁹.

A família se apresenta de diversas formas para o indivíduo e, nas narrativas dos estudantes, ela aparece como rede de apoio social pessoal. Essa rede é pensada quando se fala do conjunto de pessoas que se relacionam entre si de maneira regular, com quem se conversa e com quem as fazem se tornar reais. De fato, essa experiência no tempo e no espaço constitui a própria identidade do indivíduo, onde ele se constrói e se reconstrói constantemente, durante a sua vida, com base na relação com os outros¹⁰.

Rede social pessoal, segundo Sluzki¹⁰, corresponde às relações que são significativas para o indivíduo, diferenciadas da massa inominada coletiva. Relaciona-se à pessoa e contribui de maneira significativa para o seu reconhecimento e para a sua própria imagem, tanto na construção da sua subjetividade, como, também, da sua própria identidade. A rede social se constitui como uma das chaves essenciais da experiência humana, mudando ao longo da vida e constituindo um marcador importante para os diversos momentos do ciclo vital.

Com a ampliação das redes sociais, diferentes áreas do saber têm dedicado atenção a esse tema. Pensada, na atualidade, como “cadeia de serviços”, “interconexão de agentes visando um atendimento eficaz”, e alcançando, muito recentemente, a noção de “espaço produtor de significados”, as redes, em particular, as familiares, são objeto de importante produção nas ciências sociais e aplicadas¹¹.

O primeiro contato do indivíduo com a rede social é a família, na qual cria laços afetivos e constrói a própria identidade. Entretanto, como se trata de um sistema em constante transformação, os relacionamentos dentro do ambiente familiar sofrem modificações tanto emocionais quanto estruturais¹². Poderemos ver isso nos excertos abaixo:

E, para finalizar, deixo aqui registrado que, para mim, nada disso seria possível se eu não tivesse o apoio da minha família. Ter a minha mãe como inspiração e a minha filha como o combustível da minha caminhada foi e é fundamental para o meu progresso. (após o estágio II/Jaqueline Mall)

E, finalizando, você queria muito ser uma grande Dermatologista, contudo, ao passar no vestibular para o curso de Fisioterapia, você percebeu que poderia dar uma chance para si mesma. E suas avós a incentivaram e apoiaram sua decisão. A caminhada não foi fácil: diferentes campos de estágios, intervalo curto para almoçar, horários extremamente rígidos para se chegar aos hospitais. Além disso, dois semestres de estágio não são suficientes para se formar um profissional, para você ver seu crescimento, seu retorno diante da melhora de seus pacientes. (após o estágio II/Cecília Meireles)

A família também aparece nas escritas das cartas como sendo uma fonte de cuidado. E ela, portanto, é dotada, de uma dimensão objetiva, que responde às necessidades naturais e sociais, e outra dimensão subjetiva, que inclui os afetos e emoções¹³. Desta forma, compreende-se que, não só a família, mas os relacionamentos sociais de forma geral exercem um papel importante na vida dos indivíduos, cumprindo importantes funções nas dimensões social, psicológica e comportamental¹⁴, como poderemos ver nos excertos abaixo:

“As vivências me trouxeram reflexões acerca de quão frágil é o ser humano e a vida em si. Trouxeram-me reflexões a respeito de como o cuidado contínuo com a saúde é importante. E ao ver a morte de alguns pacientes, me veio o medo incontrolável de perder meus entes queridos. Isso me despertou o pensamento do quanto temos que cuidar e aproveitar a presença das pessoas que amamos enquanto isso é possível”. (Após o estágio II / Hannah Arendt)

“Estas vivências que aconteceram no estágio influenciam no cuidado com meus familiares, a partir do momento em que eu, tendo passado por experiências muitas vezes difíceis de lidar, relacionadas à saúde dos pacientes, me fizeram refletir sobre como colaborar com meus familiares. Acredito que o principal meio de influenciar é a informação, que é passada por meio de experiências que passei e que, como profissional de saúde, as transmito”. (após o estágio II/ Rui Barbosa)

“O núcleo familiar do paciente é algo fundamental para o tratamento; aconselhar, informar, esclarecer são peças-chaves para essa relação. Quanto mais próximo desse núcleo, mais fácil será nossa abordagem e mais eficaz a nossa prevenção/promoção/tratamento para a saúde de todos”. (após o estágio II/Monteiro Lobato)

A UNEB é uma universidade estadual e, por essa razão, é custeada pelo Estado, mas, apesar disso, os estudantes possuem outras despesas, como moradia, alimentação, livros e produção de artigos científicos, trabalhos, sem contar com as atividades de lazer. Dessa forma, há de se pensar em como diminuir as profundas desigualdades sociais delineadas pelo modelo socioeconômico atual (neoliberalismo). Segundo¹⁵ Acosta e Vitale (2009), há uma necessidade de se construir uma práxis ético-política, no sentido de minimizar essas desigualdades e o conjunto de valores individuais. E, apesar de diversas tentativas de manter e das previsões quanto ao desaparecimento das famílias, elas continuam sendo mediadoras entre o indivíduo e a sociedade.

Independente das condições sociais, tanto para as pessoas mais pobres, quanto para as mais privilegiadas, existe uma determinação social, não havendo uma liberdade clara e absoluta sobre cada escolha profissional. No entanto, vai sempre haver uma possibilidade de intervenção dentro da trajetória dos indivíduos, reconhecendo que eles podem, até certo ponto, interferir sobre as condições sociais, através de ações pessoais e/ou coletivas, podendo estes indivíduos superarem ou não as condições a que são submetidos¹⁶.

Segundo Silvio Duarte Bock¹⁶:

“A ideia de que o sujeito pode ou não escolher ao mesmo tempo, pode-se pensar no sujeito que tem o poder de escolha, ou seja, escolhe (o sujeito escolhe) e ao mesmo tempo, sem negar as condições sociais que são importantes determinantes na escolha (o sujeito não escolhe)”.

Desta forma, entendemos ser desafiante para um jovem a escolha da sua profissão, por ser a universidade um ambiente cultural, crítico e reflexivo, possibilitando a construção de sentidos mais profundos e amplos, que incluem a reflexão sobre si mesmo. Sendo assim, tem-se consciência da complexidade do objeto estudado por conta das inúmeras variáveis que interferem no percurso profissional desses estudantes. Como está descritos nos excertos abaixo:

“No fim acho que irei gostar de ter tido a experiência de atender em um hospital, principalmente por ter certeza de que estarei tornando a vida de outro ser humano melhor.” (Antes do estágio II/ Émili Durkeihn)

“Escrever sobre minha formação em fisioterapia não é uma tarefa fácil, afinal de contas foram 5 anos dentro da universidade, que significa casa, mas, quando olho para trás, percebo o quanto eu venci; vencer por questões sociais principalmente”. (Antes do estágio II/ Chiquinha Gonzaga)

“Mas voltando ao assunto, espero que nesse estágio eu consiga me encontrar na fisioterapia, pois no fundo sei que a vontade de fazer medicina ainda é muito grande dentro de mim”. (Antes do estágio II/ Ângela Davies)

A possibilidade de um processo de aprendizagem para uma escolha profissional acertada passa por uma sugestão de orientação que esteja inserida em uma proposta de saúde mental. Neste sentido, é ofertada a possibilidade de ajudar a criança a pensar nisso na infância, como exercício de autonomia e de ocupação do lugar de agente, para que isso se reflita em outras situações de vida, que demandem tomadas de decisões. Por parte de quem escolhe, é uma das muitas etapas de um processo contínuo, que envolve a questão profissional, a construção de um projeto de vida, como também a possibilidade de generalização desta aprendizagem em situações da vida cotidiana. Ou seja, é preciso instrumentalizar o estudante para que ele, no futuro, possa fazer novas opções, sempre que se fizer necessário¹⁷.

A partir das narrativas dos estudantes acima, percebe-se que é difícil definir o papel da família como o único determinante na escolha profissional, relacionando a família a diversas formas de suporte. Percebe-se, então, que a instituição da família é vista como partícipe do processo de decisão do sujeito, entendida como outro - ou mais um - determinante na escolha profissional¹⁸.

b) A relação entre a vivência no estágio supervisionado obrigatório e o autocuidado em saúde refletido no cuidado familiar

Na antiguidade, as formas de subsistência eram baseadas em atividades essenciais, como agricultura e comércio e, nessa época, as famílias eram mais fechadas entre si, com poucas possibilidades de troca. Com o evoluir da sociedade, mais especificamente no meado do século XX, o jovem é impelido a pensar num projeto de vida e a elaborar um projeto profissional. Mas essas escolhas não são realizadas no vazio, elas estão dentro de um meio socioeconômico, político e familiar. Sendo ele parte de um contexto, o projeto não será puramente individual, mas, sim, formatado dentro da família e da sociedade em que ele está inserido¹⁹.

Embora alguns estudantes acreditem que possuem o livre-arbítrio para escolher livremente sua profissão, os indivíduos têm um projeto pessoal e profissional destinado a si por sua família e pelo grupo social em que se encontra, podendo ou não incluir o estudo universitário. Esse projeto de vida pessoal tem múltiplas dimensões, que geram a idealização e

a realização de um percurso de vida. No entanto, as condições objetivas destas famílias em relação à atual realidade socioeconômica e do mundo do trabalho não são suficientes para que, mesmo com um diploma universitário, as pessoas possam conseguir exercer profissões de nível superior e ascender social e profissionalmente²⁰. Apesar das pesquisas apontarem para esse caminho, em que a aquisição de um diploma não garante ascensão profissional, o sonho de possuí-lo ainda persiste.

Sugere-se, então, que a escolha profissional seja um processo vivido por muitas áreas do conhecimento, de forma a esclarecer o jovem sobre o que de fato é o mundo do trabalho, quais as suas potencialidades e carências, de forma a facilitar suas realizações e minimizar suas idealizações. O autoconhecimento também é um processo que ajuda na escolha acertada, pois poderá facultar uma melhor compreensão do processo do trabalho, quais as suas variáveis e mudanças, além de proporcionar uma melhor adaptação e vivência diária através dos desafios vindouros, como se lê nos excertos abaixo:

“O autocuidado infelizmente não foi algo visto por todos os profissionais envolvidos no ambiente hospitalar. Acredito que os alunos da UNEB estão bem na frente com relação a esse ponto e foi algo que sempre gerou muita discussão nos grupos de estágio. Nós, alunos, ficávamos muito tristes quando víamos a falta de cuidados de muitos profissionais. Esse período teve muita influência no meu comportamento, porque atinou vários pontos sobre como não devo ser como profissional, mas despertou em mim [a vontade] também de ser mais paciente com os outros e querer sempre ser o melhor naquilo que eu escolher, não só com técnicas, mas também saber ouvir o paciente”. (após o estágio II/ Angela Davies)

“O autocuidado em saúde é fundamental para a prevenção, quando percebemos que estratégias simples podem evitar agravos na saúde, tanto na dos profissionais quanto na dos pacientes. Entretanto, no cotidiano e na labuta diária na profissão, constatamos que o autocuidado em alguns casos é negligenciado, levando a consequências nefastas, pois possibilita a contaminação da equipe envolvida no atendimento, bem como a de toda a comunidade”. (após o estágio II/ Chiquinha Gonzaga)

A presença do supervisor de estágio traz para o aluno um primeiro modelo profissional com o qual o estudante tem contato. Portanto este pode espelhar-se em suas atitudes, acreditando ser o ideal²¹. Dessa forma, é importante pensar se os docentes são exemplos como profissionais de sucesso, ou também como um bom modelo de saúde física, mental e social.

Segundo as Diretrizes Nacionais de Fisioterapia²², deve-se garantir, na graduação, um estudante com formação em todos os níveis de atenção à saúde, desenvolvendo ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, em nível individual e coletivo, respeitando os princípios bioéticos e as visões globais e culturais do indivíduo. Há de se questionar se o estudante, ao pensar sobre essas ações em saúde, não reflete, junto com seu docente, sobre si e sua própria condição atual de saúde.

Talvez seja importante pensar na justificativa da existência de serviços de Orientação Profissional para os jovens, na tentativa de ajudá-los a refletir sobre essa escolha numa fase tão difícil. Quando essa ajuda não é possível, ou ele não está convicto dessa escolha nessas circunstâncias, não será apenas o sujeito diretamente implicado a sofrer perdas lamentáveis, mas também o desenvolvimento da sociedade como um todo, que acaba arcando com prejuízos sociais irreparáveis, acarretados por uma má escolha profissional. Entre eles estão: evasão das universidades públicas, custeio de tratamentos psiquiátricos e psicológicos, decorrentes de situações de crises profissionais, e problemáticas presentes em diversas instituições, que giram em torno de profissionais mal adaptados à ocupação ou insatisfeitos com a mesma¹⁷.

No período dos estágios eu pratiquei muito mais o cuidado com o outro (os pacientes) do que comigo mesma. Acabei deixando minha própria saúde em segundo plano, pois estava tão atribulada com as atividades dos estágios e com o meu trabalho de conclusão de curso, que não conseguia cuidar de mim. Minha alimentação estava ruim, meu sono insuficiente, enfim... Acho que esse período deixou sobre mim uma reflexão acerca do mau comportamento como profissional de saúde. Pensar que antes de cuidar do outro preciso mesmo cuidar de mim e pôr em prática esse pensamento. Acho que na faculdade deveria ter momentos para falarmos e praticarmos o autocuidado e pensarmos na importância de aprender primeiro a cuidar de si próprio para depois cuidar do outro. (após o estágio II/ Hannah Arendt)

As vivências proporcionadas pelos estágios nos permitem uma visão ampla e prática do que significa ter ou não saúde. Essas vivências vêm como parâmetro comparativo do que antes existia como saudável, influenciando diretamente a minha percepção e meu conhecimento sobre minha saúde e meus comportamentos. Foi um período extremamente rico, que com certeza despertou a necessidade de atenção própria voltada para o autocuidado. (após o estágio II/ Rui Barbosa)

Estas vivências que aconteceram no estágio me fizeram refletir sobre meus familiares, principalmente em relação ao empoderamento deles mesmos com a própria saúde, e o que preciso fazer para que isso aconteça. (após o estágio II/ Hannah Arendt)

Após as vivências do estágio, tenho outra percepção sobre o autocuidado; vejo agora mais claramente o quão vulneráveis somos e a necessidade de cuidar mais de mim. Muitas vezes foca-se apenas na correria, no trabalho, na vida acadêmica, na necessidade de querer crescer cada vez mais e acabamos esquecendo o nosso bem-estar. O corpo adoce e a mente também. É chegado o limite de tudo, ainda mais depois de cinco anos, com estágio para acabar, TCC para defender e uma vida profissional. É preciso parar, respirar fundo e cuidar de si, ver que tudo tem seu tempo e cada um tem o seu. Esse período me ensinou que não precisamos ter pressa e sim paciência e sabedoria para alcançar nossos objetivos. (após o estágio II/ Monteiro Lobato)

Hoje eu me preocupo mais com minha saúde, porque presenciei várias situações que me fizeram refletir. O autocuidado em saúde não só está presente agora na minha vida, como durante o estágio também. Em relação aos pacientes, muitos estavam em situações críticas, pelo fato de não se preocuparem com a saúde, em não ligar para os pequenos sintomas, que viraram problema sério. (após o estágio II/Cecília Meireles)

Segundo Larin et al.²³, parte da preparação dos profissionais deveria estar centrada no desenvolvimento da habilidade pessoal de refletir, seja através das discussões de casos clínicos, das vivências com pacientes, familiares e equipe de saúde, seja através de lembranças e

experiências progressas - que inevitavelmente se tornam comparativas - sobre situações éticas ou antiéticas, por conta da condição de saúde desfavorecida do paciente ou do seu nível socioeconômico.

A referida pesquisa, cujo objetivo buscou a relação entre os estudantes de Fisioterapia e a influência familiar no estágio supervisionado obrigatório no percurso de formação profissional, fomenta que há uma relação estreita entre a influência familiar e o momento do estágio supervisionado obrigatório, nem sempre percebida pelos estudantes. Fato é que o estágio é um período muito importante para reflexão sobre as mais variadas questões, sejam elas a respeito de si mesmo, sobre o cuidado com a família ou consigo próprio, bem como sobre a escuta sensível e o atendimento prestado ao paciente de maneira mais humanizada.

Considerações Finais

A partir das narrativas dos estudantes durante o estágio supervisionado obrigatório, foi possível perceber que há relação entre a influência familiar e os estudantes do curso de Fisioterapia no período final de formação. A influência é apresentada de várias formas, principalmente através do sentimento de cuidado e do suporte financeiro ou operacional. Por meio de suas narrativas, os estudantes conseguiram refletir sobre a importância da informação em saúde para si e para os seus familiares, de forma a minimizar possíveis danos futuros e negligências existentes.

Alguns excertos chamam a atenção, principalmente, por ser um curso de saúde e haver poucas falas sobre autocuidado durante a graduação, na visão dos discentes. É necessário pensar de que forma este tema pode estar no currículo de forma transversal, na matriz, para que os estudantes não sofram posteriormente com questões relacionadas à saúde, mas principalmente que se conscientizem sobre cuidar de si, antes de cuidar do outro.

Não dá para pensar que apenas refletir sobre as vivências dos estágios faça com que os discentes transfiram essa realidade para suas famílias, seja para contribuir melhor com elas ou tratar de maneira mais humanizada os pacientes. Desta forma, é importante repensar sobre a forma como os docentes também influenciam, se através de exemplos de autocuidado, ou se são apenas exemplos de bons profissionais, no que tange a um excelente currículo lattes, como dito na fala de alguns.

Referências

- 1) Pereira ACSO, Rios JAVP. O Ensino como prática de investigação-formação: narrativas de professores universitários. In: de Souza EC, editor. (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFA; 2015. p. 3017 – 326.
- 2) da Silva AV. O gênero memorial na pesquisa (auto)biográfica: concepções e percursos metodológicos. In: de Souza EC, editor. (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFA; 2015. p. 201 – 218.
- 3) Chaluh LN, de Camargo MRRM. Memórias inscritas: ou de como palavras tornam-se potentes em caderno coletivo. In: de Souza EC, editor. (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFA; 2015. p. 185 - 200
- 4) Araujo MS, Morais JFS. Histórias e memórias docentes. A escrita de si como possibilidade de autoformação. In: Romão ES, Nunes C, Carvalho JR, editores. Educação, docência e memória: Desa(fios) para a formação de professores. Campinas: Librum; 2013. p. 125-140
- 5) Araujo MF, Passeggi MC. Processo de Biografização em Contexto Institucional. In: de Souza EC, Passeggi MC, Vicentini PP, editores. Pesquisa (auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização. Curitiba: CRV; 2013. p. 139-158.
- 6) Delory-Momberger C. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. Educ Rev. 2011 abr;27(1):p.333-346.
- 7) de Souza EC, Portual JF, da Silva AV. Ensino e Pesquisa – Estágio e Formação. Diálogos cruzados sobre experiências de vida- formação. In: Romão ES, Nunes C, Carvalho JR, editores. Educação, docência e memória: Desa(fios) para a formação de professores. Campinas: Librum; 2013. p. 47-62
- 8) de Souza EC. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. Educ. 2014 jan-abr;39(1):39-50.
- 9) Simionato MAW, Oliveira RGO. Funções e transformações da família ao longo da história. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia; 2003 nov; Curitiba. Curitiba: ABPppr; 2003. p. 57-66.
- 10) Sluzki CE. A rede social na prática sistêmica. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1997.
- 11) Freitas JV. As redes sociais de indivíduos com tetraplegia: mudanças e permanências [dissertação]. Salvador: Universidade Católica do Salvador; 2014.
- 12) Yamashita CH, Gaspar JC, Amendola F, Alvarenga MRM, Oliveira MAC. Rede social de cuidadores familiares de pacientes com incapacidades e dependência. Rev Esc Enferm USP. 2014;48(Esp):097-103.
- 13) Marcondes MM, Yannoulas SC. Práticas sociais de cuidado e a responsabilidade do estado. Rev Art. 2012 jun-jul;13:pp-174-186.

- 14) Abreu-Rodrigues M, Seidl EMF. A importância do apoio social em pacientes coronarianos. *Paid*. 2008;18(40):279-288.
- 15) Hammerschmidt KSA, Santo SSC. Comentário sobre o livro Família: rede, laços e políticas públicas *Physis*. 2009;19(4):1203-1208.
- 16) Bock SD. Orientação profissional para as classes pobres. São Paulo: Cortez; 2010. p. 43.
- 17) Valore LA. A problemática da escolha profissional: a possibilidades e compromissos da ação psicológica In: Silveira AF, Gewehr C, Bonin LFR, Bulgacov YLM, editores. *Cidadania e participação social [online]*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; 2008. p. 66-76.
- 18) Bock SD. Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica. 3. ed. São Paulo: Cortez;2006. p.159.
- 19) de Almeida MEGG, Magalhães AS. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. *Rev Bras Orientac Prof*. 2011 jul-dez;12(2):205-214.
- 20) Ribeiro MA. A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. *Pesqui Prat Psicossociais*. 2010 jan-jul;5(1):120-130.
- 21) Gaiad TP, Sant'Ana D de MG. Análise da eficácia do estágio supervisionado em fisioterapia na formação profissional: uma visão do egresso. *Arq Ciênc Saúde Unipar*. 2005 maio-ago;9(2):65-70.
- 22) Brasil. Conselho Nacional de Educação. Lei nº 4, de 19 de fevereiro de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Fisioterapia. *Diário Oficial da União*. 04 Mar 2002.
- 23) Larin H, Wessel J, Shamlan A. Reflections of physiotherapy in the United Arab Emirates during their clinical placements: A qualitative study. *BMC Med Educ*. 2005 Jan;5(1):3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS

Essa tese procurou discutir as relações que podem ser estabelecidas entre a influência familiar e a experiência do estágio supervisionado obrigatório no percurso de formação do estudante do curso Fisioterapia, no último ano do curso. Para garantir esse entendimento, a tese foi dividida em três artigos: 1) o primeiro discute, por meio de uma revisão integrativa de literatura, as fragilidades existentes nos documentos que norteiam os estágios obrigatórios em Fisioterapia como a Lei de Estágio e outras resoluções e seus pontos de convergência e distanciamento.

A Fisioterapia é uma ciência nova que completará em 13 de outubro de 2019, 50 anos de existência. Há que se avançar em diversos pontos para a sedimentação de uma profissão que garanta, ao seu estudante, estrutura social e mental para a finalização do curso. Além desses pontos acima, precisa-se avançar também em termos de discussões do currículo acadêmico, flexibilização da matriz curricular, distribuição de carga-horária e políticas públicas que possam dar suporte aos discentes do curso de Fisioterapia. Assim, se faz necessário discutir melhor as atividades e características dos estágios supervisionados obrigatório, comparando as micro e macro regiões do Brasil. Dentro das perspectivas acadêmicas, percebe-se que o avanço em termos de habilidades e competências individuais, tanto dos docentes, quanto dos discentes, é necessário. Em tempos de cultivo à individualidade, ainda é muito importante trabalhar desde o início do curso as questões referentes à coletividade, como inscrição nas sociedades culturais e científicas, sindicatos e Conselhos estaduais e federais, de forma a exercer sua cidadania, tanto quanto a ética, o autocuidado e as questões atitudinais.

No segundo artigo dessa tese, a construção através de narrativas (auto)biográficas buscou apreender os sentidos atribuídos pelos estudantes no estágio supervisionado obrigatório em Fisioterapia no percurso profissional: influência familiar e construção de sentidos. Nesse particular os sentidos atribuídos foram diferentes, desde os que atribuíam uma importância da escolha profissional pautada na família ou numa experiência vivida dentro dela, ou, em menor proporção, os que não tinham consciência dessa escolha baseada na família. Esta aparece na figura de pais, avós, irmãos, ou em alguém da família que, de alguma forma, oferece apoio, seja emocional, social ou financeiro. E esses sentidos atribuídos à experiência são individuais e sentidos por cada estudante de maneira peculiar.

A família aparece nas narrativas como um suporte pessoal social, emocional e financeiro sendo um ponto de apoio para que eles perseverem, apesar das dificuldades enfrentadas durante o tempo de permanência na universidade, que varia de quatro anos e meio até sete. Muitas

famílias, especialmente aquelas em que os pais que não tiveram a oportunidade de formação universitária, colocam a formação dos filhos como sonhos pessoais não realizados e abrem mão de muitas coisas em favor dessa realização. De outro modo, veem nos filhos uma possibilidade de ascensão social e financeira, ou até mesmo um *status quo*.

Apesar do curso de Fisioterapia estar inserido na área de saúde, os estudantes ainda são inseguros quanto às suas possibilidades e responsabilidades individuais. É preciso trabalhar, desde os primeiros semestres, as questões atitudinais, e falar sobre saúde mental e autocuidado de modo que transversalmente esses conteúdos possam ser trabalhados ao longo de toda a formação.

Estabelecer relações entre a influência familiar e a experiência vivenciada nos estágios supervisionados obrigatórios foi o objetivo do terceiro artigo através das narrativas (auto)biográficas escritas pelos estudantes. Por meio dessas narrativas os estudantes conseguiram refletir sobre a importância da informação em saúde para si e para os seus familiares, de forma a minimizar possíveis danos futuros e negligências existentes. A analogia de alguma comorbidade com os parentes mais próximos também foi relatada por alguns estudantes em função da experiência do cuidar nos estágios. A morte, apesar de pouco falada nos excertos, também apareceu algumas vezes e despertou para uma realidade ainda não pensada pelos estudantes, como aproveitar o momento presente e pensar sobre a vida.

É possível que, dentre tantas possibilidades encontradas nesse estudo, esta temática não se esgote com esses três artigos, necessitando de outros estudos complementares e mais amplos para que se possam abordar outras questões que porventura não tenham sido mencionadas, ou pouco faladas por esse grupo específico de estudantes. Talvez seja interessante também ouvir os docentes que trabalham com estes no final do percurso profissional e, junto com essas narrativas, compreender melhor o papel docente nessa nova era, ou ainda, um estudo comparativo com os estudantes de séries/semestres iniciais.

Sem dúvida, as narrativas (auto)biográficas são uma possibilidade de visitar caminhos não percorridos através das histórias contadas pelos próprios estudantes, sobre sua ótica. À medida que o estudante narra sua história, ele também ouve a si mesmo e também apreende sobre suas escolhas. A experiência de viver o estágio supervisionado obrigatório mais consciente dá ao estudante a oportunidade de refletir, através das histórias dos pacientes, as suas próprias. E, estando bem conectado consigo mesmo, poderá repensar suas atitudes, escolhas e delinear melhor seu futuro.

Nome	Idade	Gênero	Cor da pele autorreferida	Naturalidade	Religião	Renda familiar mensal (em salários mínimos)	Estado Civil	Número de pessoas que moram na casa	É o primeiro da família a realizar um curso superior
Cecília Meireles	26	F	Preta	Araçás	Espírita	R\$ 2.000,00	Solteira	3 pessoas	Não declarado
Monteiro Lobato	26	M	Não declarada	Alagoinhas	Não declarada	Não declarada	Solteiro	Não declarado	Não declarado
Rui Barbosa	23	M	Preta	Sapeaçu	Não declarada	Não declarada	Solteiro	Não declarado	Não declarado
Emili Durkeihn	26	M	Não declarada	Salvador	Não declarada	Não declarada	Solteiro	Não declarado	Não declarado
Hannah Arendt	28	F	Preta	Jaguaquara	Católica	R\$ 2.000,00	Solteira	2 pessoas	Não declarado
Jaqueline Mall	35	F	Preta	Salvador	Católica	R\$ 2.500,00	Casada	4 pessoas	Não
Angela Davies	26	F	Branca	Salvador	Fé em Deus	Não declarada	Solteira	4	Não
Chiquinha Gonzaga	25	F	Preta	Salvador	Não declarada	Não declarada	Solteira	Não declarado	Sim

Quadro 1. Caracterização dos estudantes de Fisioterapia, informantes-chave, Salvador, Bahia, 2019.

REFERÊNCIAS FINAIS DA TESE

1. Abreu-Rodrigues M, Seidl EMF. A importância do apoio social em pacientes coronarianos. *Paid*. 2008;18(40):279-288.
2. de Almeida MEGG, Magalhães AS. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. *Rev Bras Orientac Prof*. 2011 jul-dez;12(2):205-214.
3. Araujo M S, Morais JFS. Histórias e memórias docentes. A escrita de si como possibilidade de autoformação. In: Romão ES, Nunes C, Carvalho JR. (Org.). Educação, docência e memória: Desa(fios) para a formação de professores. Campinas: Librum Editora, 2013. 176p.
4. Araujo MF, Passeggi MC. Processo de biografização em contexto institucional. In: Souza EC, Passeggi MC, Vicentini PP. (Org.). Pesquisa (auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização. Curitiba, 2013. 232p.
5. Araújo LD, Santos ALSF, Rosa A et al. O estágio curricular como práxis pedagógica: representações sociais acerca da criança com deficiência físico-motora entre estudantes de Fisioterapia. *Interface: comunicação, saúde, educação*. 2014;18(48):151-64.
6. Araújo FRA, Caldas MAJ, Batiston AP et al. Estágio curricular para os cursos de Graduação em Fisioterapia: recomendação da Abenfisio. *Suplemento Fisioterapia no Brasil*. 2010 Set/Out;11(5):12-15.
7. Araujo MS, Morais JFS. Histórias e memórias docentes. A escrita de si como possibilidade de autoformação. In: Romão ES, Nunes C, Carvalho JR, editores. Educação, docência e memória: Desa(fios) para a formação de professores. Campinas: Librum; 2013. p. 125 - 140
8. Araujo MF, Passeggi MC. Processo de Biografização em Contexto Institucional. In: de Souza EC, Passeggi MC, Vicentini PP, editores. Pesquisa (auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização. Curitiba: CRV; 2013. p. 139-158.
9. Araujo MF, Passeggi MC. (Auto) Biografias e Documentação Narrativa, Redes de Pesquisa e Formação. Salvador: EDUFBA, 2015. 364p
10. Barbosa CR, Mourão AR de C, Piatti NCTP et al. Atenção integral e integração ensino-serviço no estágio hospitalar de Fisioterapia: relato de experiência. *Cad Edu Saude e Fis*. 2017;4(8 Suppl):89.
11. Bauman, Z. *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
12. Bazon FV, Campanelli EA, Blascovi-Assis SM. A importância da humanização profissional no diagnóstico das deficiências. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v.6, n. 2, p. 89-99, set. 2004.

13. Bondia JL. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Rev. Bras. Educ. (online). 2002 Jan/Abr;(19): 20-28. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.
14. Bock SD. Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica. 3. ed. São Paulo: Cortez;2006. p.159.
15. Boucaut R. OHS students: Reaching a decision about hosting placements. Physiother Theory Pract. 2008 Jan-Fev;24(1):43-53. doi: 10.1080/09593980701686658.
16. Brandão M. Possibilidade de indenização moral ao filho pela ocorrência do abandono paterno filial. 2011. 69 f. Monografia - Curso de Graduação em Direito. Faculdade de Tecnologia e Ciências, Salvador. 2011.
17. Brasil. Conselho Nacional de Educação. Lei nº 4, de 19 de fevereiro de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Fisioterapia. Diário Oficial da União. 04 Mar 2002.
18. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 569, de 08 de dezembro de 2017. Cursos da modalidade educação à distância na área da saúde. Diário Oficial da União. 26 Fev 2018.
19. Brasil. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Estágios de estudantes. Diário Oficial da União. 26 Set 2008.
20. BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre os estágios de estudantes. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm Acesso em: 25 de jul. 2013.
21. - Brasil. Presidência da República. Secretaria de Governo. Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes / Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/docs/juventude/>
22. Carneira MA. Lei de Diretrizes e Bases fácil. 23. ed. Petrópolis: Vozes; 2017
23. Chalu LN, de Camargo MRRM. Memórias inscritas: ou de como palavras tornam-se potentes em caderno coletivo. In: de Souza EC, editor. (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFA; 2015. p. 185 - 200
24. Colliselli L, Tombini LHT, Leba ME et al. Estágio curricular supervisionado: diversificando cenários e fortalecendo a interação ensino-serviço. Rev Bras Enferm. 2009;62(6):932-7.
25. Colognese Collelo S. O adolescente e a escolha profissional. Interações [Internet]. 2000 jan-jun;V(9):111-125. Recuperado de:<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35450909>.
26. - Coulon A, dos Santos GG, Sampaio SMR. A condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

27. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução nº 431, de 27 de setembro de 2013. O exercício acadêmico de estágio obrigatório em Fisioterapia. Diário Oficial da União. 07 Nov 2013.
28. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução nº 444, de 26 de abril de 2014. Parâmetros Assistenciais Fisioterapêuticos nas diversas modalidades prestadas pelo fisioterapeuta. Diário Oficial da União. 20 Out 2014.
29. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução nº 414/2012, que dispõe sobre a obrigatoriedade do registro em prontuário, guarda e descarte. Disponível em: <http://www.coffito.org.br/publicacoes/pub_view.asp?cod=2256&psecao=9>. Acesso em: 25 de jul. 2013.
30. Delory-Momberger C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. Educ Pesqui. 2006 maio-ago;32(2):359-371.
31. Delory-Momberger C. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. Educ Rev. 2011 abr;27(1):p.333-346.
32. Delory-Momberger, C. Narrativa de investigação profissional: um dispositivo de pesquisa-formação sob a forma de uma implicada. In: Souza EC (org.). (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFA, 2015. 364p.
33. Donati P. Família no século XXI: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008. 240p.
30. Domingues RCL, Amaral E, Zeferino AMB. Os diferentes olhares na avaliação de alunos em estágio clínico supervisionado. Rev. Assoc Med Bras. 2009;55(4):458-62.
31. Freitas JV. As redes sociais de indivíduos com tetraplegia: mudanças e permanências [dissertação]. Salvador: Universidade Católica do Salvador; 2014.
32. Fujisawa DS, Oliveira AFR, Rocha VM et al. Padrão de qualidade dos cursos de graduação em fisioterapia no contexto do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES. Suplemento Fisioterapia. Fisioterapia Brasil. 2012 Set/Out;13(4):5-11.
33. Gaida JE, Maloney S, Morgan P. Clinical incidents involving students on placements: an analysis of incidents reports to identify potential risk factors. Physiotherapy. 2015 Jun;101(2):219-25. doi: 10.1016/j.physio.2014.06.006. Epub 2014 Ago 7.
34. Gaiad TP, Sant’Ana D de MG. Análise da eficácia do estágio supervisionado em fisioterapia na formação profissional: uma visão do egresso. Arq. Ciências Saúde. UNIPAR. 2005 Maio;9(2):65-70.
35. Gava MV. Fisioterapia: História, Reflexões e Perspectivas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2004. 160p.
36. Gibson RL. Orientação para escolha profissional. São Paulo: EPU, 1975.
37. Grible N, Ladyshenwsky RK, Parsons R. Fluctuations in the emotional intelligence of therapy students during clinical placements: implications for educators, supervisors, and students. J Interprof Care. 2017 Jan;31(1):8-17. Epub 2016 Nov

38. Gustafesson L, Brown T, Kinstry C et al. Practice education: A snapshot from Australian university programmes. *Aust Occup Ther J.* 2017 Abr;64(2):159-169. doi: 10.1111/1440-1630.12337. Epub 2016 Nov 10.
39. Hammerschmidt KSA, Santo SSC. Comentário sobre o livro *Família: rede, laços e políticas públicas* Physis. 2009;19(4):1203-1208.
40. Hilton R, Morris J. Student placements—is there evidence supporting team skill development in clinical practice settings? *J Interprof Care.* 2001 Maio;15(2):171-83.
41. Horta ALM. et al. Contando histórias familiares: estratégias de aprendizagem no cuidado com a família. *Acta Paulista de Enfermagem.*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 128-33, 2012.
42. Larin H, Wessel J, Shamlan A. Reflections of physiotherapy in the United Arab Emirates during their clinical placements: A qualitative study. *BMC Med Educ.* 2005 Jan;5(1):3.
43. Brasil. Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 13. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. 45p.
44. Levinas E. *Totalidade e infinito*. 3. ed. Lisboa: Edições 70; 2019.
45. Maciel RV, Silva PTG, Sampaio RF et al. Teoria, Prática e Realidade Social: uma Perspectiva Integrada para o ensino de Fisioterapia. *Fisioterapia em Movimento.* 2005 Jan/Mar;18(1):11-17.
46. Marcondes MM, Yannoulas SC. Práticas sociais de cuidado e a responsabilidade do estado. *Rev Art.* 2012 jun-jul;13:pp-174-186.
47. de Mello AF, de Almeida Filho N, Ribeiro RJ. Por uma universidade socialmente relevante. *Atos de Pesquisa em Educação.* 2009 Set/Dez;4(3):292-302.
48. Moira R, Kitchen SS. Exploring physiotherapy students' experiences of interprofessional collaboration in the clinical setting: A critical incident study. *J Interprof Care.* 2007 Jan;21(1): 95–109.
49. Nepomuceno RF, Witter G. Influência da família na decisão profissional: opinião dos adolescentes. *Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 14, n.1, p. 15-22, jan./jun. 2010.
50. Oliveira NR, Santos GM. *Trabalho e sentido para a vida: contribuições da logoterapia para encontrar o sentido da vida no exercício da profissão*. Natal: Offset Editora, 2017.
51. Pedra AO, Blandino RSP, Ferrari M et al. Aproximação da formação do fisioterapeuta na atenção básica em saúde. *Cad Edu Saude e Fis.* 2017;4(8 Suppl):57.
52. Pereira AM de A, Alves TP. Autonomia na disciplina estágio curricular supervisionado. *ESUD 2014: XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância*. 2014 Ago 5-8; Florianópolis, Brasil. p.1389-1403.

53. Pereira ACSO, Rios JAVP. Tornar-se professor universitário; histórias de vida, itinerâncias formativas e desenvolvimento profissional. In: Souza EC, Passegi MC, Vicentini PP. (Org.). Pesquisa (auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização. Curitiba, 2013. 232p.
54. Pereira ACSO, Rios JAVP. O Ensino como prática de investigação-formação: narrativas de professores universitários. In: de Souza EC, editor. (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFA; 2015. P 307 - 326.
55. Pinho AST, de Souza EC, Gallego RC. Encruzilhadas e atravessamento do tempo escolar pelos outros tempos sociais: uma discussão a partir de narrativas de professoras na Ilha de Maré/ Salvador- Ba. In: Vicentini PP, de Souza EC, Passegi, MC, editores. Questões de Ensino e Formação. Pesquisa (auto)biográfica. Curitiba: CRV; 2013. P. 89-110 Pinho AST. O Tempo escolar e o encontro com o outro: do ritmo à simultaneidade [tese]. Salvador: Universidade do Estado da Bahia; 2012.
56. Pinho AST, Ribeiro MN. Percursos de formação e autoformação de estudantes do curso de pedagogia: acolhimento e reconhecimento do outro como forma de emancipação. In: de Souza EC, Demartini ZBF, Gonçalves M, editores. Gênero, diversidade e resistência: escritas de si e experiências de empoderamento. Curitiba: CRV; 2016. p. 217-232
57. Pimenta SG, Anastasiou LGC. Docência no Ensino Superior. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2014. p.171.
58. Pineau G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.
59. Recla AM, Silva MCP, Suzana RGS et al. Experiência vinculado à um projeto de iniciação científica. Cad Edu Saude e Fis. 2018;5(10 Suppl).
60. Brasil. Resolução Nº 139, de 28.11.1992. Dispõe sobre as atribuições do Exercício da Responsabilidade Técnica nos campos assistenciais da Fisioterapia e da Terapia Ocupacional e dá outras providências. (Alterada pela Resolução nº153/1993). Disponível em: http://www.coffito.org.br/publicacoes/pub_view.asp?cod=1066&psecao=9. Acesso em: 20 de jan. 2017.
61. Brasil. Resolução Nº 153, de 30.11.1993, que fixa a relação máxima de preceptor/acadêmico, quando o estágio curricular for promovido diretamente por Instituição de Ensino Superior. Disponível em: http://www.coffito.org.br/publicacoes/pub_view.asp?cod=1080&psecao=9. Acesso em: 25 de jul. 2016.
62. Ribeiro MA. A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. Pesqui Prat Psicossociais. 2010 jan-jul;5(1):120-130.
63. Santana TC, Pimenta MA de A. Avaliação no Estágio em Fisioterapia sob a Ótica de Professores e Estudantes. Meta: Avaliação. 2013;5(15):272-297.

64. Santos LMM. O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005.
65. SEMESP. Mapa do ensino superior 2015. Disponível em: <http://convergenciacom.net/pdf/mapa-ensino-superior-brasil-2015.pdf>. Acesso em: 27 de jul. 2016.
66. Signorelli MC et al. Um projeto político-pedagógico de graduação em Fisioterapia pautado em três eixos curriculares. *Fisioterapia em Movimento*, Curitiba, v. 23, n. 2, abr./jun., 2010.
67. da Silva AV. O gênero memorial na pesquisa (auto)biográfica: concepções e percursos metodológicos. In: de Souza EC, editor. *(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFA; 2015. p. 201 - 218p
68. Silva AV. O gênero memorial na pesquisa (auto)biográfica: concepções e percursos metodológicos. In: Souza EC. (Org.). *(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFA, 2015. 364p.
69. Silva JJ. O papel da família na escolha profissional. São Paulo: Yendis Editora, 2006. 130p.
70. Simionato MAW, Oliveira RGO. Funções e transformações da família ao longo da história. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia; 2003 nov; Curitiba. Curitiba: ABPppr; 2003. p. 57-66.
71. Sluzki CE. A rede social na prática sistêmica. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1997.
72. Soares DHP. O Jovem e a Escolha Profissional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
73. Soligo R. Uma forma narrativa privilegiada na pesquisa: a carta. In: Bragança IFS, Nakayama B CMS, Tinti DS, editores. *Narrativas, formação e trabalho docente*. Curitiba: CRV; 2018. p. 63-76.
74. de Souza EC. Vim aqui para ficar com os “comigos de mim”. In: Sússekind ML, Garcia A. (Org.). *Universidade – escola: Diálogos e formação de professores*. Petrópolis. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011. 176p.
75. de Souza EC, Portual JF, Silva AV. Ensino e Pesquisa – Estágio e Formação. Diálogos cruzados sobre experiências de vida- formação. In: Romão ES, Nunes C, Carvalho JR. (Org.). *Educação, docência e memória: Desa(fios) para a formação de professores*. Campinas: Librum Editora, 2013. 176p.
76. de Souza EC. (Org.). *Memória, (auto) biografia e diversidade: Questões de método e trabalho docente*. Salvador: EDUFBA, 2011. 448p.
77. de Souza EC, Passeggi MC, Vicentini PP. (Org.). *Pesquisa (auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização*. Curitiba: CRV, 2013. 231 p.

78. de Souza EC, Portual JF, da Silva AV. Ensino e Pesquisa – Estágio e Formação. Diálogos cruzados sobre experiências de vida- formação. In: Romão ES, Nunes C, Carvalho JR, editores. Educação, docência e memória: Desa(fios) para a formação de professores. Campinas: Librum; 2013. p. 47-62
79. de Souza EC. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. Educ. 2014 jan-abr;39(1):39-50.
80. Stranb RO. Psicologia da Saúde. Porto Alegre: Artmed, 2005
81. Sussekind ML. O Estágio como entrelugar nos relatos de formação IN: Sussekind ML, Garcia A. Diálogo e formação de professores. Petrópolis: Universidade Escola, 2011. 35p.
82. Tedesco JC. Os fenômenos de segregação e exclusão social na sociedade do conhecimento. Cad Pesqui. 2002 nov;117:13-28.
83. Timby BK. Conceitos e habilidades Fundamentais no Atendimento de Enfermagem. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 950p.
84. Torres MMO, Soares SR. Qualidade do ensino: como docentes pesquisadores encaram esse desafio da universidade contemporânea? In: Soares S, Martins ES. (Org.). Qualidade do ensino: Tensões e desafios para os docentes universitários na contemporaneidade. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 297.
85. Valore LA. A problemática da escolha profissional: a possibilidades e compromissos da ação psicológica In: Silveira AF, Gewehr C, Bonin LFR, Bulgacov YLM, editores. Cidadania e participação social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; 2008. p. 66-76.
86. Varjabedian D, Raymundo CS, Guazzelli ME et al. Limites e possibilidades para a efetivação da integralidade na atenção à saúde: o Cenário de ensino em questão. ABCS Health Sci. 2015;40(3):208-213.
87. Viana RT et al. O estágio extracurricular na formação profissional: a opinião dos estudantes de Fisioterapia. Fisioterapia e Pesquisa, v.19, n. 4, p. 339-344, 2012.
88. Violani, S. Educação, Família e Sociedade. In: Petrini JC, Moreira LVC, Alcântara MAR. (Org.) Família XXI: entre pós-modernidade e Cristianismo. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003. 308p.
89. Yamashita CH, Gaspar JC, Amendola F, Alvarenga MRM, Oliveira MAC. Rede social de cuidadores familiares de pacientes com incapacidades e dependência. Rev Esc Enferm USP. 2014;48(Esp):097-103.
90. Zabalza MA. O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária. São Paulo: Cortez; 2014.